



Aula 09 – Interpretação: Texto jornalístico

*Gramática e Interpretação de
texto - ITA 2021*

Professora Celina Gil

Sumário

Sumário

Apresentação	3
1 – O que é Jornalismo	3
1.1 – Principais fundamentos	6
Liberdade	6
Credibilidade	7
1.2 – Gêneros	11
Informativo	11
Interpretativo	16
Opinativo	18
2 – Reportagem	23
2.1 - Estrutura	24
Manchete	24
Subtítulo	25
Lide	25
Corpo da reportagem	26
3 – Crônica	30
4 – Exercícios	35
4.1 – Lista de Exercícios	36
4.2 - GABARITO	63
4.3 – Exercícios comentados	64
Referências	105
Imagens	105
Considerações finais	105



Apresentação

Olá!

O texto jornalístico é um dos gêneros mais comuns nas provas de vestibulares. Nessa aula, vamos aprender a interpretar os dois gêneros de textos jornalísticos mais comumente utilizados nos vestibulares: **reportagem** e **crônica**. É importante que você saiba identificar os aspectos principais de cada uma delas para interpretar os textos mais facilmente.

Para isso, num primeiro momento, vamos pensar no texto jornalístico em si: o que é, como pode ser feito, com que objetivos, etc. Só então vamos entrar na análise detalhada dos gêneros escolhidos. Você não precisa decorar tudo, e sim ser capaz de identificar a estrutura geral dos textos.

E não se esqueça:

O hábito de ler jornais e revistas, de diferentes perfis, ajuda a entender melhor o texto jornalístico e como interpretá-lo!

Se você ainda não tem o hábito de ler textos jornalísticos, isso precisa mudar já!

NOS ÚLTIMOS 10 ANOS, O ITA TEVE 22 TEXTOS JORNALÍSTICOS PARA INTERPRETAÇÃO NO VESTIBULAR!

Por isso, tire alguns minutos do seu tempo para ler textos jornalísticos para se habituar com a linguagem.

Vamos lá?

1 – O que é Jornalismo

O que é exatamente o jornalismo? E o que é um texto jornalístico?

O jornalismo se baseia na ideia de **informar**. É uma atividade que se realiza de maneira periódica regular, podendo ser diária, semanal, mensal ou até anual. **O jornalismo é difundido através dos meios de comunicação de massa.**



Blog X Meios de comunicação de massa

Com o avanço da comunicação na internet, muitas vezes esses dois conceitos se misturam. Lembre-se da diferença entre eles:

Blog: Espécie de diário online em que o autor escreve sua opinião livremente sobre qualquer assunto desejado. São criados por **blogueiros** com o objetivo de **opinar**, sem necessidade de fundamentar com dados ou depoimentos.

Meio de comunicação de massa: Podem ser mídias impressas, audiovisuais ou digitais. Possuem técnicas específicas para a produção de seus textos. São alimentados por jornalistas com o objetivo de **informar** de maneira fundamentada.



Portanto, o jornalismo lida com dados factuais e a divulgação desses dados. É uma atividade **comunicativa** que deve levar em conta a pertinência dos fatos: o que vale a pena ser divulgado, para quem e por que razão? Talvez não interesse para o Brasil a construção de uma nova linha de metrô em Tóquio, mas certamente interessa saber que haverá uma extensão no prazo de entrega do Imposto de Renda. Por isso, o jornalista deve **selecionar** o que dizer.

Como vimos acima, há a possibilidade de haver jornalismo em diversos meios:



Mídia impressa: jornais, revistas, folhetos, panfletos, tablóides, etc.



Mídia audiovisual: televisão, rádio, cinema, vídeo, etc.



Mídia digital: internet.

Aqui nos interessa analisar com maior profundidade a **mídia impressa** e a **mídia digital**, pois vamos tratar de **textos jornalísticos verbais**. Antes de nos aprofundarmos nos gêneros de textos jornalísticos em si, vamos ver alguns termos comuns no jornalismo. Eles serão importantes para que você entenda os processos de criação dos textos. Volte nesse glossário ao longo do material quantas vezes forem necessárias.

Glossário de Jornalismo	
Apuração	Levantamento de dados para compor uma matéria.
Barriga	Matéria com erros ou falsa, que foi recebida com estardalhaço, porém acaba sendo desmentida. Um “furo” que deu errado.
Em off	Informação confidencial dada ao jornalista com a condição de não ser publicada.
Fonte	De onde procede a informação. Pode ser uma pessoa ou um documento.
Furo	Informação importante divulgada apenas por um veículo, antes de todos.
Gancho	Informação que conecta o assunto da matéria a outros do jornal ou da vivência do leitor. Modo como o assunto será desenvolvido.
Informação vazada	Informação sigilosa divulgada pela imprensa.
Pauta	Principais assuntos a serem divulgados na edição do veículo.



Wikileaks

Em 2006, ocorreu uma das situações mais conhecidas envolvendo informações vazadas para a imprensa: a criação do **Wikileaks** (do inglês, “leaks” = vazamentos).

A organização sem fins lucrativos publica em seu site **informações confidenciais**, como documentos, vídeos e fotografias, fornecidas por **fontes anônimas**. Essas informações são tanto sobre **governos e políticos**, como sobre **empresas privadas**.

Apesar de ter sido fundado em 2006, o site ganhou maior repercussão em 2010, após vazar, em grande quantidade, documentos sigilosos do exército americano acerca da Guerra do Afeganistão. Num primeiro momento, o Wikileaks entrega as informações para grandes jornais, como New York Times, The Guardian e Der Spiegel. Só então, os documentos são publicados no seu próprio site. A organização, portanto, possui forte colaboração com a imprensa.

Outras informações vazadas pelo Wikileaks foram documentos sobre a Guerra do Iraque, e-mails da pré-candidata à presidência americana em 2016, Hillary Clinton e provas de espionagem por parte da NSA (Agência de Segurança Nacional americana) a governos de diversos países, inclusive o Brasil.

O principal porta-voz da Wikileaks é o ciberativista* Julian Assange. Assange é matemático, programador e hacker. Devido a seu trabalho com o site, ganhou diversos prêmios ao redor do mundo. Após uma denúncia de abuso sexual, Assange foi extraditado para a Suécia. Em 2019, foi preso na embaixada do Equador em Londres, após a suspensão do acordo de extradição que garantia sua liberdade.



O Wikileaks se tornou uma fonte confiável de informações, pois suas informações vazadas se mostraram verdadeiras. Por isso e por seus contatos com jornais respeitáveis, suas informações exercem grande influência na política e nos governos.

*nome dado a pessoas que se envolvem com ativismo via internet.

1.1 – Principais fundamentos

Para que haja jornalismo, dois fundamentos são fundamentais: **liberdade** e **credibilidade**. Esses dois elementos se influenciam mutuamente.

Liberdade

Para que o jornalismo possa acontecer é preciso que haja liberdade para escrever sobre qualquer assunto ou pessoa. Principalmente quando o jornalismo precisa se debruçar sobre questões sociais ou políticas, é importante que os jornalistas possam ter a segurança de não sofrer represálias por seus textos. A liberdade de imprensa é o sinal da independência do jornalismo.

Por que é importante que o jornalismo seja independente?

Porque **ele não pode ser obrigado** a elogiar ou vituperar alguém. Se ele só fala bem de uma pessoa, ele está fazendo propaganda, não jornalismo. Um bom jornalista fala o que precisa ser falado, no momento em

vituperar: falar mal, insultar, caluniar, manifestar desaprovação.

que for necessário, de maneira independente. Isso é o que garante que um texto jornalístico seja levado a sério e cumpra seu papel informativo. A longo prazo, veicular notícias que não se quer ouvir, mas que se precisa ouvir, é uma maneira de ser considerado um meio de comunicação confiável.



ESCLARECENDO

O que pode acontecer quando um jornal ou um jornalista não têm liberdade para trabalhar? Em janeiro de 2015, o jornal Charlie Hebdo sofreu um atentado terrorista. Conhecido por seu caráter satírico, o jornal francês costuma produzir capas com charges polêmicas, com fortes críticas a políticos, religiões e eventos atuais. O ataque foi realizado por dois irmãos, vinculados a grupos fundamentalistas religiosos, como represália ao tratamento crítico ao Islamismo por parte do jornal. 12 pessoas foram mortas, entre jornalistas e policiais.



www.shutterstock.com • 242368207



Credibilidade

A credibilidade demonstra o quanto um jornal é confiável ou não. Ter credibilidade significa que os leitores terão mais certeza que aquilo que o jornalista escreveu possui informações verdadeiras. Por isso, um jornal que tenta agradar demais um grupo ou pessoa acaba sendo considerado **tendencioso** e, por isso, as informações que ele veicula podem ser passíveis de desconfiança.

Um dos elementos que aumenta a credibilidade de um veículo jornalístico são suas fontes. Quando informações vazadas por um jornal se comprovam verdadeiras, os leitores entendem que aquele veículo é de confiança. O mesmo ocorre em relação às fontes consultadas: quando um veículo publica fielmente aquilo que a fonte disse, os informantes entendem que aquele jornal tem credibilidade.



A Al Jazeera é o canal de notícias mais importante do Oriente Médio atualmente. Apesar de ter sido fundado em 1996, a emissora ganhou notoriedade em 2001, após os atentados terroristas de 11 de setembro. Por estar mais próxima geograficamente dos conflitos e possuir fontes bem informadas e confiáveis, a Al Jazeera foi o canal que pôde cobrir com maior rapidez e precisão a Guerra do Afeganistão (2001) e a Invasão do Iraque (2005).

Ao invés de mandar correspondentes, muitos jornais do mundo passaram a utilizar as informações apuradas pela Al Jazeera. Assim, o canal que até então era pouco conhecido no ocidente, se tornou um veículo com credibilidade para assuntos do Oriente Médio.



ALJAZEERA

Quão mais precisas se mostrarem as fontes de um jornal, mais confiança ele ganha por parte dos leitores. Cometer erros, porém, não é necessariamente um fator de perda de credibilidade. Tudo depende de como o jornal lida com o erro. Se o veículo se retrata e admite seu erro, por exemplo,

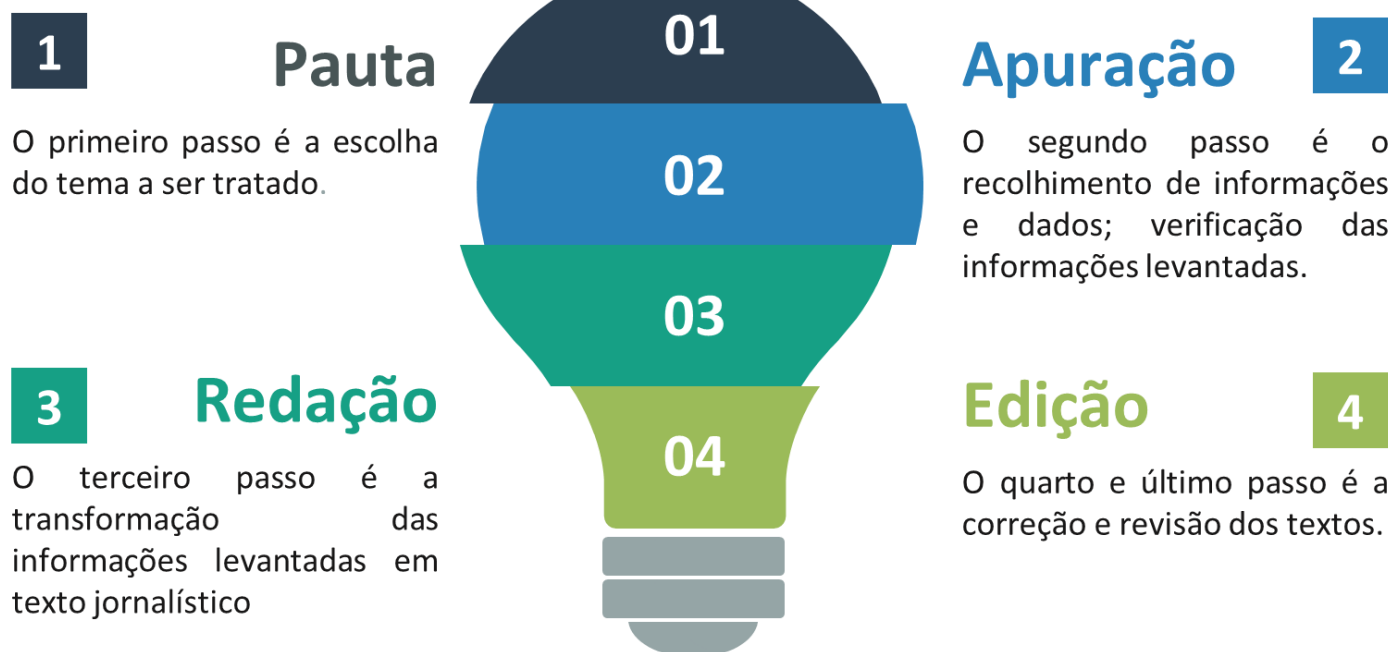
pode ser visto como um meio preocupado em informar bem às pessoas. **Corrigir um erro pode ser um fator de aumento de confiança.**

Outro elemento importante para garantir credibilidade é a objetividade do texto. Gaye Tuchman (1993) define quatro procedimentos para que uma notícia tenha objetividade:

- **Apresentação de possibilidades conflituais:** um jornalista deve ouvir todos os lados de uma mesma história para escrever uma matéria;
- **Apresentação de provas auxiliares:** dados externos que possam confirmar aquilo que está sendo dito, como dados, pesquisas, entre outros.
- **O uso judicioso das aspas:** utilizar, tanto quanto possível, as falas dos envolvidos do modo exato como foram ditas, entre aspas.
- **A estruturação da informação numa sequência apropriada:** dispor as informações no texto de acordo com sua ordem de importância, identificando o que deve ficar em cada parte do texto.



Você sabe como funciona o passo a passo da composição de um texto jornalístico?





FAKE NEWS?

O termo “fake news” (**notícias falsas**, em inglês) se tornou muito conhecido nos últimos tempos. A primeira vez que apareceu com força foi nas eleições americanas de 2016, entre Donald Trump e Hillary Clinton, em que os candidatos se acusaram mutuamente de produzir notícias falsas com o objetivo deliberado de prejudicar a campanha um do outro.



Essencialmente, uma notícia falsa é redigida com o objetivo de legitimar uma ideia ou deslegitimar algo/alguém. As principais características sobre as fake News são:

- **Seu alto poder de persuasão**, independente do grau de escolaridade ou classe social do leitor; e
- **Seu grande poder viral**, já que são fortemente ligadas à comunicação e difusão de informações na internet, sendo principalmente divulgadas em redes sociais.

Essas são justamente as características que diferem as fake news das informações falsas criadas por escritores ao longo da história: **por serem fortemente ligadas à internet, as fake news se espalham rapidamente e são de difícil apuração**. A origem das informações fica difusa, o que torna mais difícil checar as fontes ou dados que poderiam corroborá-las.

Por isso, é muito importante que você seja capaz de fazer uma leitura crítica daquilo que é veiculado nas mídias digitais.

O tema é certamente muito relevante para o contemporâneo. Em 2016, o Dicionário da Oxford elegeu “pós-verdade” como a palavra do ano. Em 2017, o tema de redação do ITA foi sobre o potencial manipulador das mídias. Isso indica que esse tema não deve se repetir no ITA tão cedo, porém, **como o IME ainda não explorou o tema, há chances que ele possa aparecer nesse ano!** É melhor você ficar ligado nesse conceito!





A IFLA bolou um infográfico para ajudar a identificar notícias falsas:

COMO IDENTIFICAR NOTÍCIAS FALSAS



CONSIDERE A FONTE

Clique fora da história para investigar o site, sua missão e contato.



LEIA MAIS

Títulos chamam a atenção para obter cliques. Qual é a história completa?



VERIFIQUE O AUTOR

Faça uma breve pesquisa sobre o autor. Ele é confiável? Ele existe mesmo?



FONTES DE APOIO?

Clique nos links. Verifique se a informação oferece apoio à história.



VERIFIQUE A DATA

Repostar notícias antigas não significa que sejam relevantes atualmente.



ISSO É UMA PIADA?

Caso seja muito estranho, pode ser uma sátira. Pesquise sobre o site e o autor.



É PRECONCEITO?

Avalie se seus valores próprios e crenças podem afetar seu julgamento.



CONSULTE ESPECIALISTAS

Pergunte a um bibliotecário ou consulte um site de verificação gratuito.

Tradução: Denise Cunha

1.2 – Gêneros

Um texto jornalístico pode se direcionar a público diversos e possuir objetivos muito diferentes. Além disso, pode ser produzindo em diferentes formatos. Pode-se classificar um texto jornalístico em três gêneros: **informativo**, **interpretativo** e **opinativo**.

Informativo

Um texto informativo é aquele que se costuma pensar quando se fala em jornalismo. Ele trabalha sobre aquilo que é a base do texto jornalístico: a **informação**. Seu objetivo é **informar sem emitir juízo de valor**. São exemplos de textos jornalísticos informativos:

Entrevista

- Texto que envolve perguntas e respostas, entre um entrevistador (quem pergunta) e um entrevistado (quem responde).
- Costuma mesclar uma linguagem mais formal com uma mais informal, já que conta com as marcas da oralidade (de quando a entrevista foi feita presencialmente).
- É apresentado na forma do discurso direto.

Nota

- Texto muito curto, que passa apenas as informações mais básicas, sem aprofundamento.
- Geralmente não contam com declarações de envolvidos.
- Podem falar sobre eventos passados que tiveram menor relevância ou sobre fatos que ainda estão em curso e, portanto, ainda não se tem informação suficiente para escrever nada além de uma nota.

Notícia

- Texto jornalístico cuja pauta se baseia em fatos ocorridos no momento presente, ou seja, fala sobre eventos que influenciam diretamente na data da publicação. É factual: não procura causas e consequências do evento relatado.
- São textos curtos e simples, sem grandes análises ou aprofundamento na opinião do jornalista/veículo de comunicação. Podem contar com citações dos envolvidos, no entanto.
- Devem ser apurados rapidamente e publicados enquanto ainda possuem relevância para o tempo presente.

Release

- Também conhecido como comunicado de imprensa (ou press release).
- É um texto feito para comunicar algo importante à própria imprensa.
- É usado comumente pelos órgãos públicos ou empresas, podendo contar com informações práticas, como horários de abertura, valores, e-mails e telefones para contato, etc.

Vamos ver exemplos de cada um desses tipos de texto:



Entrevista

Trecho da entrevista da escritora Elena Ferrante para o Los Angeles Times, traduzida por Fabiane Secches.

Você se lembra de quando lhe ocorreu a ideia de escrever A amiga genial?

Não sou capaz de dar uma resposta precisa. A origem pode ter sido a morte de uma amiga, ou uma festa tumultuada de casamento, ou talvez a necessidade de retornar aos temas e às imagens do romance anterior, A filha perdida. Ninguém sabe exatamente de onde vem uma história, ela é fruto de uma variedade de sugestões que, junto com outras de que sequer nos damos conta, estimulam nossa mente.

Você soube desde o início que precisaria de quatro volumes para contar a história completa?

Não. No primeiro rascunho, a história de Lila e Lenù se encaixaria facilmente em um único volume extenso. Quando comecei a desenvolver a primeira versão é que entendi que haveria dois, três, quatro volumes.

A história toda foi planejada de antemão, antes que o processo de escrita de fato começasse?

Não, nunca planejo minhas histórias. Um esboço detalhado é o suficiente para me fazer perder o interesse. Até mesmo um breve relato oral compromete o desejo de escrever aquilo que eu tinha em mente. Sou daquelas que começam a escrever sabendo apenas algumas características essenciais da história que pretendem contar. O restante se descobre a cada linha.

Fabiane Secches, 23/05/2018. Disponível em < <https://medium.com/@fabianesecches/elena-ferrante-em-entrevista-rara-autora-comenta-o-processo-de-escrita-da-tetralogia-napolitana-892bc0b840c7> > Acesso em 09 abr.2019.



Apesar de ser um texto informativo, uma entrevista pode conter traços opinativos a depender de uma série de fatores. Algumas questões podem influenciar na elaboração das perguntas e encaminhamento da entrevista:

- Linha editorial do veículo publicado;
- O público alvo da entrevista; e
- O perfil do jornalista.

Por isso, **a entrevista é um texto de gênero misto: informativo e opinativo.**

Veja um exemplo de questão de vestibular que discute justamente esse caráter pouco fixo dos gêneros a partir da entrevista:



(FUVEST - 2012)

Leia o seguinte trecho de uma entrevista concedida pelo ministro do Supremo Tribunal Federal, Joaquim Barbosa:

Entrevistador: – O protagonismo do STF dos últimos tempos tem usurpado as funções do Congresso?

Entrevistado: – Temos uma Constituição muito boa, mas excessivamente detalhista, com um número imenso de dispositivos e, por isso, suscetível a fomentar interpretações e toda sorte de litígios. Também temos um sistema de jurisdição constitucional, talvez único no mundo, com um rol enorme de agentes e instituições dotadas da prerrogativa ou de competência para trazer questões ao Supremo. É um leque considerável de interesses, de visões, que acaba causando a intervenção do STF nas mais diversas questões, nas mais diferentes áreas, inclusive dando margem a esse tipo de acusação. Nossas decisões não deveriam passar de duzentas, trezentas por ano. Hoje, são analisados cinquenta mil, sessenta mil processos. É uma insanidade.

Veja, 15/06/2011.

Tendo em vista contexto, a palavra do texto que sintetiza o teor da acusação referida na entrevista é

- a) “usurpado”.
- b) “detalhista”.
- c) “fomentar”.
- d) “litígios”.
- e) “insanidade”.

Comentários

Por ser um texto informativo, uma entrevista não deveria utilizar palavras que exprimissem uma opinião. Deve-se considerar, porém, que a linha editorial do veículo publicado, o público alvo da entrevista e o perfil do jornalista podem influenciar na elaboração das perguntas. Por isso, **a entrevista é um texto de gênero misto: informativo e opinativo**. Perceba que no contexto, na pergunta do entrevistador, o termo “usurpador” apresenta uma carga forte e acusatória. Para responder à questão, bastava aliar o sentido das palavras ao de “acusação”. A alternativa correta, portanto, a alternativa A.

Alternativa B está incorreta, pois o entrevistado usa “detalhista” apenas como constatação, uma opinião dele. Possui carga neutra em relação à acusação.

Alternativa C está incorreta, pois “Fomentar” significa criar meios para o crescimento; causar, provocar, e também possui carga neutra em relação à acusação.

Alternativa D está incorreta, pois “Litígios” (que significa controvérsia, conflito) até pode manifestar valor negativo, mas não se alia ao sentido de acusação.

Alternativa E está incorreta, pois “Insanidade” denota loucura. O entrevistado usou “insanidade” por exemplo como emissão de um juízo de valor dele. Ele justifica o fato de o STF



precisar fazer muitas intervenções, porque a Constituição é muito detalhista. Porém, para alguns, “intervenção” pode ser considerado sinônimo de “usurpação”.

Gabarito: A

Nota

CONFERÊNCIA

O sociólogo Michel Löwy dará uma conferência na terça-feira, às 14h30, no Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (av. Professor Luciano Gualberto, 374, SP). Informações pelo tel. 011/818-3919.

Folha de São Paulo, 12/10/1997. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs121019.htm> > Acesso em 08 abr.2019.

Notícia

Prefeitura de São Paulo assina escritura de terreno do Parque Augusta

Depois de muitas idas e vindas, a Prefeitura de São Paulo assinou no último sábado (06) a escritura do terreno do futuro parque Augusta.

A previsão é que o espaço de vinte e quatro mil metros quadrados seja entregue à população no ano que vem.

Um acordo celebrado em setembro entre o município, Ministério Público estadual e as construtoras Cyrela e Setin possibilitou a doação da área por elas. Prefeito de São Paulo, Bruno Covas, diz que as empresas também têm algumas obrigações. “São responsáveis pela construção do parque e vão repassar recursos à Prefeitura para que a gente possa fazer a manutenção do parque”, diz.

Apesar disso, as construtoras não vão sair de mãos abanando. O promotor Silvio Marques explica que existe um instrumento do plano diretor da cidade que dá direitos e compensações às empresas. “As empresas pagaram por esse terreno, então elas têm que ter algum direito. O que elas iriam construir aqui, vão construir em outro lugar”, explica.

O parque deverá ter equipamentos para ginástica, esportes urbanos, espaço para passeio de cachorros, além da área de mata atlântica preservada.

Originalmente, o terreno contemplou as sedes colégios Des Oiseaux e Santa Mônica, com atividades encerradas na década de mil novecentos e sessenta.

* As informações são do repórter Tiago Muniz

Jovem Pan - 08/04/2019. Disponível em < <https://jovempan.uol.com.br/programas/jornal-da-manha/prefeitura-de-sao-paulo-assina-escritura-de-terreno-do-parque-augusta.html> > Acesso em 08 abr.2019.





Normalmente, as notícias se focam em responder a algumas perguntas sobre o fato noticiado. Ainda que não precise seguir essa ordem especificamente, as notícias tendem a expor informações que respondam a:

O quê?
Quem?
Quando?
Onde?
Como?
Por quê?

Release

Fragmento do release do Museu da Imigração do Estado de São Paulo, anunciando a retomada de atividades do museu que estava fechado há anos:

Museu da Imigração do Estado de São Paulo

Após o período de restauro, instituição reabre com novo plano museológico, exposição de longa duração e agenda diversificada de programações culturais

Com reinauguração realizada em maio de 2014, o Museu da Imigração, instituição da Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, reabriu suas instalações com novo plano museológico e exposição de longa duração, completamente reformulada. O prédio, tombado pelo Conpresp e pelo Condephaat, passou pelo primeiro restauro completo desde que teve sua construção finalizada, em 1888, com investimento de R\$ 20 milhões do Governo do Estado de São Paulo. Sediado no edifício da antiga Hospedaria do Brás - patrimônio público e importante ícone da história do estado e da cidade de São Paulo – o Museu da Imigração retoma as atividades com o objetivo de compreender e refletir o processo migratório a partir da história das 2,5 milhões de pessoas, de mais de 70 nacionalidades, que passaram pelo prédio entre os anos de 1887 e 1978.

A visita ao Museu inclui os espaços expositivos, jardim, café e área de convivência. O MI contará também com o Acessa SP, programa de inclusão digital que disponibilizará oito estações com computadores para acesso gratuito e livre à internet. A parceria com o programa busca fomentar a interação da população com as novas tecnologias da informação e comunicação, contribuindo para o desenvolvimento social, cultural, intelectual e econômico de paulistas e das comunidades de imigrantes, migrantes e descendentes. A Maria Fumaça, gerida pela Associação Brasileira de Preservação Ferroviária, permanece com saídas regulares e pagas.



Para a retomada das atividades, o MI preparou uma programação cultural que contempla diversos públicos. A agenda conta com apresentações de teatro, dança, música, oficinas e palestras sobre o patrimônio relacionado aos processos migratórios ligados à São Paulo. A localização do Museu - entre a Mooca e o Brás - privilegia o debate que envolve questões relativas à memória da cidade. No entorno, a herança da grande imigração - que ocorreu no fim do século XIX e início do XX - convive com os fluxos contemporâneos e com os traços de outras regiões do País. De acordo com Marília Bonas, diretora executiva da instituição, “a proposta é que o Museu se torne um espaço de articulação, promovendo reflexões sobre a experiência do deslocamento e a construção da identidade paulista a partir de múltiplas origens”.

Assessoria de Comunicação do Museu da Imigração, 11/10/2005. Disponível em <<http://museudaimigracao.org.br/wp-content/uploads/2014/06/release-Museu-da-Imigracao.pdf>> Acesso em 09 abr.2019.



Os próximos dois gêneros são os mais importantes para o vestibular. São os que costumam ser mais utilizados em questões de interpretação de texto.

Interpretativo

Um texto interpretativo trabalha com a análise. Seu objetivo é **se aprofundar em algum assunto e analisa-lo**, buscando cobrir hipóteses de causa e consequência, dados de diversas fontes e leituras críticas do tema, **podendo emitir opinião sobre o objeto tratado**. Podem ser mais longos e mais complexos, dependendo da quantidade de informação levantada para cobrir a análise. São exemplos de textos jornalísticos interpretativos:

Crítica / Resenha

- Análise interpretativa de algum objeto, comumente associada a produtos culturais ou artísticos.
- Exige aprofundamento no tema, buscando informações externas a ele e emissão de juízo de valor.
- Permite informalidade na escrita.

Reportagem

- Aprofundamento da notícia: além de informar, interpreta o fato citado.
- Pode ou não se referir a um fato do tempo presente, ou seja, não se prende à cobertura dos fatos, mas sim à sua análise.
- Maior extensão e multiplicidade de fontes.

Vamos ver exemplos de cada um desses tipos de texto:



Crítica ou resenha

Trecho da crítica de João Felipe Marques à série “O mundo sombrio de Sabrina – Parte 2”:

A segunda parte de O Mundo Sombrio de Sabrina se mostra mais propensa aos moldes da TV aberta americana em uma sequência de episódios com altos e baixos, compondo uma temporada irregular, mas que apresenta estímulos suficientes para agradar o seu público-alvo sem muita dificuldade.

A produção de O Mundo Sombrio de Sabrina é um caso curioso. Originalmente pensada como uma série derivada de “Riverdale”, a bruxaria de Greendale parece cada vez mais distante desta proposta original, ainda que reproduza diversos moldes narrativos e apelos comuns às séries da CW. Esta segunda parte, então, aproveita esta abordagem com menos restrição do que a primeira leva de episódios, que procuravam estabelecer a série como uma obra mais “prestigiosa” do que suas comparações.

Tal execução carrega diversos benefícios que não são nem um pouco desconhecidos do cenário televisivo. Aqueles que apreciam o conforto de acompanhar tramas adolescentes em ambientes fantásticos com certeza irão se sentir envolvidos pelas desventuras de Sabrina na escola de bruxas que domina a primeira metade desta segunda parte. Diversas sequências procuram agradar este público cativo com as típicas dinâmicas luxuriosas entre os atrativos alunos desta escola, com o terceiro episódio marcando um ápice desta estratégia, que pode ser tudo que os fãs querem ver de uma série como esta, ou pode incomodar espectadores que esperam uma abordagem mais madura.

*Observatório do cinema, 05/04/2019. Disponível em
<<https://observatoriodocinema.bol.uol.com.br/criticas/criticas-de-series/2019/04/o-mundo-sombrio-de-sabrina-critica-parte-2>> Acesso em 09 abr.2019.*

Reportagem

Trecho da reportagem de Luís Costa, “Com pauta antimanicomial, bloco de carnaval quer desconstruir estigma da loucura”:

“Estou no Hospício ou, melhor, em várias dependências dele, desde o dia 25 do mês passado. Estive no pavilhão de observações, que é a pior etapa de quem, como eu, entra aqui pelas mãos da polícia.” Lima Barreto abriu com essas linhas o seu diário no dia 4 de janeiro de 1920, dias depois de ser levado ao Hospício Nacional de Alienados, após crises por consumo excessivo de álcool. Morto em 1922, o escritor, feito estandarte, agora volta ao mesmo lugar, às margens da praia carioca de Botafogo, em meio à folia insana do carnaval.

Lima Barreto é o enredo do Tá pirando, tá pirado, pirou, bloco de carnaval que reúne pacientes (ou usuários, como alguns preferem ser chamados) e profissionais da rede pública de saúde mental do Rio de Janeiro. O “barracão” funciona no Instituto Philippe Pinel, hospital de referência no atendimento a pacientes com quadro psicótico agudo. Foi



ali ao lado, no prédio vizinho onde hoje está instalado o Palácio Universitário da UFRJ, que Lima passou seus dias de asilado de manicômio.

Criado há 15 anos na esteira de um duplo movimento – a volta dos carnavais de rua e a reforma psiquiátrica –, o Tá pirando tenta desconstruir estereótipos sobre a loucura. Um dos fundadores do bloco, o psicanalista Alexandre Wanderley cita o conceito de “duplo da doença mental”, do psiquiatra italiano Franco Basaglia (1924-1980), para quem a exclusão não é efeito só dos muros do hospício, mas também da resistência à diferença. “Muitas pessoas ficam admiradas quando percebem a qualidade de uma composição musical ou a participação ativa dos usuários na organização do desfile”, afirma.

Revista Cult, 25/02/2019. Disponível < <https://revistacult.uol.com.br/home/ta-pirando-ta-pirado-pirou-carnaval/>> Acesso em 09 abr.2019.

Opinativo

Um texto opinativo trabalha com a **visão do autor**. É permitido nesse tipo de texto criticar ou elogiar algo, alguém, uma situação, evento, entre outros. Há duas questões essenciais no texto opinativo: a **autoria**, ou seja, de quem é a opinião transmitida; e o **ângulo**, ou seja, a perspectiva de tempo, lugar de publicação e referência que motiva a escrita. Esses dois elementos é que dão sentido a um texto de opinião. Esses são os tipos mais importantes:

Artigo

- Texto opinativo, normalmente escrito por colaboradores eventuais ou jornalistas convidados.
- Muitas vezes é chamado de artigo de opinião.
- Sua redação é bastante semelhante à de um texto dissertativo, contando com introdução, desenvolvimento e conclusão.

Crônica

- Texto que equilibra referências a fatos corriqueiros ou eventos que se deram no presente, elaborações filosóficas ou metafóricas e, muitas vezes, elementos narrativos.
- É um tipo bastante popular no Brasil desde o século XIX.
- É escrita em linguagem informal e despretenciosa, gerando aproximação com o público.

Editorial

- Textos que costumam aparecer no início das edições, expondo o posicionamento do jornal e da equipe de jornalistas.
- Por vezes, pode vir intitulado como "Carta ao leitor" ou "Carta do editor".
- São textos normalmente curtos e sintéticos, por vezes apresentando um resumo dos textos da edição.



Vamos ver um exemplo de cada um desses tipos:

Artigo

Trecho do artigo de Marcelo Rech, presidente da Associação Nacional de Jornais (ANJ) e vice-presidente Editorial do Grupo RBS, para o jornal O Globo, “Mark e os jornais”:

É sintomático que o mentor e executivo-chefe do Facebook, Mark Zuckerberg, tenha escolhido os jornais para estampar, em anúncios de página inteira no domingo passado, seu pedido de desculpas pela quebra da privacidade de 50 milhões de usuários na entrega de dados à consultoria eleitoral Cambridge Analytica. Por que um dos impérios digitais do planeta, erguido em grande medida pelo desprezo à imprensa profissional, se valeria de nove títulos de edições impressas — três nos Estados Unidos e seis no Reino Unido — para apresentar um inédito mea culpa? A razão pode ser resumida em um objetivo: a busca da credibilidade.

Gradativamente, os jornais deixaram de se posicionar como meios da era pré-internet que divulgavam notícias do dia anterior para, escorados em técnica jornalística e códigos de ética, se transformarem em certificadores da realidade em uma era em que a difusão de informação virou de cabeça para baixo. Com seus anúncios, o que Zuckerberg sinalizou é que, para fazer frente à acelerada corrosão do submundo digital, ele também precisa ancorar a reputação de sua empresa em baías seguras, protegidas do vendaval de bits que varre o planeta e recria a realidade ao gosto do cliente e no engano do freguês.

O Globo, 30/03/2018. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/economia/artigo-mark-os-jornais-22540985>> Acesso em 09 abr.2019.

Crônica

Trecho da crônica “Amor”, de Rachel de Queiroz:

Outro dia liguei o rádio e ouvi que faziam um concurso entre os ouvintes procurando uma definição para amor. As respostas eram muito ruins, até dava para se pensar que nem ouvintes nem locutores entendiam nada de amor realmente; o lugar-comum é mesmo o refúgio universal, que livra de pensar e dá, a quem o usa, a impressão de que mergulha a colher na gamela da sabedoria coletiva e comunga das verdades eternas. O que aliás pode ser verdade.

Mas a ideia de definição me ficou na cabeça e resolvi perguntar por minha conta. Tive muitas respostas. A impressão geral que me ficou do inquérito é que de amor entendem mais os velhos do que os moços, ao contrário do que seria de imaginar. E menos os profissionais que os amadores — digo os amadores da arte de viver, propriamente, e os profissionais do ensino da vida. Vamos ver:

Dona Alda, que já fez bodas de ouro, diz que o amor é principalmente paciência. Indaguei: e tolerância? Ela disse que tolerância é apenas paciência com um pouco de antipatia. E diz que amor é também companhia e amizade. E saudade? [...] Não. Afinal, o amor não vai embora. Apenas envelhece, como a gente.



Conti Outra, 11/005/2015. Disponível em <<https://www.contioutra.com/amor-uma-cronica-de-rachel-de-queiroz/>> Acesso em 09 abr. 2019.

Editorial

Trecho do Editorial da Revista IstoÉ sobre a retomada de diálogo entre os EUA e Cuba, intitulado “Obama faz história”:

O histórico reatamento das relações dos EUA com Cuba estabelece uma nova ordem no tabuleiro da diplomacia global. Como último resquício da Guerra Fria, o bloqueio político e econômico convertia a ilha de Fidel em um território inexpugnável do comunismo, umbilicalmente dependente dos russos e de países simpatizantes do bolivarianismo, como a Venezuela, que ainda enxergam os EUA como o inimigo a ser vencido. Na jogada de mestre para normalizar as relações, Obama tenta uma nova abordagem que pode pôr fim a décadas de animosidade na região, com reflexos positivos para todos os envolvidos. O embargo econômico ainda deve vigorar por mais algum tempo – afinal, só pode ser derrubado pelo Congresso americano –, mas a simples sinalização de entendimentos de lado a lado encoraja o mundo a imaginar que uma era de diálogo propositivo está se iniciando no concerto das nações. [...] Os sinais dados até aqui pelos dois líderes são animadores não apenas como demonstração do fim das hostilidades. Além de liberarem presos políticos e discutirem o restabelecimento das embaixadas já a partir do próximo ano, eles vão emanar esforços conjuntos para a retomada, no mais curto espaço de tempo, das transações comerciais e financeiras entre os dois países, com reflexos difusos pelo mundo todo, Brasil inclusive. Um grande marco.

IstoÉ, 19/12/2014. Disponível em <https://istoe.com.br/397602_OBAMA+FAZ+HISTORIA/> Acesso em 09 abr. 2019.



Você sabe o que é uma **coluna**?

Coluna é um espaço redigido sempre pela mesma pessoa (ou grupo de pessoas) – o que faz com que ela normalmente seja assinada. Pode ser publicada em qualquer meio, desde que com regularidade (diária, semanal ou mensal).

Pode tratar de temas variados.

Expressa o ponto de vista do autor dos textos, que pode mesmo escrever em primeira pessoa. **Os textos opinativos costumam aparecer nas colunas.**

Há dois tipos principais de colunas:

- **Coluna de autor:** coluna escrita sempre pela mesma pessoa, tratando de temas variados.
- **Coluna temática:** coluna escrita por uma ou mais pessoas, tratando sempre do mesmo tema.





EXEMPLO:

Noticiar quem foi o candidato vencedor da última eleição, **é informativo**.

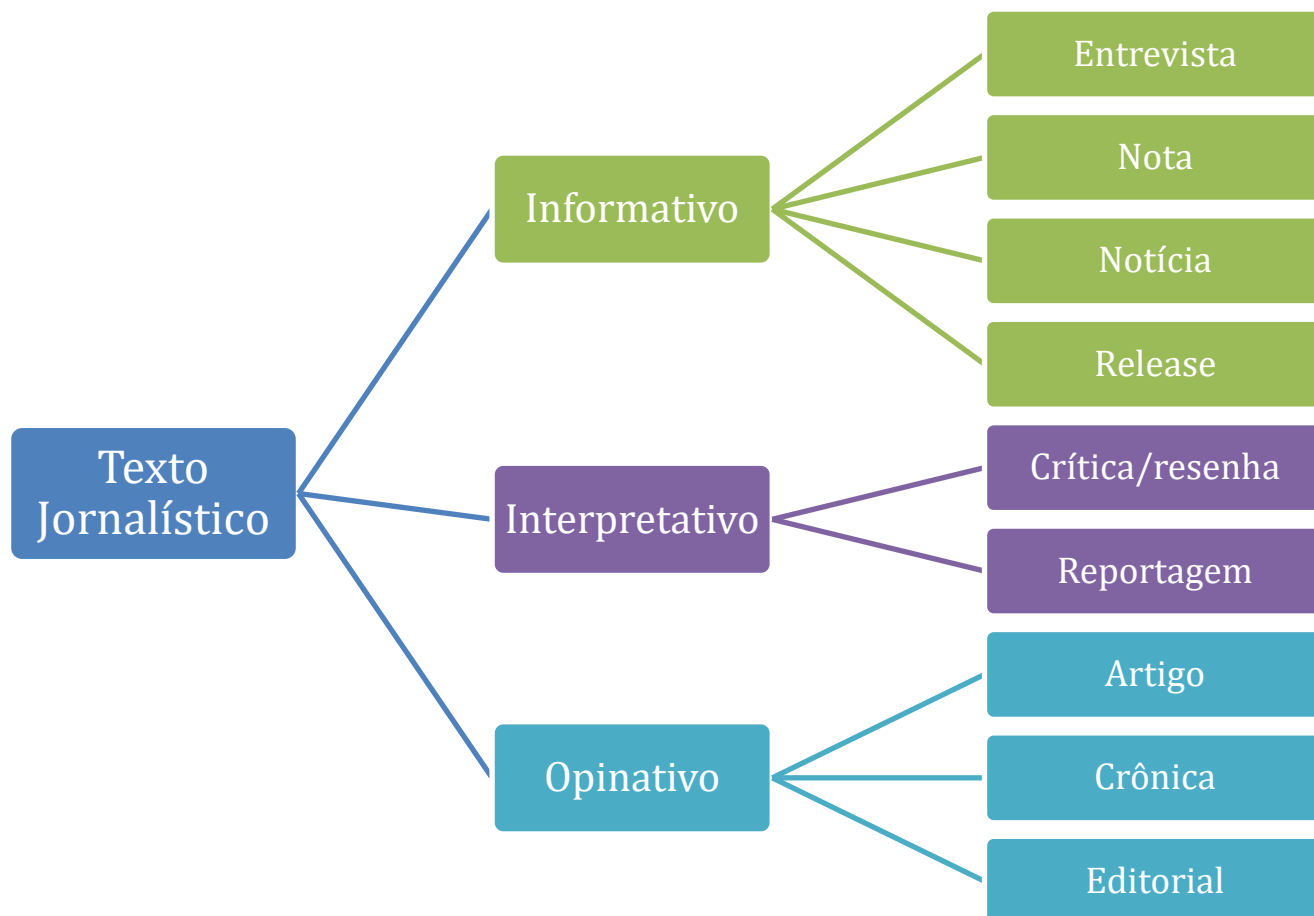
Elogiar ou criticar o candidato eleito, **é opinativo**.

Analisar as causas que levaram à eleição de um candidato e quais os impactos dessa eleição, **é interpretativo**.



Você precisa ter sempre em mente essa divisão dos gêneros do texto jornalístico, pois você deve ser capaz de identificar quando um texto tem por objetivo **informar sobre um assunto** ou **opinar sobre um assunto**.

Não é só porque você leu um texto jornalístico em algum veículo que ele se torna automaticamente isento de opinião.





HORA DO FILME

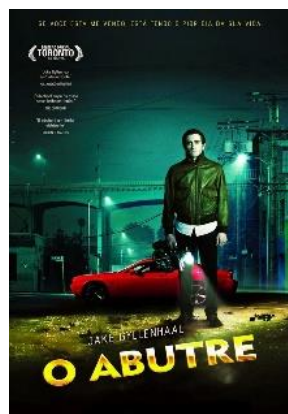
Alguns filmes que mostram os processos de criação de textos jornalísticos.

Spotlight: Segredos Revelados (Dir.: Thomas McCarthy, 2015)



Baseado no caso real de um grupo de jornalistas que investiga o abuso de crianças por padres católicos nos EUA. O filme mostra todo o processo de levantamento de dados e fontes para a feitura da matéria.

O abutre (Dir.: Dan Gilroy, 2014)



História de um jovem no submundo do jornalismo criminal: ele busca crimes, acidentes e todo tipo de imagem chocante para registrar e vender para veículos de comunicação. Mostra como funciona a mídia sensacionalista, também chamada de imprensa marrom.

Todos os homens do presidente (Dir.: Alan J. Pakula, 1976)



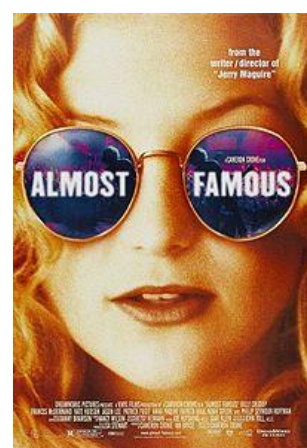
História de dois repórteres rivais, que trabalham no jornal Washington Post, investigando um roubo à sede do Partido Democrático. Mostra como funciona a investigação a partir de fontes anônimas e os riscos do jornalismo investigativo.

Cidadão Kane (Dir.: Orson Welles, 1941)



O filme apresenta o funcionamento dos grandes impérios de comunicação ao contar a história de um jornalista intrigado pela vida do magnata da imprensa Charles Foster Kane. Também mostra como funciona o trabalho investigativo a partir de entrevistas no jornalismo. É considerado o melhor filme da história do cinema.

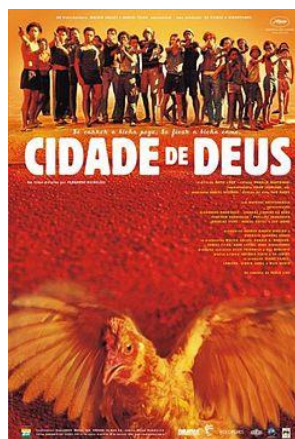
Quase famosos (Dir.: Cameron Crowe, 2000)



Adolescente de 15 anos nos anos 1970 que sonha em ser jornalista realiza um sonho: acompanhar a turnê de uma banda de rock para registrar o vento para uma das revistas mais importantes de música de todos os tempos, a Rolling Stone. Mostra como são feitas reportagens longas, produzidas a partir da

imersão do jornalista.

Cidade de Deus (Dir.: Fernando Meirelles e Kátia Lund, 2002)



O filme mostra a história de dois conhecidos de infância, criados em uma favela do Rio de Janeiro, cujas vidas tomam caminhos diferentes: Zé Pequeno se torna traficante de drogas e Buscapé, fotógrafo que registra o dia a dia das comunidades. Mostra como é o trabalho de um

fotojornalista.



2 – Reportagem

A **reportagem** é o texto jornalístico interpretativo mais importante para os vestibulares. Apesar de poder ser veiculada em diversos meios de comunicação, aqui nos interessa aprofundar nas reportagens escritas, veiculadas em jornais, revistas e, principalmente hoje em dia, internet.

Ao mesmo tempo que deve ser fonte de informação, uma reportagem também tem um papel importante enquanto **formadora de opinião**. Por expor uma opinião aprofundada e fundamentada em dados e fontes, uma reportagem ajuda os leitores a compreender os assuntos e, assim, elaborar sua opinião sobre eles.

As suas principais características são:

- Serem textos mais longos, com marcas do estilo pessoal de escrita e opinião do repórter responsável.
- Os textos costumam ser **assinados** pelo autor.
- Podem ser escritos tanto em **primeira** quanto em **terceira pessoa**.
- Levam mais tempo para ser elaborado, pois a discussão sobre os temas deve ser mais abrangente, visando **analisar além de informar**.
- Pode contar com entrevistas, dados estatísticos e científicos, opiniões textuais do autor, pesquisa, além de elementos visuais como fotografias, infográficos, ilustrações, gráficos, entre outros. **Principalmente nas reportagens online, a comunicação visual é essencial.**



ACORDE!!

É importante observar a parte **gráfica**, ou seja, a comunicação visual quando for interpretar uma reportagem. Identificar o que está em destaque e por que motivo é importante para otimizar o tempo de prova. **Saber encontrar as informações em um texto é o primeiro passo para interpretá-las.**

- Apesar de não haver regra fixa, os temas abordados costumam ser de interesse social, político ou econômico. Também é comum haver reportagens contando a trajetória de pessoas de destaque, cujas histórias sejam de interesse do público por algum motivo. O importante é que, **mesmo que o tema não fale sobre eventos do presente, ele deve ser relevante para o presente.**
- Pode trabalhar tanto com uma linguagem subjetiva quanto objetiva, mais formal ou mais simples, a depender do estilo do jornalista e do meio de comunicação a que se destina.

Para pautar a análise desse tópico, observe o trecho inicial de uma reportagem a ser interpretada na prova do IME-2013. Vamos acessá-la como exemplo ao longo da explicação:



A IMPORTÂNCIA DO NÚMERO ZERO (Maria Fernanda Vomero – Abril de 2001)

A invenção do zero foi uma das maiores aventuras intelectuais da humanidade – e não só para a matemática.

- 1º As regras que valem para todos os outros não servem para ele. Só as obedece como e quando bem entende. “Assim faço a diferença”, costuma dizer. Mas não é nem um pouco egoísta. Pelo contrário. Quanto mais à direita ele vai, mais aumenta o valor do colega da esquerda, multiplicando-o por dez, 100 ou 1.000. Trata-se de um revolucionário. Com ar de bonachão, dá de ombros quando é comparado ao nada. “Sou mesmo”, diz. “Mas isso significa ser tudo.” Com vocês, o número zero – que ganha, nestas páginas, o papel que lhe é de direito: o de protagonista de uma odisséia intelectual que mudou o rumo das ciências exatas e trouxe novas reflexões para a história das ideias.
- 2º Pode soar como exagero atribuir tal importância a um número aparentemente inócuo. Às vezes, você até esquece que ele existe. Quem se preocupa em anotar que voltou da feira com zero laranjas? Ou que comprou ração para seus zero cachorrinhos? Só fica preocupado quando descobre um zero na conta bancária. Mesmo assim, logo que chega o pagamento seguinte, não sobra nem lembrança daquele número gorducho.
- 3º O símbolo “0” e o nome zero estão relacionados à ideia de nenhum, não-existente, nulo. Seu conceito foi pouco estudado ao longo dos séculos. Hoje, mal desperta alguma curiosidade, apesar de ser absolutamente instigante. “O ponto principal é o fato de o zero ser e não ser. Ao mesmo tempo indicar o nada e trazer embutido em si algum conteúdo”, diz o astrônomo Walter Maciel, professor da Universidade de São Paulo. Se essa dialética parece complicada para você, cidadão do século XXI, imagine para as tribos primitivas que viveram muitos séculos antes de Cristo.

2.1 - Estrutura

Uma reportagem costuma seguir uma estrutura fixa de composição, dividida em quatro elementos essenciais: **manchete**, **subtítulo**, **lide** e **corpo da reportagem**. Vamos ver melhor cada uma delas:

Manchete

O título da reportagem é chamado de **manchete**. Normalmente, ela vem destacada de alguma maneira. Pode ser marcada em negrito ou em letras maiores, por exemplo. Repare como ela foi destacada na diagramação da prova:

A IMPORTÂNCIA DO NÚMERO ZERO (Maria Fernanda Vomero – Abril de 2001)

A manchete foi apresentada em caixa alta e negrito. Além disso, o nome da jornalista que redigiu e a data de publicação da reportagem foram incluídos. Possivelmente, na publicação do site de origem essas informações estavam abaixo da manchete, acompanhando o design do site.

A manchete deve:

- Chamar a atenção do leitor;
- Resumir o assunto da reportagem;
- Gerar interesse, para que o leitor decida se deseja ou não ler o restante.





Cuidado com a leitura da manchete. Por vezes, ela é escrita para chamar a atenção ou causar um estardalhaço e pode **não refletir corretamente o que está no texto**.

Por isso, ler apenas a manchete é perigoso para a interpretação. Não confie apenas nela na hora de responder questões.

Subtítulo

Essencialmente, o **subtítulo** complementa informações da manchete. Como a manchete deve ser curta e objetiva, não há espaço para colocar todas as informações necessárias para despertar o interesse do leitor. É no subtítulo que se encontram elementos para complementar aquilo que foi dito anteriormente.



No subtítulo estão muitas **palavras-chave** que podem ajudar a interpretar o texto.

Palavras-chave são termos que se repetem bastante no texto e que podem ajudar a delimitar o tema sobre o qual se tratará a seguir. Por isso, perceber quais as palavras mais importantes para a reportagem podem dar uma direção para o entendimento do texto.

Observe o subtítulo na prova:

A invenção do zero foi uma das maiores aventuras intelectuais da
humanidade – e não só para a matemática.

O subtítulo apresenta algumas das palavras-chave que dão conta de resumir o assunto do texto:

- Invenção: o processo pelo qual a ideia abstrata de “nada” e torna concreta no número zero.
- Zero: o número que é tema central da reportagem.
- Aventuras intelectuais: os vários campos em que o zero é aplicado.

Lide

Lide é uma palavra importada do inglês *lead*, que significa “comando”. Ele funciona como uma espécie de introdução, resumindo as informações do texto. Lembre-se disso na hora de interpretar um texto jornalístico! **Muitas vezes, os dados mais importantes estarão logo nos primeiros parágrafos**. De modo geral, um lide pode ser feito de três modos:

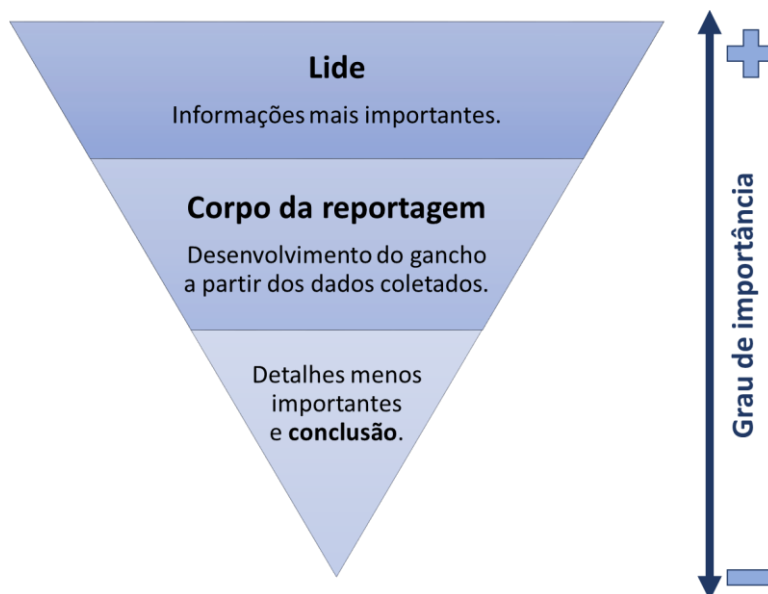


- **Informativo:** contando com os elementos mais importantes da reportagem, a partir do seu grau de importância. Se assemelha bastante à estrutura das notícias.
- **Direto:** introduz o assunto sem rodeios, por vezes com frases de efeito.
- **Narrativo:** cria uma sequência dramática. Nesses casos, o clímax do parágrafo é o próprio assunto da matéria. Esse foi o caso do lide do texto que estamos analisando: a autora conta algumas “passagens da vida” do número zero para introduzir dramaticamente o assunto.

1º As regras que valem para todos os outros não servem para ele. Só as obedece como e quando bem entende. “Assim faço a diferença”, costuma dizer. Mas não é nem um pouco egoísta. Pelo contrário. Quanto mais à direita ele vai, mais aumenta o valor do colega da esquerda, multiplicando-o por dez, 100 ou 1.000. Trata-se de um revolucionário. Com ar de bonachão, dá de ombros quando é comparado ao nada. “Sou mesmo”, diz. “Mas isso significa ser tudo.” Com vocês, o número zero – que ganha, nestas páginas, o papel que lhe é de direito: o de protagonista de uma odisséia intelectual que mudou o rumo das ciências exatas e trouxe novas reflexões para a história das ideias.



Muitas vezes no jornalismo utiliza-se a expressão **pirâmide invertida** para descrever a estrutura das reportagens. Isso significa que é comum que **as informações mais importantes estejam no início do texto.**



Corpo da reportagem

O corpo da reportagem é o desenvolvimento do texto em si. É aqui que serão apontados os pontos mais importantes acerca do assunto. Não se esqueça que uma reportagem vai além de apenas informar: ela precisa interpretar os fatos a partir de dados. São textos mais longos. O texto nosso texto de apoio, na prova do IME, possuía 16 parágrafos!



Algumas informações extra-assunto podem ser acessadas para compor uma reportagem:

- Dados de pesquisa: aqui podem entrar dados de institutos especializados (como Datafolha, Voxpopuli, IPEA e IBGE) ou de pesquisas acadêmicas, realizadas por grupos de pesquisa de grandes universidades.
- Documentos: públicos ou não, que o jornalista tenha tido acesso, para comprovar o ponto levantado.
- Fontes testemunhais: pessoas que estiveram presentes nos eventos e podem relatar sua vivência ao jornalista.
- Fontes oficiais: declarações oficiais dos próprios envolvidos no assunto.
- Especialistas: pessoas que estudam o assunto e possuem amplo conhecimento sobre ele.

Perceba como isso apareceu no texto de apoio que estamos utilizando:

2º Pode soar como exagero atribuir tal importância a um número aparentemente inócuo. Às vezes, você até esquece que ele existe. Quem se preocupa em anotar que voltou da feira com zero laranjas? Ou que comprou ração para seus zero cachorrinhos? Só fica preocupado quando descobre um zero na conta bancária. Mesmo assim, logo que chega o pagamento seguinte, não sobra nem lembrança daquele número gorducho.

3º O símbolo "0" e o nome zero estão relacionados à ideia de nenhum, não-existente, nulo. Seu conceito foi pouco estudado ao longo dos séculos. Hoje, mal desperta alguma curiosidade, apesar de ser absolutamente instigante. "O ponto principal é o fato de o zero ser e não ser. Ao mesmo tempo indicar o nada e trazer embutido em si algum conteúdo", diz o astrônomo Walter Maciel, professor da Universidade de São Paulo. Se essa dialética parece complicada para você, cidadão do século XXI, imagine para as tribos primitivas que viveram muitos séculos antes de Cristo.

Outro dado importante é que a reportagem precisa contar com elementos **visuais** para chamar a atenção do leitor. Como são textos longos, essas pausas são importantes para que o leitor não fique disperso. **Numa prova, é muito importante observar esses dados, pois muitas respostas podem estar na junção de informações visuais e textuais!**

Podem ser informações visuais:

- Fotografias: podem ser apenas ilustrativas ou conterem informações a serem apresentadas.
- Gráficos: apresentam os dados de forma concreta para que o leitor compreenda melhor os detalhes.
- Ilustrações: charges ou imagens que acompanham a reportagem.
- Infográficos: textos visuais que associam palavras, imagens, sons, hiperlinks, entre outros, com o objetivo de esquematizar a informação.





REPORTAGEM

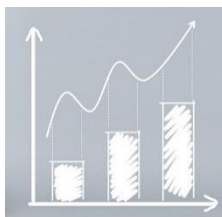
Manchete curta e objetiva.

Subtítulo visando aumentar o interesse do leitor e complementar a manchete.

Lide: primeiro parágrafo da reportagem, resumindo os aspectos mais importantes e as informações essenciais. Deve capturar o leitor também pelo estilo de escrita, que já ficará claro aqui.

Corpo da reportagem: o restante do texto, com as informações apresentadas de maneira detalhada. Aqui entram também os dados e citações, além de elementos gráficos que garantem boa comunicação visual.

“Citações em destaque podem comunicar bem visualmente”



Gráficos, infográficos e ilustrações também ajudam a comunicar visualmente.

Vamos ver como isso pode cair numa prova de vestibular:

(UNICAMP – 2018)

Numa entrevista ao jornal El País em 26 de agosto de 2016, o jornalista Caco Barcellos comenta uma afirmação sua anterior, feita em um congresso de jornalistas investigativos, de que novos profissionais não deveriam “atuar como porta-vozes de autoridades”.

“Tenho o maior encanto e admiração e respeito pelo jornalismo de opinião. O que critiquei lá é quando isso vai para a reportagem. Não acho legítimo. O repórter tem o dever de ser preciso. Pode ser até analítico, mas não emitir juízo. Na reportagem de rua, fico imbuído, inclusive, de melhor informar o meu colega de opinião. Se eu não fizer isso de modo preciso e correto, ele vai emitir um juízo errado sobre aquele universo que estou retratando. E não só ele, mas também o advogado, o sociólogo, o antropólogo e mais para frente o historiador (...) Por exemplo, essa matança que a polícia militar provoca no cotidiano das grandes cidades brasileiras – isso é muito mal reportado pela mídia no seu conjunto. Quem sabe, lá no futuro, o historiador não passe em branco por esse momento da história. Não vai poder dizer ‘olha, os negros pobres do estado mais rico da federação estão sendo eliminados com a frequência de três por dia, um a cada oito horas’. Se o repórter não fizer esse registro preciso e contundente, a cadeia toda pode falhar, a começar pelo jornalista de opinião.”

(“Caco Barcellos: ‘Erros históricos nascem da imprecisão jornalística’”. El País. 26/08/2016. Entrevista concedida a Camila Moraes. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/19/cultura/1468956578_924541.html. Acessado em 13/07/2017.)

De acordo com a posição defendida por Caco Barcellos com relação a seus leitores, uma reportagem exige do jornalista

- a) conhecimento preciso do assunto, uma vez que seu objetivo é convencer o leitor a concordar com o que escreve para evitar que ele cometa erros.
- b) investigação e precisão no tratamento do assunto, porque ela vai servir de base a outros artigos, permitindo que o leitor tire suas próprias conclusões.
- c) investigação e precisão na abordagem dos fatos, já que ele também emite seu juízo sobre o assunto, conduzindo o leitor a aceitar a história que narra.
- d) conhecimento preciso dos fatos tratados, para que, no futuro, o leitor seja levado a crer que o repórter registrou sua opinião de forma equilibrada.

Comentários: Para Caco Barcellos, ainda que a reportagem tenha o compromisso de analisar, ela não deve emitir opinião sobre o assunto. É preciso expor os fatos com profundidade e celeridade para que o leitor possa, a partir da análise, formar sua opinião. Por isso, a alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois não é preciso conhecimento profundo por parte dos jornalistas. Eles devem acessar os especialistas no assunto para redigir a reportagem.

A alternativa C está incorreta, pois o repórter não deve emitir juízo de valor sobre o tema.

A alternativa D está incorreta, pois o repórter não registra sua opinião, mas sim analisa os fatos.

Gabarito: B





Em ano de vestibular, com todas as matérias que você precisa estudar, pode ser difícil encontrar um tempinho para se manter atualizado com os acontecimentos do mundo.

Um bom jeito de se manter atento às notícias é o aplicativo **Flipboard**. Ele agrega conteúdos de jornais, revistas e mídias sociais e cria um feed personalizado com os seus veículos de preferência.

Além disso, você pode criar pastas por assunto e por matéria. Imagine criar uma pasta só com assuntos referentes a atualidades, por exemplo?

Considere baixar um aplicativo de notícias! Assim, você consegue ler em qualquer lugar e a partir do celular, otimizando muito seu tempo!

3 – Crônica

Outro gênero de grande destaque nos vestibulares é a **crônica**. A crônica é um gênero híbrido, que oscila entre a **literatura** (ficcional) e o **jornalismo** (não ficcional). Apesar de poder ser publicada posteriormente em livros, ela é comumente veiculada primeiro nos veículos de imprensa. Justamente por ser veiculada nos jornais e revistas, ela é considerada como parte do texto jornalístico.

Apesar de ser uma elaboração ficcional, ela parte de fatos do cotidiano. Pode partir tanto de notícias (fatos datados) quanto de situações corriqueiras ou acidentais. O importante é que seu tema **parte do cotidiano e é reelaborado de forma narrativa**. Veja esse exemplo do trecho inicial da crônica que foi texto de apoio no vestibular do ITA de 2018, “A arte de envelhecer”:

Achei que estava bem na foto. Magro, olhar vivo, rindo com os amigos na praia. Quase não havia cabelos brancos entre os poucos que sobreviviam. Comparada ao homem de hoje, era a fotografia de um jovem. Tinha 50 anos naquela época, entretanto, idade em que me considerava bem distante da juventude. Se me for dado o privilégio de chegar aos 90 em pleno domínio da razão, é possível que uma imagem de agora me cause impressão semelhante.

O envelhecimento é sombra que nos acompanha desde a concepção: o feto de seis meses é muito mais velho do que o embrião de cinco dias. Lidar com a inexorabilidade desse processo exige uma habilidade na qual nós somos inigualáveis: a adaptação. Não há animal capaz de criar soluções diante da adversidade como nós, de sobreviver em nichos ecológicos que vão do calor tropical às geleiras do Ártico.

A palavra crônica vem do grego *krónos*, que significa “tempo”. Ela se relaciona, portanto, com acontecimentos situados em algum lugar do tempo e espaço. Por isso, no tempo das expansões marítimas, quando os navegadores registravam suas viagens, os relatos eram chamados de **Crônicas**



de viagem: partiam de um acontecimento situado em tempo e espaço específicos para narrar uma situação.

Uma crônica não trata, porém, apenas da narrativa de um fato. Ela também expõe reflexões filosóficas, pensando de maneira crítica o significado dos eventos e a que outras ideias eles são relacionados pelo autor.

A questão mais importante a se atentar quando interpretar uma crônica é o fato de que ela se pauta muito nos **efeitos de sentido do texto**. Por ser ligada à opinião pessoal do autor, ela pode conter ironias e trabalhar na chave do humor. Na maior parte das vezes, as crônicas serão um **retrato bem-humorado** de algum fato cotidiano.



LEMBRANDO!

Lembre-se do que vimos na aula anterior, sobre efeitos de sentido do texto!



Ambiguidade

Ocorre quando um mesmo vocábulo ou expressão pode ser interpretado de mais de uma maneira.



Duplo sentido

Ocorre quando as palavras e expressões utilizadas possuem diferentes interpretações.



Ironia

Consiste em utilizar uma palavra ou expressão, atribuindo-lhe diferente sentido ou significado de acordo com o contexto.



Humor

Reside em ocorrer algo fora do esperado numa situação.



SE LIGA!

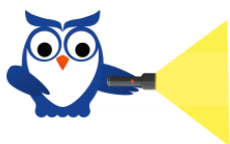
O objetivo da crônica é entreter o leitor ao mesmo tempo que o leva a refletir criticamente sobre a vida e os acontecimentos.

As suas principais características, portanto, são:

- São textos mais **curtos**, porém bastante marcados pelo estilo de escrita do cronista.
- Os textos devem ser **assinados** pelo autor, ou seja, é importante muitas vezes para o entendimento do texto que se saiba quem o escreveu.
- Descrevem fatos e eventos da **vida cotidiana**, podendo fazer referências a notícias e eventos contemporâneos.



- Tem, em sua maioria, aspectos **narrativos**.
- Quando contém uma narração, faz uso de **poucos ou nenhum personagem**, muitas vezes usando apenas as impressões do narrador.
- Podem ter traços **humorísticos, satíricos** ou até mesmo **críticos**.
- A linguagem é mais simples, próxima da **oralidade** e da **coloquialidade**, criando diálogo com o leitor.



CRÔNICA X ARTIGO DE OPINIÃO

Crônica

- Normalmente de gênero narrativo.
- Apresenta as impressões pessoais.
- Quer expor um ponto e provocar a reflexão.

Artigo de opinião

- De gênero argumentativo.
- Apresenta uma ideia embasada em argumentos.
- Quer convencer o leitor de que seu ponto de vista está correto.

Quanto aos tipos de crônica, há alguns que costumam cair mais nos vestibulares:

- **Descritiva:** texto descritivo que explora a caracterização de alguém ou se alguma situação. É como uma fotografia.

Ex.: Trecho inicial da crônica “Um muro para pichar”, de André Luiz Alvez, que foi texto de apoio do ITA 2019:

Em frente da minha casa existe um muro enorme, todo branco. No Facebook, uma postagem me chama atenção: é um muro virtual e a brincadeira é pichá-lo com qualquer frase que vier à cabeça. Não quero pichar o mundo virtual, quero um muro de verdade, igual a este de frente para a minha casa. Pelas ruas e avenidas, vou trombando nos muros espalhados pelos quarteirões, repletos de frases tolas, xingamentos e erros de português. Eu bem poderia modificar isso.

“O caminho se faz caminhando”, essa frase genial, tão forte e certa do poeta espanhol Antonio Machado, merece aparecer em diversos muros. Basta pensar um pouco e imaginar; de fato, não há caminho, o caminho se faz ao caminhar.

- **Histórica:** relato de algum acontecimento que tem espaço e tempo bem definidos.

Ex.: Trecho inicial da crônica de Machado de Assis de 19 de maio de 1888, publicada na Gazeta de Notícias, sobre a abolição da escravatura.



Bons dias!

Eu pertenço a uma família de profetas *après coup*, *post factum*, depois do gato morto, ou como melhor nome tenha em holandês. Por isso digo, e juro se necessário for, que toda a história desta Lei de 13 de Maio estava por mim prevista, tanto que na segunda-feira, antes mesmo dos debates, tratei de alforriar um molecote que tinha, pessoa de seus dezoito anos, mais ou menos. Alforriá-lo era nada; entendi que, perdido por mil, perdido por mil e quinhentos, e dei um jantar.

Neste jantar, a que meus amigos deram o nome de banquete, em falta de outro melhor, reuni umas cinco pessoas, conquanto as notícias dissessem trinta e três (anos de Cristo), no intuito de lhe dar um aspecto simbólico.

No golpe do meio (*coup du milieu*, mas eu prefiro falar a minha língua), levantei-me eu com a taça de champanha e declarei que acompanhando as ideias pregadas por Cristo, há dezoito séculos, restituía a liberdade ao meu escravo Pancrácio; que entendia a que a nação inteira devia acompanhar as mesmas ideias e imitar o meu exemplo; finalmente, que a liberdade era um dom de Deus, que os homens não podiam roubar sem pecado.

*Disponível em < <http://machado.mec.gov.br/obra-completa-lista/itemlist/category/26-cronica?start=12>>
Acesso em 11 abr. 2019.*

- **Humorística:** texto cujo principal objetivo é trazer uma visão cômica dos fatos.

Ex.: Trecho inicial da crônica “Desabafos de um bom marido”, de Luis Fernando Veríssimo.

Minha mulher e eu temos o segredo para fazer um casamento durar: Duas vezes por semana, vamos a um ótimo restaurante, com uma comida gostosa, uma boa bebida e um bom companheirismo.

Ela vai às terças-feiras e eu, às quintas.

Nós também dormimos em camas separadas: a dela é em Fortaleza e a minha, em SP.

Disponível em: < <https://www.recantodasletras.com.br/humor/1512866>> Acesso em 11 abr. 2019.

- **Jornalística:** parte de notícias para elaborar textos mais descontraídos e informais. A mais comum hoje em dia é a crônica esportiva.

Ex.: Trecho inicial da crônica “O fim da superstição”, de Flavio Prado, na Gazeta Esportiva

O Brasil vai usar novamente a camisa branca, banida dois anos após a derrota de 1950 para o Uruguai, dentro do Maracanã. A derrota que aumentou de intensidade a cada ano, virando um trauma nacional, deixou marcas incríveis na história do nosso futebol. A vitória de 1958 mudou o patamar da nossa história e aumentou a maldição contra os grandes jogadores de 1950. E a camisa branca também sumiu.

Agora ela volta dando sinais de que as coisas “sobrenaturais”, desapareceram dos prédios da CBF. [...]

Disponível em < <https://blogs.gazetaesportiva.com/flavioprado/2019/04/08/o-fim-da-supersticao/>> Acesso em 11 abr. 2019.

- **Narrativa:**



Ex.: Trecho inicial da crônica “Diploma não é a solução”, de Rubem Alves, que foi texto de apoio do ITA 2016.

Vou confessar um pecado: às vezes, faço maldades. Mas não faço por mal. Faço o que faziam os mestres zen com seus “koans”. “Koans” eram rasteiras que os mestres passavam no pensamento dos discípulos. Eles sabiam que só se aprende o novo quando as certezas velhas caem. E acontece que eu gosto de passar rasteiras em certezas de jovens e de velhos ...

Pois o que eu faço é o seguinte. Lá estão os jovens nos semáforos, de cabeças raspadas e caras pintadas, na maior alegria, celebrando o fato de haverem passado no vestibular. Estão pedindo dinheiro para a festa! Eu paro o carro, abro a janela e na maior seriedade digo: “Não vou dar dinheiro. Mas vou dar um conselho. Sou professor emérito da Unicamp. O conselho é este: salvem-se enquanto é tempo!”. Aí o sinal fica verde e eu continuo.

- **Poética (ou lírica):** crônica de linguagem poética, focada nos sentimentos e nas emoções.

Ex.: Trecho inicial da crônica “Das vantagens de ser bobo”, de Clarice Lispector, que foi texto de apoio da prova do IME 2018.

O bobo, por não se ocupar com ambições, tem tempo para ver, ouvir e tocar o mundo. O bobo é capaz de ficar sentado quase sem se mexer por duas horas. Se perguntado por que não faz alguma coisa, responde: "Estou fazendo. Estou pensando."

Ser bobo às vezes oferece um mundo de saída porque os espertos só se lembram de sair por meio da esperteza, e o bobo tem originalidade, espontaneamente lhe vem a ideia.

O bobo tem oportunidade de ver coisas que os espertos não veem. Os espertos estão sempre tão atentos às espertezas alheias que se descontraem diante dos bobos, e estes os veem como simples pessoas humanas. O bobo ganha utilidade e sabedoria para viver. O bobo nunca parece ter tido vez. No entanto, muitas vezes, o bobo é um Dostoiévski.

Veja esse exercício que compara os conceitos de crônica e reportagem

(UNESP – 2016)

Leia o seguinte verbete do Dicionário de comunicação de Carlos Alberto Rabaça e Gustavo Barbosa:

Crônica

Texto jornalístico desenvolvido de forma livre e pessoal, a partir de fatos e acontecimentos da atualidade, com teor literário, político, esportivo, artístico, de amenidades etc. Segundo Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, a crônica é um meio-termo entre o jornalismo e a literatura: “do primeiro, aproveita o interesse pela atualidade informativa, da segunda imita o projeto de ultrapassar os simples fatos”. O ponto comum entre a crônica e a notícia ou a reportagem é que o cronista, assim como o repórter, não prescinde do acontecimento. Mas, ao contrário deste, ele “paira” sobre os fatos, “fazendo com que se destaque no texto o enfoque pessoal



(onde entram juízos implícitos e explícitos) do autor”. Por outro lado, o editorial difere da crônica, pelo fato de que, nesta, o juízo de valor se confunde com os próprios fatos expostos, sem o dogmatismo do editorial, no qual a opinião do autor (representando a opinião da empresa jornalística) constitui o eixo do texto.

(Dicionário de comunicação, 1978.)

Segundo o verbete, uma característica comum à crônica e à reportagem é

- a) a relação direta com o acontecimento.
- b) a interpretação do acontecimento.
- c) a necessidade de noticiar de acordo com a filosofia do jornal.
- d) o desejo de informar realisticamente sobre o ocorrido.
- e) o objetivo de questionar as causas sociais dos fatos.

Comentários: A crônica, assim como a reportagem, parte de um acontecimento real, do cotidiano, para uma elaboração mais aprofundada sobre o assunto: a reportagem, analisando e interpretando-o e a crônica, opinando sobre ele. Por isso, a alternativa correta é alternativa A.

ATENÇÃO: Ainda que a resposta estivesse no texto e essa questão fosse interpretativa, seria possível responde-la lembrando dos conceitos de cada um dos gêneros.

A alternativa B está incorreta, pois a crônica não interpreta um acontecimento, mas sim opina sobre ele.

A alternativa C está incorreta, pois quem deve noticiar de acordo com a filosofia do jornal é o editorial.

A alternativa D está incorreta, pois informar realisticamente cabe à notícia.

A alternativa E está incorreta, pois é função da reportagem questionar causas e consequências.

Gabarito: A

4 – Exercícios

Antes de iniciar os exercícios, aqui vão algumas informações:

- Os textos a serem interpretados são bastante longos. Optamos por manter os textos na íntegra porque é importante que você se habitue à leitura de textos mais extensos.
- Diferente das outras aulas, não há indicação da faculdade e ano antes das questões, mas sim antes do(s) texto(s) a que elas se referirem.
- Estará indicado ao lado do número de cada texto a qual gênero eles pertencem. Apesar de não aparecer assim na prova, é importante que você fixe os conceitos. Assim, para fins didáticos, optamos por adicionar essa indicação.
- As únicas alterações produzidas nas questões foram a numeração dos textos.



4.1 – Lista de Exercícios

(ITA - 2019)

Texto 1 - EDITORIAL

As discussões muitas vezes acaloradas sobre o reconhecimento da pixação como expressão artística trazem à tona um questionamento conceitual importante: uma vez considerado arte contemporânea, o movimento perderia sua essência? Para compreendermos os desdobramentos da pixação, alguns aspectos presentes no graffiti são essenciais e importantes de serem resgatados. O graffiti nasceu originalmente nos EUA, na década de 1970, como um dos elementos da cultura hip-hop (Break, MC, DJ e Graffiti). Daí até os dias atuais, ele ganhou em força, criatividade e técnica, sendo reconhecido hoje no Brasil como graffiti artístico. Sua caracterização como arte contemporânea foi consolidada definitivamente por volta do ano 2000.

A distinção entre graffiti e pixação é clara; ao primeiro é atribuída a condição de arte, e o segundo é classificado como um tipo de prática de vandalismo e depredação das cidades, vinculado à ilegalidade e marginalidade. Essa distinção das expressões deu-se em boa parte pela institucionalização do graffiti, com os primeiros resquícios já na década de 1970.

Esse desenvolvimento técnico e formal do graffiti ocasionou a perda da potência subversiva que o marca como manifestação genuína de rua e caminha para uma arte de intervenção domesticada enquadrada cada vez mais nos moldes do sistema de arte tradicional. O grafiteiro é visto hoje como artista plástico, possuindo as características de todo e qualquer artista contemporâneo, incluindo a prática e o status. Muito além da diferenciação conceitual entre as expressões – ainda que elas compartilhem da mesma matéria-prima – trata-se de sua força e essência intervencionista.

Estudos sobre a origem da pixação afirmam que o graffiti nova-iorquino original equivale à pixação brasileira; os dois mantêm os mesmos princípios: a força, a explosão e o vazio. Uma das principais características do pixo é justamente o esvaziamento sógnico, a potência esvaziada. Não existem frases poéticas, nem significados. A pixação possui dimensão incomunicativa, fechada, que não conversa com a sociedade. Pelo contrário, de certa forma, a agride. A rejeição do público geral reside na falta de compreensão e inteligência das inscrições; apenas os membros da própria comunidade de pixadores decifram o conteúdo.

A significância e a força intervencionista do pixo residem, portanto, no próprio ato. Ela é evidenciada pela impossibilidade de inserção em qualquer estatuto pré-estabelecido, pois isso pressuporia a diluição e a perda de sua potência signo-estética. Enquanto o graffiti foi sendo introduzido como uma nova expressão de arte contemporânea, a pichação utilizou o princípio de não autorização para fortalecer sua essência.

Mas o quão sensível é essa forma de expressão extremista e antissistema como a pixação? Como lidar com a linha tênue dos princípios estabelecidos para não cair em contradição? Na 26ª Bienal de Arte de São Paulo, em 2004, houve um caso de pixo na obra do artista cubano naturalizado americano, Jorge Pardo. Seu comentário, diante da intervenção, foi “Se alguém faz alguma coisa no seu trabalho, isso é positivo, para mim, porque escolheram a minha peça entre as expostas” [...]. “Quem fez isso deve discordar de alguma coisa na obra. Pode ser outro artista fazendo sua própria obra dentro da minha. Pode ser só uma brincadeira” e finalizou dizendo que “pichar a obra de alguém também não é tão incomum. Já é tradicional”.



É interessante notar, a partir do depoimento de Pardo, a recorrência de padrões em movimentos de qualquer natureza, e o inevitável enquadramento em algum tipo de sistema, mesmo que imposto e organizado pelos próprios elementos do grupo. Na pichação, levando em conta o “sistema” em que estão inseridos, constatamos que também passa longe de ser perfeito; existe rivalidade pesada entre gangues, hierarquia e disputas pelo “poder”.

Em 2012, a Bienal de Arte de Berlim, com o tema “Forget Fear”, considerado ousado, priorizou fatos e inquietações políticas da atualidade. Os pixadores brasileiros, Cripta (Djan Ivson), Biscoito, William e R.C., foram convidados na ocasião para realizar um workshop sobre pichação em um espaço delimitado, na igreja Santa Elizabeth. Eles compareceram. Mas não seguiram as regras impostas pela curadoria, ao pixar o próprio monumento. O resultado foi tumulto e desentendimento entre os pixadores e a curadoria do evento.

O grande dilema diante do fato é que, ao aceitarem o convite para participar de uma bienal de arte, automaticamente aceitaram as regras e o sistema imposto. Mesmo sem adotar o comportamento esperado, caíram em contradição. Por outro lado, pela pichação ser conhecida transgressora (ou pelo jeito, não tão conhecida assim), os organizadores deveriam pressupor que eles não seguiriam padrões pré-estabelecidos.

Embora existam movimentos e grupos que consideram, sim, a pichação como forma de arte, como é o caso dos curadores da Bienal de Berlim, há uma questão substancial que permeia a realidade dos pichadores. Quem disse que eles querem sua expressão reconhecida como arte? Se arte pressupõe, como ocorreu com o graffiti, adaptar-se a um molde específico, seguir determinadas regras e por consequência ver sua potência intervencionista diluída e branda, é muito improvável que tenham esse desejo.

A representação da pichação como forma de expressão destrutiva, contra o sistema, extremista e marginalizada é o que a mantém viva. De certo modo, a rejeição e a ignorância do público é o que garante sua força intervencionista e a tão importante e sensível essência.

Adaptado de: CARVALHO, M. F. Pichação-arte é pichação? Revista Arruaça, Edição nº 0. Cásper Líbero, 2013. Disponível em
Acesso em: maio 2018.

1. Podemos afirmar que o texto

- a) entende que grafite é arte desprovida de crítica social e pichação simboliza a revolta popular.
- b) considera grafite como arte institucionalizada e pichação como manifestação popular transgressora.
- c) reconhece que a preocupação estética é exatamente a mesma em ambas as manifestações.
- d) defende que o “pixo” é arte, ainda que não apresente mensagens poéticas identificáveis.
- e) assume que pichação e grafite transmitem a mesma mensagem, mas em contextos sociais diferentes.

2. De acordo com o texto, é INCORRETO afirmar que

- a) a comunidade de pichadores não necessariamente demonstra interesse no reconhecimento da pichação como um movimento artístico.
- b) os pichadores assumem uma forma de expressão mais provocadora, ao transgredir até mesmo as regras das instituições culturais.
- c) a pichação é uma forma de expressão marginalizada, assumida por alguns grupos como traço identitário.



- d) os códigos e as mensagens manifestados na pichação costumam ser compreendidos somente pela própria comunidade de pichadores.
- e) a essência da pichação é ser uma forma de expressão utilizada para delimitação de territórios por gangues e grupos rivais.

Texto 2 – CRÔNICA

Em frente da minha casa existe um muro enorme, todo branco. No Facebook, uma postagem me chama atenção: é um muro virtual e a brincadeira é pichá-lo com qualquer frase que vier à cabeça. Não quero pichar o mundo virtual, quero um muro de verdade, igual a este de frente para a minha casa. Pelas ruas e avenidas, vou trombando nos muros espalhados pelos quarteirões, repletos de frases tolas, xingamentos e erros de português. Eu bem poderia modificar isso.

“O caminho se faz caminhando”, essa frase genial, tão forte e certa do poeta espanhol Antonio Machado, merece aparecer em diversos muros. Basta pensar um pouco e imaginar; de fato, não há caminho, o caminho se faz ao caminhar.

De repente, vejo um prédio inteiro marcado por riscos sem sentido e me calo. Fui tentar entender e não me faltaram explicações: é grafite, é tribal, coisas de difícil compreensão. As explicações prosseguem: grafite é arte, pichar é vandalismo. O pequeno vândalo escondido dentro de mim busca frases na memória e, então, sinto até o cheiro da lama de Woodstock em letras garrafais: “Não importam os motivos da guerra, a paz é muito mais importante”. Feito uma folha deslizando pelas águas correntes do rio me surge a imagem de John Lennon; junto dela, outra frase: “O sonho não acabou”, um tanto modificada pela minha mão, tornando-se: o sonho nunca acaba. E minha cabeça já se transforma num muro todo branco.

Desde os primórdios dos tempos, usamos a escrita como forma de expressão, os homens das cavernas deixaram pichados nas rochas diversos sinais. Num ato impulsivo, comprei uma tinta spray, atravessei a rua chacoalhando a lata e assim prossegui até chegar à minha sala, abraçado pela ansiedade aumentada a cada passo. Coloquei o dedo no gatilho do spray e fiquei respirando fundo, juntando coragem e na mente desenhando a primeira frase para pichar, um tipo de lema, aquela do Lô Borges: “Os sonhos não envelhecem” – percebo, num sorrir de canto de boca, o quanto os sonhos marcam a minha existência.

Depois arriscaria uma frase que criei e gosto: “A lagarta nunca pensou em voar, mas daí, no espanto da metamorfose, lhe nasceram asas...”. Ou outra, completamente tola, me ocorreu depois de assistir a um documentário, convencido de que o panda é um bicho cativante, mas vive distante daqui e sua agonia não é menor das dos nossos bichos. Assim pensando, as letras duma nova pichação se formaram num estalo: “Esqueçam os pandas, salvem as jaguatiricas!”.

No muro do cemitério, escreveria outra frase que gosto: “Em longo prazo estaremos todos mortos”, do John Keynes, que trago comigo desde os tempos da faculdade. Frases de túmulos ganhariam os muros; no de Salvador Allende está consagrado, de autoria desconhecida: “Alguns anos de sombras não nos tornarão cegos.” Sempre apegado aos sonhos, picharia também uma do Charles Chaplin: “Nunca abandone os seus sonhos, porque se um dia eles se forem, você continuará vivendo, mas terá deixado de existir”.

Claro, eu poderia escrever essas frases num livro, num caderno ou no papel amassado que embrulha o pão da manhã, mas o muro me cativa, porque está ao alcance das vistas de todos e quero gritar para o mundo as frases que gosto; são tantas, até temo que me falem os muros. Poderia passar o dia todo pichando frases, as linhas vão se acabando e ainda tenho tanto a



pichar... “É preciso muito tempo para se tornar jovem”, de Picasso, “Há um certo prazer na loucura que só um louco conhece”, de Neruda, “Se me esqueceres, só uma coisa, esquece-me bem devagarinho”, cravada por Mário Quintana...

Encerro com Nietzsche: “Isto é um sonho, bem sei, mas quero continuar a sonhar”, que serve para exemplificar o que sinto neste momento, aqui na minha sala, escrevendo no computador o que gostaria de jogar nos muros lá fora, a custo me mantendo calmo, um olho na tela, outro voltado para o lado oposto da rua. Lá tem aquele muro enorme, branco e virgem, clamando por frases. Não sei quanto tempo resistirei até puxar o gatilho do spray.

Adaptado de: ALVEZ, A. L. Um muro para pichar. Correio do Estado, fev 2018. Disponível em <<https://www.correiodoestado.com.br/opiniaio/leia-acronica-de-andre-luiz-alvez-um-muro-para-pichar/321052/>> Acesso em: ago. 2018.

3. A partir da leitura dos textos 1 e 2, depreende-se que

- I. os autores reiteram que grafite e pichação não são práticas artísticas bem aceitas por toda a sociedade.
 - II. o texto 1 menciona a ausência de poesia na pichação; o texto 2 explora a possibilidade de essa prática disseminar cultura.
 - III. o texto 1 contrasta grafite e pichação; já o texto 2 expressa motivações subjetivas do autor para pichar.
- Está/ão correta/s:
- a) apenas I e II.
 - b) apenas I e III.
 - c) apenas II.
 - d) apenas II e III.
 - e) todas.

(ITA - 2018)

Texto 3 – CRÔNICA

Achei que estava bem na foto. Magro, olhar vivo, rindo com os amigos na praia. Quase não havia cabelos brancos entre os poucos que sobreviviam. Comparada ao homem de hoje, era a fotografia de um jovem. Tinha 50 anos naquela época, entretanto, idade em que me considerava bem distante da juventude. Se me for dado o privilégio de chegar aos 90 em pleno domínio da razão, é possível que uma imagem de agora me cause impressão semelhante.

O envelhecimento é sombra que nos acompanha desde a concepção: o feto de seis meses é muito mais velho do que o embrião de cinco dias. Lidar com a inexorabilidade desse processo exige uma habilidade na qual nós somos inigualáveis: a adaptação. Não há animal capaz de criar soluções diante da adversidade como nós, de sobreviver em nichos ecológicos que vão do calor tropical às geleiras do Ártico.

Da mesma forma que ensaiamos os primeiros passos por imitação, temos que aprender a ser adolescentes, adultos e a ficar cada vez mais velhos. A adolescência é um fenômeno moderno. Nossos ancestrais passavam da infância à vida adulta sem estágios intermediários. Nas comunidades agrárias o menino de sete anos trabalhava na roça e as meninas cuidavam dos afazeres domésticos antes de chegar a essa idade.



A figura do adolescente que mora com os pais até os 30 anos, sem abrir mão do direito de reclamar da comida à mesa e da camisa mal passada, surgiu nas sociedades industrializadas depois da Segunda Guerra Mundial. Bem mais cedo, nossos avós tinham filhos para criar.

A exaltação da juventude como o período áureo da existência humana é um mito das sociedades ocidentais. Confinar aos jovens a publicidade dos bens de consumo, exaltar a estética, os costumes e os padrões de comportamento característicos dessa faixa etária tem o efeito perverso de insinuar que o declínio começa assim que essa fase se aproxima do fim.

A ideia de envelhecer aflige mulheres e homens modernos, muito mais do que afligia nossos antepassados. Sócrates tomou cicuta aos 70 anos, Cícero foi assassinado aos 63, Matusalém sabe-se lá quantos anos teve, mas seus contemporâneos gregos, romanos ou judeus viviam em média 30 anos. No início do século 20, a expectativa de vida ao nascer nos países da Europa mais desenvolvida não passava dos 40 anos.

A mortalidade infantil era altíssima; epidemias de peste negra, varíola, malária, febre amarela, gripe e tuberculose dizimavam populações inteiras. Nossos ancestrais viveram num mundo devastado por guerras, enfermidades infecciosas, escravidão, dores sem analgesia e a onipresença da mais temível das criaturas. Que sentido haveria em pensar na velhice quando a probabilidade de morrer jovem era tão alta? Seria como hoje preocupar-nos com a vida aos cem anos de idade, que pouquíssimos conhecerão.

Os que estão vivos agora têm boa chance de passar dos 80. Se assim for, é preciso sabedoria para aceitar que nossos atributos se modificam com o passar dos anos. Que nenhuma cirurgia devolverá aos 60 o rosto que tínhamos aos 18, mas que envelhecer não é sinônimo de decadência física para aqueles que se movimentam, não fumam, comem com parcimônia, exercitam a cognição e continuam atentos às transformações do mundo.

Considerar a vida um vale de lágrimas no qual submergimos de corpo e alma ao deixar a juventude é torná-la experiência medíocre. Julgar, aos 80 anos, que os melhores foram aqueles dos 15 aos 25 é não levar em conta que a memória é editora autoritária, capaz de suprimir por conta própria as experiências traumáticas e relegar ao esquecimento inseguranças, medos, desilusões afetivas, riscos desnecessários e as burradas que fizemos nessa época.

Nada mais ofensivo para o velho do que dizer que ele tem “cabeça de jovem”. É considerá-lo mais inadequado do que o rapaz de 20 anos que se comporta como criança de dez. Ainda que maldigamos o envelhecimento, é ele que nos traz a aceitação das ambiguidades, das diferenças, do contraditório e abre espaço para uma diversidade de experiências com as quais nem sonhávamos anteriormente. VARELLA, D. A arte de envelhecer.

Adaptado. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/2016/01/1732457>> Acesso em: mai. 2017.

4. Depreende-se que o autor, em relação ao processo de envelhecimento, manifesta

- a) rejeição.
- b) hesitação.
- c) aceitação.
- d) pesar.
- e) esperança.

5. No período “Da mesma forma que ensaiamos os primeiros passos por imitação, temos que aprender a ser adolescentes, adultos e a ficar cada vez mais velhos.”, (parágrafo 3), o autor

- a) fortalece a ideia de que a infância está cada vez mais curta.



- b) restringe a vida humana a apenas três fases.
- c) advoga em favor dos idosos que tentam se manter jovens.
- d) condena a manutenção da rivalidade entre jovens e velhas.
- e) alerta para a necessidade de adaptar-se a cada fase da vida.

6. Assinale a opção que NÃO constitui um dos aspectos acerca do envelhecimento apresentados no texto. Envelhecer

- a) apavora a homens e mulheres.
- b) desfaz a ilusão de eterna juventude.
- c) requer tratamentos de rejuvenescimento.
- d) descortina valores dantes ignorados.
- e) traz aceitação das diferenças.

Texto 4 - NOTÍCIA

Proibido para menores de 50 anos. Nos últimos meses, em meio ao debate sobre as reformas na Previdência, um ponto acabou despertando a atenção. Afinal, existem empregos para quem tem mais de 50 anos? Pendurar as chuteiras nem sempre é fácil. Às vezes, pode significar uma quebra tão grande na rotina que afeta até mesmo o emocional. Foi a partir de uma experiência familiar nesta linha que o paulistano Mórris Litvak criou a startup MaturiJobs. Trata-se de uma agência virtual de empregos, especializada em profissionais com mais de 50 anos.

(Revista Isto é Dinheiro. Mercado de Trabalho. Maio/2017. p. 6.)

7. A afirmação “Pendurar as chuteiras nem sempre é fácil” sugere

- a) falta de recursos para aproveitar a fase chamada melhor idade.
- b) comprometimento emocional gerado por mudança de hábitos.
- c) diminuição da capacidade intelectual do idoso.
- d) rejeição dos limites físicos decorrentes da idade.
- e) perda de status decorrente da saída do mercado de trabalho.

Texto 5 - REPORTAGEM

O Brasil será, em poucas décadas, um dos países com maior número de idosos do mundo, e precisa correr para poder atendê-los no que eles têm de melhor e mais saudável: o desejo de viver com independência e autonomia. [...] O mantra da velhice no século XXI é “envelhecer no lugar”, o que os americanos chamam de aging in place. O conceito que guia novas políticas e negócios voltados para os longevos tem como principal objetivo fazer com que as pessoas consigam permanecer em casa o maior tempo possível, sem que, para isso, precisem de um familiar por perto. Não se trata de apologia da solidão, mas de encarar um dado da realidade contemporânea: as residências não abrigam mais três gerações sob o mesmo teto e boa parte dos idosos de hoje prefere, de fato, morar sozinha, mantendo-se dona do próprio nariz.

Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/brasill envelhecer-noseculo-xxi/>>, 18 mar. 2016. Adaptado. Acesso em: 10 ago. 17.

8. É correto concluir que os textos 4 e 5

- a) afirmam que o homem é capaz de superar todas as limitações da velhice.
- b) concordam que o envelhecimento não aflige mais a geração atual.
- c) julgam que as pessoas ainda sonham ser eternamente jovens.



- d) transmitem uma visão idealizada do envelhecimento nos dias atuais.
- e) focalizam aspectos diferentes do idoso em relação ao seu espaço na sociedade.

(ITA - 2017)

Texto 6 - EDITORIAL

A mídia realmente tem o poder de manipular as pessoas?

Por Francisco Fernandes Ladeira

À primeira vista, a resposta para a pergunta que intitula este artigo parece simples e óbvia: sim, a mídia é um poderoso instrumento de manipulação. A ideia de que o frágil cidadão comum é impotente frente aos gigantescos e poderosos conglomerados da comunicação é bastante atrativa intelectualmente. Influentes nomes, como Adorno e Horkheimer, os primeiros pensadores a realizar análises mais sistemáticas sobre o tema, concluíram que os meios de comunicação em larga escala moldavam e direcionavam as opiniões de seus receptores. Segundo eles, o rádio torna todos os ouvintes iguais ao sujeitá-los, autoritariamente aos idênticos programas das várias estações. No livro *Televisão e Consciência de Classe*, Sarah Chucid Da Viá afirma que o vídeo apresenta um conjunto de imagens trabalhadas, cuja apreensão é momentânea, de forma a persuadir rápida e transitoriamente o grande público. Por sua vez, o psicólogo social Gustav Le Bon considerava que, nas massas, o indivíduo deixava de ser ele próprio para ser um autômato sem vontade e os juízos aceitos pelas multidões seriam sempre impostos e nunca discutidos. Assim, fomentou-se a concepção de que a mídia seria capaz de manipular incondicionalmente uma audiência submissa, passiva e acrítica.

Todavia, como bons cidadãos céticos, devemos duvidar (ou ao menos manter certa ressalva) de proposições imediatistas e aparentemente fáceis. As relações entre mídia e público são demasiadamente complexas, vão muito além de uma simples análise behaviorista de estímulo/resposta. As mensagens transmitidas pelos grandes veículos de comunicação não são recebidas automaticamente e da mesma maneira por todos os indivíduos. Na maioria das vezes, o discurso midiático perde seu significado original na controversa relação emissor/receptor. Cada indivíduo está envolto em uma “bolha ideológica”, apanágio de seu próprio processo de individuação, que condiciona sua maneira de interpretar e agir sobre o mundo. Todos nós, ao entrarmos em contato com o mundo exterior, construímos representações sobre a realidade. Cada um de nós forma juízos de valor a respeito dos vários âmbitos do real, seus personagens, acontecimentos e fenômenos e, conseqüentemente, acreditamos que esses juízos correspondem à “verdade”. [...]

[...] A mídia é apenas um, entre vários quadros ou grupos de referência, aos quais um indivíduo recorre como argumento para formular suas opiniões. Nesse sentido, competem com os veículos de comunicação como quadros ou grupos de referência fatores subjetivos/psicológicos (história familiar, trajetória pessoal, predisposição intelectual), o contexto social (renda, sexo, idade, grau de instrução, etnia, religião) e o ambiente informacional (associação comunitária, trabalho, igreja). “Os vários tipos de receptor situam-se numa complexa rede de referências em que a comunicação interpessoal e a midiática se completam e modificam”, afirmou a cientista social Alessandra Aldé em seu livro *A construção da política: democracia, cidadania e meios de comunicação de massa*. Evidentemente, o peso de cada quadro de referência tende a variar de acordo com a realidade individual. Seguindo essa linha de raciocínio, no original estudo *Muito Além do Jardim Botânico*, Carlos Eduardo Lins



da Silva constatou como telespectadores do Jornal Nacional acionam seus mecanismos de defesa, individuais ou coletivos, para filtrar as informações veiculadas, traduzindo-as segundo seus próprios valores. “A síntese e as conclusões que um telespectador vai realizar depois de assistir a um telejornal não podem ser antecipadas por ninguém; nem por quem produziu o telejornal. Nem por quem assistiu ao mesmo tempo que aquele telespectador, inferiu Carlos Eduardo.

Adaptado de: <http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensaem-questao/a-midia-realmente-tem-o-poder-de-manipular-aspeessoas/>. (Publicado em 14/04/2015, na edição 846 Acesso em 13/07/2016.)

9. O autor do texto

- a) acredita que a mídia controla e manipula todos os cidadãos, independentemente de sua condição socioeconômica e cultural.
- b) mostra o poder absoluto da mídia de deturpar a realidade dos fatos, tornando os cidadãos alienados e passivos.
- c) mostra ao leitor que a mídia tem total poder de influenciar o seu público, principalmente pelas redes sociais.
- d) prova a tese de que a mídia manipula os leitores, respaldando-se em importantes estudiosos da cultura de massa.
- e) sustenta a ideia de que a mídia é apenas um dos fatores que interferem na construção da opinião dos indivíduos.

10. De acordo com o ponto de vista do autor,

- I. fatores subjetivos/psicológicos são os mais influentes na formação das opiniões e superam até mesmo a incondicional influência midiática.
- II. a homogeneidade dos programas de rádio e de televisão é a responsável pela manipulação midiática das opiniões.
- III. é impossível determinar como o indivíduo interpretará as informações veiculadas por um telejornal.

Está(ão) correta(s) apenas

- a) I e II.
- b) I e III.
- c) II.
- d) II e III.
- e) III.

11. Com relação às estratégias argumentativas utilizadas no texto, é correto afirmar que o autor

- a) vale-se da pergunta retórica do título, respondida afirmativamente por ele mesmo.
- b) apresenta apenas posicionamentos de estudiosos que são idênticos aos seus.
- c) vale-se do uso das aspas nos quatro momentos para se distanciar daquilo que é dito.
- d) utiliza a primeira pessoa do plural para se aproximar do leitor e o persuadir sobre seu ponto de vista.
- e) apresenta com total imparcialidade pontos de vista diversos sobre a manipulação da mídia.

Texto 7 – REPORTAGEM

Vídeos falsos confundem o público e a Imprensa



Por Jesper Jackson, tradução de Jo Amado

Cerca de duas horas depois da divulgação dos atentados de terça-feira (22/03) em Bruxelas, apareceu um vídeo no YouTube, sob a alegação de que seriam imagens do circuito fechado de televisão (CCTV), mostrando uma explosão no aeroporto Zaventem, da cidade. As imagens rapidamente se espalharam pelas redes sociais e foram divulgadas por alguns dos principais sites de notícias. Depois desse, surgiu outro vídeo, supostamente mostrando uma explosão na estação de metrô Maelbeek, próxima ao Parlamento Europeu, e ainda um outro, alegando ser do aeroporto.

Entretanto, nenhum dos vídeos era o que alegava ser. Os três vídeos eram gravações de 2011, dois de um atentado ao aeroporto Domodedovo, de Moscou, e um de uma bomba que explodiu numa estação de metrô de Minsk, capital da Belarus.

As imagens distorcidas dos cliques do circuito fechado de televisão foram convertidas de cor em preto e branco, horizontalmente invertidas, novamente etiquetadas e postadas como se tivessem surgido dos acontecimentos do dia. Embora a conta do YouTube que compartilhou as imagens com falsos objetivos tenha sido rapidamente tirada do ar, outros veículos as reproduziram dizendo que eram de Bruxelas.

Os vídeos ilusórios são exemplos de um fenômeno que vem se tornando cada vez mais comum em quase todas as matérias importantes que tratam de acontecimentos violentos e que ocorrem rapidamente. Reportagens falsas ou ilusórias espalham-se rapidamente pelas redes sociais e são acessadas por organizações jornalísticas respeitáveis, confundindo ainda mais um quadro já incrivelmente confuso.

A disseminação e divulgação de falsas informações não têm nada de novo, mas a internet tornou mais fácil plantar matérias e provas falsas e ilusórias, que serão amplamente compartilhadas pelo Twitter e pelo Facebook.

Alastair Reid, editor administrativo do site First Draft, que é uma coalizão de organizações que se especializam em checar informações e conta com o apoio do Google, disse que parte do problema é que qualquer pessoa que publique em plataformas como o Facebook tem a capacidade de atingir uma audiência tão ampla quanto aquelas que são atingidas por uma organização jornalística. “Pode tratar-se de alguém tentando desviar propositalmente a pauta jornalística por motivos políticos, ou muitas vezes são apenas pessoas que querem os números, os cliques e os compartilhamentos porque querem fazer parte da conversa ou da validade da informação”, disse ele. “Eles não têm quaisquer padrões de ética, mas têm o mesmo tipo de distribuição.”

Nesse meio tempo, a rápida divulgação das notícias online e a concorrência com as redes sociais também aumentaram a pressão sobre as organizações jornalísticas para serem as primeiras a divulgar cada avanço, ao mesmo tempo em que eliminam alguns dos obstáculos que permitem informações equivocadas.

Uma página na web não só pode ser atualizada de maneira a eliminar qualquer vestígio de uma mensagem falsa, mas, quando muitas pessoas apenas se limitam a registrar qual o website em que estão lendo uma reportagem, a ameaça à reputação é significativamente menor que no jornal impresso. Em muitos casos, um fragmento de informação, uma fotografia ou um vídeo são simplesmente bons demais para checar.

Alastair Reid disse: “Agora talvez haja mais pressão junto a algumas organizações para agirem rapidamente, para clicar, para ser a primeira... E há, evidentemente, uma pressão



comercial para ter aquele vídeo fantástico, aquela foto fantástica, para ser de maior interesse jornalístico, mais compartilhável e tudo isso pode se sobrepor ao desejo de ser certo).”

*Adaptado de: <http://observatoriodaimprenea.com.br/terrorismo/videos-falsosconfundem-o-publico-e-a-imprensa/>.
(Publicado originalmente no jornal The Guardian em 23/3/2016. Acesso em 30/03/2016.)*

12. De acordo com o texto,

- a) a divulgação deliberada de informações e vídeos falsos pela internet é um comportamento antiético.
- b) notícias veiculadas em redes sociais, como Facebook e Twitter, não merecem credibilidade por parte do leitor.
- c) as adaptações feitas em fotos normalmente são grosseiras e, por isso, despertam a desconfiança dos leitores.
- d) acontecimentos extremamente sérios são banalizados e propositalmente deturpados por organizações jornalísticas respeitáveis.
- e) a concorrência acirrada pela audiência é a única responsável pela eventual divulgação de dados, incorretos pela imprensa.

13. De acordo com o texto, é INCORRETO afirmar que

- a) a reputação de um jornal impresso é mais vulnerável do que a de uma página na web quanto à divulgação de notícias falsas.
- b) interesses comerciais podem ser razões para a divulgação precipitada de fotos e vídeos na rede.
- c) as organizações jornalísticas deveriam ter exclusividade na divulgação de fatos violentos, como atos terroristas.
- d) falsas notícias são facilmente divulgadas e compartilhadas nas redes sociais por motivos diversos.
- e) as organizações jornalísticas de credibilidade também são responsáveis pela divulgação de notícias falsas.

14. Marque a opção que NÃO constitui causa de divulgação de informações falsas na internet por organizações jornalísticas respeitáveis, de acordo com o texto.

- a) A rapidez com que as informações são divulgadas online.
- b) A pressão para serem as primeiras a divulgar as novidades.
- c) A concorrência com as redes sociais.
- d) A credibilidade despertada pela boa qualidade das imagens falsas.
- e) A impossibilidade de retirada de algo já veiculado.

15. Pode-se afirmar corretamente que tanto o Texto 6 quanto o Texto 7

- a) condenam a forma como veículos de comunicação menosprezam seu público.
- b) consideram que a mídia confunde o público com informações boas demais para serem questionadas.
- c) atribuem às redes sociais da internet um papel fundamental na formação de opinião.
- d) trazem exemplos de situações sensacionalistas utilizadas pela mídia.
- e) mencionam mais de um tipo de mídia no desenvolvimento de sua argumentação.

(ITA - 2016)



Texto 8 - CRÔNICA

Vou confessar um pecado: às vezes, faço maldades. Mas não faço por mal. Faço o que faziam os mestres zen com seus “koans”. “Koans” eram rasteiras que os mestres passavam no pensamento dos discípulos. Eles sabiam que só se aprende o novo quando as certezas velhas caem. E acontece que eu gosto de passar rasteiras em certezas de jovens e de velhos ...

Pois o que eu faço é o seguinte. Lá estão os jovens nos semáforos, de cabeças raspadas e caras pintadas, na maior alegria, celebrando o fato de terem passado no vestibular. Estão pedindo dinheiro para a festa! Eu paro o carro, abro a janela e na maior seriedade digo: “Não vou dar dinheiro. Mas vou dar um conselho. Sou professor emérito da Unicamp. O conselho é este: salvem-se enquanto é tempo!”. Aí o sinal fica verde e eu continuo.

“Mas que desmancha-prazeres você é!”, vocês me dirão. É verdade. Desmancha-prazeres. Prazeres inocentes baseados no engano. Porque aquela alegria toda se deve precisamente a isto: eles estão enganados.

Estão alegres porque acreditam que a universidade é a chave do mundo. Acabaram de chegar ao último patamar. As celebrações têm o mesmo sentido que os eventos iniciáticos – nas culturas ditas primitivas, as provas a que têm de se submeter os jovens que passaram pela puberdade. Passadas as provas e os seus sofrimentos, os jovens deixaram de ser crianças. Agora são adultos, com todos os seus direitos e deveres. Podem assentar-se na roda dos homens. Assim como os nossos jovens agora podem dizer: “Deixei o cursinho. Estou na universidade”.

Houve um tempo em que as celebrações eram justas. Isso foi há muito tempo, quando eu era jovem. Naqueles tempos, um diploma universitário era garantia de trabalho. Os pais se davam como prontos para morrer quando uma destas coisas acontecia: 1) a filha se casava. Isso garantia o seu sustento pelo resto da vida; 2) a filha tirava o diploma de normalista. Isso garantiria o seu sustento caso não casasse; 3) o filho entrava para o Banco do Brasil; 4) o filho tirava diploma. O diploma era mais que garantia de emprego.

Era um atestado de nobreza. Quem tirava diploma não precisava trabalhar com as mãos, como os mecânicos, pedreiros e carpinteiros, que tinham mãos rudes e sujas.

Para provar para todo mundo que não trabalhavam com as mãos, os diplomados tratavam de pôr no dedo um anel com pedra colorida. Havia pedras para todas as profissões: médicos, advogados, músicos, engenheiros. Até os bispos tinham suas pedras.

(Ah! Ia me esquecendo: os pais também se davam como prontos para morrer quando o filho entrava para o seminário para ser padre – aos 45 anos seria bispo – ou para o exército para ser oficial – aos 45 anos seria general.)

Essa ilusão continua a morar na cabeça dos pais e é introduzida na cabeça dos filhos desde pequenos. Profissão honrosa é profissão que tem diploma universitário. Profissão rendosa é a que tem diploma universitário. Cria-se, então, a fantasia de que as únicas opções de profissão são aquelas oferecidas pelas universidades.

Quando se pergunta a um jovem “O que é que você vai fazer?”, o sentido dessa pergunta é “Quando você for preencher os formulários do vestibular, qual das opções oferecidas você vai escolher?”. E as opções não oferecidas? Haverá alternativas de trabalho que não se encontram nos formulários de vestibular?

Como todos os pais querem que seus filhos entrem na universidade e (quase) todos os jovens querem entrar na universidade, configura-se um mercado imenso, mas imenso mesmo, de pessoas desejosas de diplomas e prontas a pagar o preço. Enquanto houver jovens que não



passam nos vestibulares das universidades do Estado, haverá mercado para a criação de universidades particulares. É um bom negócio.

Alegria na entrada. Tristeza ao sair. Forma-se, então, a multidão de jovens com diploma na mão, mas que não conseguem arranjar emprego. Por uma razão aritmética: o número de diplomados é muitas vezes maior que o número de empregos.

Já sugeri que os jovens que entram na universidade deveriam aprender, junto com o curso “nobre” que frequentam, um ofício: marceneiro, mecânico, cozinheiro, jardineiro, técnico de computador, eletricista, encanador, descupinizador, motorista de trator ... O rol de ofícios possíveis é imenso. Pena que, nas escolas, as crianças e os jovens não sejam informados sobre essas alternativas, por vezes mais felizes e mais rendosas.

Tive um amigo professor que foi guindado, contra a sua vontade, à posição de reitor de um grande colégio americano no interior de Minas. Ele odiava essa posição porque era obrigado a fazer discursos. E ele tremia de medo de fazer discursos. Um dia ele desapareceu sem explicações. Voltou com a família para o seu país, os Estados Unidos. Tempos depois, encontrei um amigo comum e perguntei: “Como vai o Fulano?”. Respondeu-me: “Felicíssimo. É motorista de um caminhão gigantesco que cruza o país!”.

(Rubem Alves. Diploma não é solução, Folha de S.Paulo, 25/05/2004.)

16. De acordo com o autor.

- a) a escolha certa do curso universitário é a garantia de sucesso profissional.
- b) é aconselhável que o universitário concilie o curso superior com uma formação alternativa.
- c) é imprescindível mais de uma formação universitária como garantia de futuro bem sucedido.
- d) é recomendável que as universidades ofereçam cursos para formação de trabalhadores manuais.
- e) o diploma universitário, aliado a cursos de curta duração, possibilita o amadurecimento do jovem.

17. O autor mostra-se

- a) contrário à realização dos vestibulares atuais.
- b) otimista quanto à realidade educacional brasileira.
- c) simpático às atividades informais não assalariadas.
- d) realista quanto à oferta limitada de emprego para os diplomados.
- e) contrário aos critérios de seleção de instituições privadas de ensino.

18. De acordo com o texto, uma expectativa da sociedade brasileira que ainda se mantém é

- a) a carreira sacerdotal como forma de ascensão social.
- b) a carreira militar como garantia de rápida progressão profissional.
- c) o casamento como garantia de segurança econômica para as mulheres.
- d) a aprovação em concurso público como garantia de sucesso profissional.
- e) o diploma universitário como garantia de emprego e reconhecimento social.

19. Assinale a opção que NÃO sustenta a tese do autor.

- a) Há profissionais diplomados sem emprego.
- b) Há diplomados descontentes com a carreira que escolheram.
- c) As melhores opções de carreira são as oferecidas pelas universidades.
- d) Existem ofícios mais rentáveis que algumas carreiras de nível superior.



e) Há quem tenha trocado a profissão em que se diplomou por outro ofício.

(ITA – 2015)

Texto 9 – CRÔNICA

José Leal fez uma reportagem na Ilha das Flores, onde ficam os imigrantes logo que chegam. E falou dos equívocos de nossa política imigratória. As pessoas que ele encontrou não eram agricultores e técnicos, gente capaz de ser útil. Viu músicos profissionais, bailarinas austríacas, cabeleireiras lituanas. Paul Balt toca acordeão, Ivan Donef faz coquetéis, Galar Bedrich é vendedor, Serof Nedko é ex-oficial, Luigi Tonizo é jogador de futebol, Ibolya Pohl é costureira. Tudo gente para o asfalto, “para entulhar as grandes cidades”, como diz o repórter.

O repórter tem razão. Mas eu peço licença para ficar imaginando uma porção de coisas vagas, ao olhar essas belas fotografias que ilustram a reportagem. Essa linda costureirinha morena de Badajoz, essa Ingeborg que faz fotografias e essa Irgard que não faz coisa alguma, esse Stefan Cromick cuja única experiência na vida parece ter sido vender bombons – não, essa gente não vai aumentar a produção de batatinhas e quiabos nem plantar cidades no Brasil Central.

É insensato importar gente assim. Mas o destino das pessoas e dos países também é, muitas vezes, insensato: principalmente da gente nova e países novos. A humanidade não vive apenas de carne, alface e motores. Quem eram os pais de Einstein, eu pergunto; e se o jovem Chaplin quisesse hoje entrar no Brasil acaso poderia? Ninguém sabe que destino terão no Brasil essas mulheres louras, esses homens de profissões vagas. Eles estão procurando alguma coisa: emigraram. Trazem pelo menos o patrimônio de sua inquietação e de seu apetite de vida. Muitos se perderão, sem futuro, na vagabundagem inconsequente das cidades; uma mulher dessas talvez se suicide melancolicamente dentro de alguns anos, em algum quarto de pensão. Mas é preciso de tudo para fazer um mundo; e cada pessoa humana é um mistério de heranças e de taras. Acaso importamos o pintor Portinari, o arquiteto Niemeyer, o físico Lattes? E os construtores de nossa indústria, como vieram eles ou seus pais? Quem pergunta hoje, e que interessa saber, se esses homens ou seus pais ou seus avós vieram para o Brasil como agricultores, comerciantes, barbeiros ou capitalistas, aventureiros ou vendedores de gravata? Sem o tráfico de escravos não teríamos tido Machado de Assis, e Carlos Drummond seria impossível sem uma gota de sangue (ou uísque) escocês nas veias, e quem nos garante que uma legislação exemplar de imigração não teria feito Roberto Burle Marx nascer uruguaio, Vila Lobos mexicano, ou Pancetti chileno, o general Rondon canadense ou Noel Rosa em Moçambique? Sejamos humildes diante da pessoa humana: o grande homem do Brasil de amanhã pode descender de um clandestino que neste momento está saltando assustado na praça Mauá, e não sabe aonde ir, nem o que fazer. Façamos uma política de imigração sábia, perfeita, materialista; mas deixemos uma pequena margem aos inúteis e aos vagabundos, às aventureiras e aos tontos porque dentro de algum deles, como sorte grande da fantástica loteria humana, pode vir a nossa redenção e a nossa glória.

(BRAGA, R. Imigração. In: A borboleta amarela. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963)

20. O objetivo do autor é

- discutir a reportagem de José Leal sobre a chegada de imigrantes ao Brasil.
- apoiar a imigração europeia, independentemente da condição social dos imigrantes.
- mostrar que o Brasil não precisa de imigrantes sem qualificação profissional.
- defender uma política imigratória não necessariamente vinculada a critérios profissionais.



e) criticar a legislação brasileira sobre imigração vigente na época.

21. O autor do texto

- a) destaca a aparência das imigrantes como um fator preponderante para a imigração.
- b) reproduz os nomes dos imigrantes citados na reportagem para atribuir-lhes importância social.
- c) toma como sua a expressão “para entulhar as grandes cidades”.
- d) desenvolve os argumentos para sustentar que “é insensato importar gente assim”.
- e) concorda parcialmente com o repórter José Leal, porém assume um ponto de vista diferente.

22. De acordo com o texto, Rubem Braga

- I. assevera que os imigrantes qualificados teriam destino promissor no Brasil.
- II. mostra otimismo em relação aos imigrantes sem profissão definida.
- III. apresenta ideias sobre imigração tanto semelhantes como avessas às de José Leal.
- IV. considera que, sem imigração, não haveria algumas das grandes personalidades no Brasil.

Estão corretas apenas:

- a) I e II.
- b) I, II e IV.
- c) II e III.
- d) II, III e IV.
- e) III e IV.

23. No trecho, *Tudo gente para o asfalto, “para entulhar as grandes cidades”, como diz o repórter, Rubem Braga*

- I. retrata o ponto de vista do repórter José Leal.
- II. cita José Leal e, com isso, marca a direção argumentativa do seu texto.
- III. concorda com o repórter, segundo o qual os imigrantes deveriam trabalhar apenas no campo.
- IV. concorda com o repórter, segundo o qual os imigrantes são desqualificados por exercerem profissões tipicamente urbanas.

Estão corretas apenas:

- a) I e II.
- b) I, II e IV.
- c) I e III.
- d) II, III e IV.
- e) III e IV.

(ITA - 2014)

Texto 10 – CRÔNICA (Manuel Bandeira)

Não há hoje no mundo, em qualquer domínio de atividade artística, um artista cuja arte contenha maior universalidade que a de Charles Chaplin. A razão vem de que o tipo de Carlito é uma dessas criações que, salvo idiosincrasias muito raras, interessam e agradam a toda a gente. Como os heróis das lendas populares ou as personagens das velhas farsas de mamulengo.



Carlito é popular no sentido mais alto da palavra. Não saiu completo e definitivo da cabeça de Chaplin: foi uma criação em que o artista procedeu por uma sucessão de tentativas e erradas.

Chaplin observava sobre o público o efeito de cada detalhe.

Um dos traços mais característicos da pessoa física de Carlito foi achado casual. Chaplin certa vez lembrou-se de arremedar a marcha desgovernada de um tabético. O público riu: estava fixado o andar habitual de Carlito.

O vestuário da personagem – fraquezinho humorístico, calças lambazonas, botinas escarrapachadas, cartolinha – também se fixou pelo consenso do público.

Certa vez que Carlito trocou por outras as botinas escarrapachadas e a clássica cartolinha, o público não achou graça: estava desapontado. Chaplin eliminou imediatamente a variante. Sentiu com o público que ela destruía a unidade física do tipo. Podia ser jocosa também, mas não era mais Carlito.

Note-se que essa indumentária, que vem dos primeiros filmes do artista, não contém nada de especialmente extravagante. Agrada por não sei quê de elegante que há no seu ridículo de miséria. Pode-se dizer que Carlito possui o dandismo do grotesco.

Não será exagero afirmar que toda a humanidade viva colaborou nas salas de cinema para a realização da personagem de Carlito, como ela aparece nessas estupendas obras-primas de humour que são O Garoto, Ombro Arma, Em Busca do Ouro e O Circo.

Isto por si só atestaria em Chaplin um extraordinário dom de discernimento psicológico. Não obstante, se não houvesse nele profundidade de pensamento, lirismo, ternura, seria levado por esse processo de criação à vulgaridade dos artistas medíocres que condescendem com o fácil gosto do público.

Aqui é que começa a genialidade de Chaplin. Descendo até o público, não só não se vulgarizou, mas ao contrário ganhou maior força de emoção e de poesia. A sua originalidade extremou-se. Ele soube isolar em seus dados pessoais, em sua inteligência e em sua sensibilidade de exceção, os elementos de irreduzível humanidade. Como se diz em linguagem matemática, pôs em evidência o fator comum de todas as expressões humanas. O olhar de Carlito, no filme O Circo, para a brioche do menino faz rir a criançada como um gesto de gulodice engraçada. Para um adulto pode sugerir da maneira mais dramática todas as categorias do desejo. A sua arte simplificou-se ao mesmo tempo que se aprofundou e alargou. Cada espectador pode encontrar nela o que procura: o riso, a crítica, o lirismo ou ainda o contrário de tudo isso.

Essas reflexões me acudiram ao espírito ao ler umas linhas da entrevista fornecida a Florent Fels pelo pintor Pascin, búlgaro naturalizado americano. Pascin não gosta de Carlito e explicou que uma fita de Carlito nos Estados Unidos tem uma significação muito diversa da que lhe dão fora de lá. Nos Estados Unidos, Carlito é o sujeito que não sabe fazer as coisas como todo mundo, que não sabe viver como os outros, não se acomoda em meio algum, – em suma um inadaptável. O espectador americano ri satisfeito de se sentir tão diferente daquele sonhador ridículo. É isto que faz o sucesso de Chaplin nos Estados Unidos. Carlito com as suas lamentáveis aventuras constitui ali uma lição de moral para educação da mocidade no sentido de preparar uma geração de homens hábeis, práticos e bem quaisquer!

Por mais ao par que se esteja do caráter prático do americano, do seu critério de sucesso para julgamento das ações humanas, do seu gosto pela standardização, não deixa de surpreender aquela interpretação moralista dos filmes de Chaplin. Bem examinadas as coisas,



não havia motivo para surpresa. A interpretação cabe perfeitamente dentro do tipo e mais: o americano bem verdadeiramente americano, o que veda a entrada do seu território a doentes e estropiados, o que propõe o pacto contra a guerra e ao mesmo tempo assalta a Nicarágua, não poderia sentir de outro modo.

Não importa, não será menos legítima a concepção contrária, tanto é verdade que tudo cabe na humanidade vasta de Carlito. Em vez de um fraco, de um pulha, de um inadapável, posso eu interpretar Carlito como um herói. Carlito passa por todas as misérias sem lágrimas nem queixas. Não é força isto? Não perde a bondade apesar de todas as experiências, e no meio das maiores privações acha um jeito de amparar a outras criaturas em aperto. Isso é pulhice?

Aceita com estoicismo as piores situações, dorme onde é possível ou não dorme, come sola de sapato cozida como se se tratasse de alguma língua do Rio Grande. É um inadapável?

Sem dúvida não sabe se adaptar às condições de sucesso na vida. Mas haverá sucesso que valha a força de ânimo do sujeito sem nada neste mundo, sem dinheiro, sem amores, sem teto, quando ele pode agitar a bengalinha como Carlito com um gesto de quem vai tirar a felicidade do nada? Quando um ajuntamento se forma nos filmes, os transeuntes vão parando e acercando-se do grupo com um ar de curiosidade interesseira. Todos têm uma fisionomia preocupada. Carlito é o único que está certo do prazer ingênuo de olhar.

Neste sentido Carlito é um verdadeiro professor de heroísmo. Quem vive na solidão das grandes cidades não pode deixar de sentir intensamente o influxo da sua lição, e uma simpatia enorme nos prende ao boêmio nos seus gestos de aceitação tão simples.

Nada mais heroico, mais comovente do que a saída de Carlito no fim de O Circo. Partida a companhia, em cuja troupe seguia a menina que ele ajudara a casar com outro, Carlito por alguns momentos se senta no círculo que ficou como último vestígio do picadeiro, refletindo sobre os dias de barriga cheia e relativa felicidade sentimental que acabava de desfrutar. Agora está de novo sem nada e inteiramente só. Mas os minutos de fraqueza duram pouco. Carlito levanta-se, dá um puxão na casaquinha para recuperar a linha, faz um molinete com a bengalinha e sai campo afora sem olhar para trás. Não tem um vintém, não tem uma afeição, não tem onde dormir nem o que comer. No entanto vai como um conquistador pisando em terra nova. Parece que o Universo é dele. E não tenham dúvida: o Universo é dele.

Com efeito, Carlito é poeta.

(Em: Crônicas da Província do Brasil. 1937.)

idiossincrasia: maneira de ser e de agir própria de cada pessoa.

Mamulengo: fantoche, boneco usado à mão em peças de teatro popular ou infantil.

Tabético: que tem andar desgovernado, sem muita firmeza.

dandismo: relativo ao indivíduo que se veste e se comporta com elegância.

pulhice: safadeza, canalhice.

estoicismo: resignação com dignidade diante do sofrimento, da adversidade, do infortúnio.

molinete: movimento giratório que se faz com a espada ou outro objeto semelhante.

24. Considerando que o título pode antecipar para o leitor o tema central do texto, assinale a opção que apresenta o título mais adequado.

- a) A representatividade de Carlito em O Circo.
- b) O heroísmo de Carlito.
- c) As representações da vida real por Chaplin.



- d) A recepção dos filmes de Chaplin.
- e) A dualidade no personagem Carlito.

25. Considere o enunciado “Carlito é popular no sentido mais alto da palavra” e as informações de todo o texto. Na visão de Bandeira, a popularidade pode ser explicada pelo fato de Carlito

- I. ser apresentado com indumentária elegante.
- II. ser responsável por atrair grande público para os cinemas.
- III. retratar o tipo heroico americano, que não quer ser considerado malsucedido.
- IV. ter sido ajustado a partir das reações do público.

Está(ão) correta(s):

- a) apenas I e II.
- b) apenas I e III.
- c) apenas II e IV.
- d) apenas III e IV.
- e) todas.

26. De acordo com Bandeira,

- a) Carlito é essencialmente triste, apesar de não demonstrar.
- b) o público se identifica com Carlito, porque ele representa um tipo universal de simplicidade.
- c) Carlito faz sucesso nos Estados Unidos, porque é sonhador como os americanos.
- d) Carlito representa o lado heroico do ser humano, embora isso não seja explicitado em seus filmes.
- e) Carlito representa o lado debochado e despojado do ser humano, daí seu grande sucesso.

27. Sobre Charles Chaplin, o texto nos permite dizer que

- a) sua arte desperta diversas emoções e extrapola os limites geográficos.
- b) seu personagem Carlito originou-se das reações do público.
- c) seu personagem Carlito é apresentado como um tipo astuto e inteligente.
- d) seu personagem Carlito satiriza a miséria material e emocional do ser humano.
- e) sua arte desfaz no público sentimentos antagônicos.

28. Segundo Bandeira, o comportamento de Carlito é “uma lição de moral para educação da mocidade”, porque:

- a) contribui como modelo para a formação de pessoas hábeis e práticas.
- b) reforça a interpretação moral das pessoas, já que desejam se parecer com o personagem.
- c) o personagem é contraditório e as pessoas se identificam com isso.
- d) o personagem exibe uma grande humanidade.
- e) as pessoas rejeitam para si as características do personagem.

29. Segundo o texto, herói é aquele que

- a) comove as pessoas que o rodeiam.
- b) faz as pessoas levarem a vida de maneira leve.
- c) age de maneira corajosa e previsível.
- d) enfrenta as adversidades, ainda que tenha momentos de fraqueza.
- e) despreza o sucesso, embora o considere importante.



30. Considerando a estrutura do texto, pode-se dizer que Bandeira

- I. vale-se de outro texto para refletir sobre a recepção do público americano aos filmes de Chaplin.
- II. considera fatos da época para refletir sobre o comportamento dos americanos.
- III. descreve cenas de filmes para enaltecer a criação de Chaplin.
- IV. usa recursos linguísticos, como perguntas retóricas e adjetivos, para reforçar seu ponto de vista.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I e II.
- b) apenas I, II e IV.
- c) apenas II, III e IV.
- d) apenas III e IV.
- e) todas.

31. Depreende-se do texto que os americanos

- I. procuram valorizar as particularidades das pessoas.
- II. julgam as pessoas, conforme seu padrão de sucesso ou fracasso.
- III. são incoerentes em suas atitudes.
- IV. não reconhecem suas próprias fraquezas.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I e II.
- b) apenas I, II e IV.
- c) apenas II, III e IV.
- d) apenas III e IV.
- e) todas.

32. Assinale a opção em que NÃO há avaliação do autor.

- a) Não há hoje no mundo, em qualquer domínio de atividade artística, um artista cuja arte contenha maior universalidade que a de Charles Chaplin. (1º parágrafo).
- b) Chaplin observava sobre o público o efeito de cada detalhe. (4º parágrafo)
- c) Podia ser jocosa também, mas não era mais Carlito. (6º parágrafo)
- d) Isso por si só atestaria em Chaplin um extraordinário dom de discernimento psicológico. (9º parágrafo)
- e) Aqui é que começa a genialidade de Chaplin. (10º parágrafo)

Texto 11

Ritos

Nos filmes americanos do passado, quando alguém estava falando ao telefone e a linha de repente era cortada, a pessoa batia repetidamente no gancho, dizendo “Alô? Alô?”, para ver se o outro voltava. Nunca vi uma linha voltar por esse processo, nem no cinema, nem na vida real, mas era assim que os atores faziam.

Assim como acontecia também com o ato de o sujeito enfiar a carta dentro do envelope e lambar este envelope para fechá-la. Era formidável a “nonchalance” com que os atores



lambiam envelopes no cinema americano – a cola devia ser de primeira. Nos nossos envelopes, se não aplicássemos a possante goma arábica, as cartas chegariam abertas ao destino.

Outra coisa que sempre me intrigou nos velhos filmes era: o sujeito recebia um telegrama ou mensagem de um boy, enfiava a mão no bolso lateral da calça e já saía com uma moeda no valor certo da gorjeta, que ele atirava ao ar e o garoto pegava com notável facilidade. Ninguém tirava a moeda do bolsinho caça-níqueis, que é onde os homens costumam guardar moedas.

E ninguém tirava também um cigarro do maço e o levava à boca. Tirava-o da cigarreira ou de dentro do bolso mesmo, da calça ou do paletó. Ou seja, nos velhos filmes americanos, as pessoas andavam com os cigarros soltos pelos bolsos. Acho que era para não mostrar de graça, para milhões, a marca impressa no maço.

Já uma coisa que nunca entendi era por que todo mundo só entrava no carro pelo lado do carona e tinha de vencer aquele banco imenso, passando por cima das marchas, para chegar ao volante. Não seria mais prático, já que iriam dirigir, entrar pelo lado do motorista? Seria. Mas Hollywood, como tantas instituições, em Roma, Tegucigalpa ou Brasília, tinha seus ritos. E vá você entender os ritos, sacros ou profanos.

(Em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz2707200805.htm>. 27/07/2009)

Nonchalance: indiferença, desinteresse.

Tegucigalpa: capital de Honduras.

33. O Texto 2 é uma crítica

- a) à artificialidade dos ritos no cinema e na vida real.
- b) às produções hollywoodianas.
- c) à ausência de publicidade nos filmes.
- d) à qualidade dos produtos americanos.
- e) ao funcionamento de aparelhos tecnológicos.

34. Está presente no Texto 10, de Manuel Bandeira, e no 11, de Ruy Castro

- a) a abordagem de que os filmes constroem realidades próprias.
- b) a descrição de gestos artificiais de personagens nos filmes.
- c) uma crítica a situações improváveis retratadas pelos filmes.
- d) a descrição de comportamentos do público de filmes americanos antigos.
- e) comentários sobre comportamentos inadequados dos americanos.

(ITA – 2013)

Texto 12 - CRÔNICA

Escravos da tecnologia

Não, não vou falar das fábricas que atraem trabalhadores honestos e os tratam de forma desumana. Cada vez que um produto informa orgulhoso que foi desenhado na Califórnia e fabricado na China, sinto um arrepio na espinha. Conheço e amo essas duas partes do mundo.

Também conheço a capacidade de a tecnologia eliminar empregos. Parece o sonho de todo patrão: muita margem de lucro e poucos empregados. Se possível, nenhum! Tudo terceiro!

Conheço ainda como a tecnologia é capaz de criar empregos. Vivo há 15 anos num meio que disputa engenheiros e técnicos a tapa, digo, a dólares. O que acontece aí no Brasil, nessa área, acontece igualzinho no Vale do Silício: empresas tentando arrancar talentos umas das outras. Aqui, muitos decidem tentar a sorte abrindo sua própria start-up, em vez de encher o



bolso do patrão. Estou rodeada também de investidores querendo fazer apostas para... voltar a encher os bolsos ainda mais.

Mas queria falar hoje de outro tipo de escravidão tecnológica. Não dos que dormiram na rua sob chuva para comprar o novo iPhone 4S... Quero reclamar de quanto nós estamos tendo de trabalhar de graça para os sistemas, cada vez que tentamos nos mover na internet. Isso é escravidão – e odeio isso.

Outro dia, fiz aniversário e fui reservar uma mesa num restaurante bacana da cidade. Achei o site do restaurante, lindo, e pareceu fácil de reservar on-line. Call on OpenTable, sistema bastante usado e eficaz por aqui. Escolhi dia, hora, informei número de pessoas e, claro, tive de dar meu nome, e-mail e telefone.

Dois dias antes da data marcada, precisei mudar o número de participantes, pois tive confirmação de mais pessoas. Entrei no site, mas aí nem o site nem o OpenTable podiam modificar a reserva on-line, pela proximidade do jantar. A recomendação era... telefonar ao restaurante! Humm... Telefonei. Secretária eletrônica. Deixei recado.

No dia seguinte um funcionário do restaurante me ligou, confirmando ter ouvido o recado e tudo certo com o novo tamanho da mesa. Incrível! Que felicidade ouvir um ser humano de verdade me dando a resposta que eu queria ouvir! Hoje, tentando dar conta da leitura dos vários e-mails que recebo, tentando arduamente não perder os relevantes, os imprescindíveis, os dos amigos, os da família e os dos leitores, recebi um do OpenTable.

Queriam que avaliasse minha experiência no restaurante. Tudo bem, concordo que ranking do público é coisa legal. Mas posso dizer outra coisa?

Não tenho tempo de ficar entrando em sites e preenchendo questionário de avaliação de cada refeição, produto e serviço que usufruo na vida! Simples assim! Sem falar que é chato! Ainda mais agora que os crescentes intermediários eletrônicos se metem no jogo entre o cliente e o fornecedor.

Quando o garçom ou o “maitre” perguntam se a comida está boa, você fica contente em responder, até porque eles podem substituir o prato se você não estiver gostando. Mas quando um terceiro se mete nessa relação sem ser chamado, pode ser excessivo e desagradável. Parece que todas as empresas do mundo decidiram que, além de exigir informações cadastrais, logins e senhas, e empurrar goela abaixo seus sistemas automáticos de atendimento, tenho agora de preencher fichas pós-venda eletronicamente, de modo que as estatísticas saiam prontas e baratinhas para eles do outro lado da tela, à custa do meu precioso tempo!

Por que o OpenTable tem de perguntar de novo o que achei da comida? Eu sei. Porque para o OpenTable essa informação tem um valor diferente. Não contente em fazer reservas, quis invadir a praia do Yelp, o grande guia local que lista e traz avaliações dos clientes para tudo quanto é tipo de serviço, a começar pelos restaurantes.

O Yelp, por sua vez, invadiu a praia do Zagat (recém-comprado pelo Google), tradicionalíssimo guia (em papel) de restaurantes, que, por décadas, foi alimentado pelas avaliações dos leitores, via correio. As relações cliente-fornecedor estão mudando. Não faltarão “redutores” de custos e atravessadores on-line.

(Marion Strecker. Folha de S. Paulo, 20/10/2011. Texto adaptado.)

(*) Start-up: Empresa com baixo custo de manutenção, que consegue crescer rapidamente e gerar grandes e crescentes lucros em condições de extrema incerteza.



35. O aspecto da noção de sistema criticado no texto diz respeito

- a) à fabricação de produtos tecnológicos em mais de um país.
- b) ao uso de mecanismos computacionais para colher informações dos consumidores.
- c) aos mecanismos eletrônicos para fazer reservas.
- d) à forma como foram elaborados os guias Yelp e Zagat.
- e) à terceirização da fabricação de produtos e da prestação de serviços.

36. Assinale a opção em que o trecho NÃO apresenta uma interpretação subjetiva da autora.

- a) Parece o sonho de todo patrão: muita margem de lucro e poucos empregados. (2º parágrafo)
- b) Isso é escravidão – e odeio isso. (4º parágrafo)
- c) Dois dias antes da data marcada, precisei mudar o número de participantes, pois tive a confirmação de mais pessoas. (6º parágrafo)
- d) Tudo bem, concordo que ranking de público é coisa legal. (8º parágrafo)
- e) Mas quando um terceiro se mete nessa relação sem ser chamado, pode ser excessivo e desagradável. (10º parágrafo)

37. Em diversos momentos do texto, a autora dialoga com o leitor, antecipando possíveis reações dele. Assinale a opção em que no trecho selecionado NÃO há essa antecipação.

- a) Não, não vou falar das fábricas que atraem trabalhadores honestos e os tratam de forma desumana. (1º parágrafo)
- b) Não dos que dormiram na rua sob chuva para comprar o novo iPhone 4S ... (4º parágrafo)
- c) Mas posso dizer outra coisa? (8º parágrafo)
- d) Eu sei. Porque para o OpenTable essa informação tem um valor diferente. (11º parágrafo)
- e) As relações cliente-fornecedor estão mudando. (12º parágrafo)

Texto 13 - ENTREVISTA

Trecho de uma entrevista com o escritor canadense Don Tapscott.

Jornalista: _____

Don Tapscott: Quando falamos em informação livre, em transparência, falamos de governos, de empresas, não do ser humano comum. As pessoas não têm obrigação de expor seus dados, seus gostos. Ao contrário, elas têm a obrigação de manter a privacidade. Porque a garantia da privacidade é um dos pilares de nossa sociedade. Mas vivemos num mundo em que as informações pessoais circulam, e essas informações formam um ser virtual. Muitas vezes, esse ser virtual tem mais dados sobre você do que você mesmo. Exemplo: você pode não lembrar o que comprou há um ano, o que comeu ou que filme viu há um ano. Mas a empresa de cartão de crédito sabe, o Facebook pode saber. Muitas pessoas defendem toda essa abertura, mas isso pode ser muito perigoso por uma série de razões. Há muitos agentes do mal por aí, pessoas que podem coletar informações a seu respeito para prejudica-lo. Muitas vezes somos nós que oferecemos essa informação. Por exemplo, 20% dos adolescentes nos Estados Unidos enviam para as namoradas ou namorados fotos em que aparecem nus. Quando uma menina de 14 anos faz isso, ela não tem ideia de onde vai parar essa imagem. O namorado pode estar mal-intencionado ou ser ingênuo e compartilhar a foto.



Jornalista: E as informações que não fornecemos, mas que coletam sobre nós por meio da visita a websites ou pelo consumo?

Don Tapscott: Há dois grandes problemas. Um é o que chamo de Big Brother 2.0, que é diferente daquela ideia de ser filmado o tempo todo por um governo. Esse Big Brother 2.0 é a coleta sistemática de informações feita pelos governos. O segundo problema é o “little brother” – as empresas que também coletam informações a nosso respeito por razões econômicas, para definir nosso perfil e nos bombardear com publicidade. Muitas empresas, como o Facebook, querem é que a gente forneça mais e mais informações sobre nós mesmos porque isso tem valor. Às vezes, isso pode até ser vantajoso. Se eu, de fato, estiver procurando um carro, seria ótimo receber publicidade de carros diretamente. Mas e se essas empresas tentarem manipulá-lo? Podem usar sofisticados instrumentos de psicologia para motivá-lo a fazer alguma coisa sobre a qual você nem estava pensando.

Jornalista: O que podemos fazer para evitar isso?

Don Tapscott: Precisamos de mais leis sobre como essas informações são usadas. É necessário ficar claro que os dados coletados serão usados apenas para um propósito específico e que esse conjunto de dados não pode ser vendido para outros sem a sua permissão.

(Folha de S. Paulo, 12/07/2012. Texto adaptado.)

38. Para o entrevistado, a coleta de informações

- I. por indivíduos pode ser prejudicial às pessoas.
- II. pelo “little brother” é mais danosa do que a pelo Big Brother 2.0.
- III. por empresas pode ser danosa se as pessoas não souberem para que são usadas.

Está(ão) correta(s) apenas:

- a) I.
- b) I e III.
- c) II.
- d) II e III.
- e) III.

39. Assinale a opção que apresenta a melhor pergunta do jornalista (1ª linha do texto) para a resposta do entrevistado.

- a) Qual sua opinião sobre o uso que as empresas fazem da Internet?
- b) O senhor vê grandes mudanças na comunicação hoje, após o advento da Internet?
- c) Qual sua opinião sobre o comportamento dos jovens hoje na Internet?
- d) Hoje, quando tanto se fala de troca de informações on-line, como fica a questão da privacidade?
- e) Atualmente, por que os governos precisam de tantas informações sobre as pessoas comuns?

40. Os Textos 12 (Escravos da tecnologia) e 13 (trecho de uma entrevista com Don Tapscott) têm em comum:

- a) a crítica à exposição da privacidade dos usuários da Internet pelas empresas.
- b) as avaliações da autora (Texto 1) e do entrevistado (Texto 2) em relação ao uso atual da Internet.
- c) o apontamento de mais aspectos positivos que negativos no uso da Internet.
- d) a crítica ao fornecimento voluntário de dados por usuários da Internet para as empresas.



e) a ingenuidade dos internautas quanto ao fornecimento de informações.

Texto 14 – NOTÍCIA

Nove em cada dez usuários de Internet recebem spams em seus e-mails corporativos, segundo estudo realizado pela empresa alemã Antispameurope, especializada em lixo eletrônico virtual. Cada trabalhador perde, em média, sete minutos por dia limpando a caixa de mensagens, e essa quebra na produtividade custa € 828 – pouco mais de R\$ 2,3 mil – anuais às empresas.

Tomando-se como base os números apontados pela pesquisa, uma corporação de médio porte, com mil funcionários, perde, portanto, € 828 mil por ano – ou R\$ 2,3 milhões – com esta prática que é considerada, apesar de simplória, uma verdadeira praga da modernidade.

O spam remete às mensagens não-solicitadas enviadas em massa, geralmente utilizadas para fins comerciais, e pode de fato prejudicar consideravelmente a produtividade no ambiente de trabalho.

Um relatório da Symantec, empresa de segurança virtual, mostra que o Brasil é o segundo maior emissor de spam do mundo, com geração de 10% de todo o fluxo de mensagens indesejadas na rede mundial de computadores. Os campeões são os norte-americanos, com 26%. [...]

(Rodrigo Capelo. <http://www.vocecommaistempo.com.br>. Acesso em: 23/09/2012. Texto adaptado.)

41. Um título que contempla o conteúdo abordado no texto é:

- a) Spam: Estados Unidos e Brasil lideram o ranking.
- b) Spam: preocupação de empresas europeias.
- c) Spam: perda de tempo e prejuízos financeiros.
- d) Spam: praga da modernidade.
- e) Spam: nova forma de propaganda.

(ITA – 2012)

Texto 15 - CRÔNICA

Moradores de Higienópolis admitiram ao jornal Folha de S. Paulo que a abertura de uma estação de metrô na avenida Angélica traria "gente diferenciada" ao bairro. Não é difícil imaginar que alguns vizinhos do Morumbi compartilhem esse medo e prefiram o isolamento garantido com a inexistência de transporte público de massa por ali.

Mas à parte o gosto exacerbado dos paulistanos por levantar muros, erguer fortalezas e se refugiar em ambientes distantes do Brasil real, o poder público não fez a sua parte em desmentir que a chegada do transporte de massas não degrade a paisagem urbana.

Enrique Peñalosa, ex-prefeito de Bogotá, na Colômbia, e grande especialista em transporte coletivo, diz que não basta criar corredores de ônibus bem asfaltados e servidos por diversas linhas. Abrigos confortáveis, boa iluminação, calçamento, limpeza e paisagismo que circundam estações de metrô ou pontos de ônibus precisam mostrar o status que o transporte público tem em uma determinada cidade.

Se no entorno do ponto de ônibus, a calçada está esburacada, há sujeira e a escuridão afugenta pessoas à noite, é normal que moradores não queiram a chegada do transporte de massa.



A instalação de linhas de monotrilho ou de corredores de ônibus precisa vitaminar uma área, não destruí-la.

Quando as grades da Nove de Julho foram retiradas, a avenida ficou menos tétrica, quase bonita. Quando o corredor da Rebouças fez pontos muito modestos, que acumulam diversos ônibus sem dar vazão a desembarques, a imagem do engarrafamento e da bagunça vira um desastre de relações públicas.

Em Istambul, monotrilhos foram instalados no nível da rua, como os "trams" das cidades alemãs e suíças. Mesmo em uma cidade de 16 milhões de habitantes na Turquia, país emergente como o Brasil, houve cuidado com os abrigos feitos de vidro, com os bancos caprichados – em formato de livro – e com a iluminação. Restou menos espaço para os carros porque a ideia ali era tentar convencer na marra os motoristas a deixarem mais seus carros em casa e usarem o transporte público.

Se os monotrilhos do Morumbi, de fato, se parecerem com um Minhocão*, o Godzilla do centro de São Paulo, os moradores deveriam protestar, pedindo melhorias no projeto, detalhamento dos materiais, condições e impacto dos trilhos na paisagem urbana. Se forem como os antigos bondes, ótimo.

Mas se os moradores simplesmente recusarem qualquer ampliação do transporte público, que beneficiará diretamente os milhares de prestadores de serviço que precisam trabalhar na região do Morumbi, vai ser difícil acreditar que o problema deles não seja a gente diferenciada que precisa circular por São Paulo.

(Raul Juste Lores. Folha de S. Paulo, 07/10/2010. Adaptado.)

(*) Elevado Presidente Costa e Silva, mais conhecido como Minhocão, é uma via expressa que liga o Centro à Zona Oeste da cidade de São Paulo.

42. Todas as opções abaixo estão respaldadas no texto. Assinale a que contém a ideia central.

- a) O transporte público exige medidas técnicas e administrativas, além de cuidado com a paisagem urbana.
- b) As pessoas contrárias à instalação da estação do metrô são movidas por preconceito.
- c) Os paulistanos constroem o espaço onde vivem de modo a se isolarem das adversidades sociais.
- d) As experiências de transporte público de outras cidades poderiam ser adotadas em São Paulo.
- e) A instalação de linhas de ônibus e de metrô deve propiciar o desenvolvimento da área em que se encontram.

43. O fato de parte de moradores de Higienópolis recusar a instalação de uma nova estação de metrô na avenida Angélica é justificável, uma vez que

- a) o isolamento em condomínios fechados é preferível para eles.
- b) o poder público não desmentiu a possível degradação do espaço público com a instalação do metrô.
- c) a chegada de transporte de massas não traria melhoria para a região.
- d) não há público para o uso dessa linha de metrô.
- e) eles usam mais seus carros e não necessitam do metrô.



44. Leia os seguintes enunciados:

I. Partindo de um fato noticioso – a reação de moradores diante da intenção da Prefeitura de São Paulo em construir uma estação do metrô na avenida Angélica –, o autor questiona a eficiência do transporte público na cidade.

II. Para o autor, a valorização do transporte coletivo urbano está atrelada a aspectos estruturais e arquitetônicos das estações de metrô e pontos de ônibus.

III. A informação sobre o número de habitantes da cidade de Istambul e a comparação do Brasil com a Turquia permitem que o leitor avalie a possibilidade de iniciativas para a melhoria do transporte coletivo em São Paulo.

Está correto o que se afirma apenas em

- a) I e II.
- b) I e III.
- c) II.
- d) II e III.
- e) III.

45. Assinale a opção que NÃO se pode pressupor do texto.

- a) O transporte de massas em São Paulo pode degradar a paisagem urbana.
- b) Os pontos de ônibus do corredor da Rebouças dificultam o trânsito.
- c) Em Istambul, as estações de monotrilho não reduziram os espaços para os carros.
- d) Numa cidade de 16 milhões de habitantes em um país emergente não se espera o cuidado com os abrigos, bancos e iluminação.
- e) A criação de corredores de ônibus bem asfaltados e servidos por diversas linhas é condição necessária, mas não suficiente.

46. No texto, o segmento que NÃO expressa uma avaliação do autor é

- a) [...] à parte o gosto exacerbado dos paulistanos por levantar muros [...] (2º parágrafo)
- b) [...] a avenida ficou menos tétrica, quase bonita. (6º parágrafo)
- c) [...] a imagem do engarrafamento e da bagunça vira um desastre de relações públicas. (6º parágrafo)
- d) Em Istambul, monotrilhos foram instalados no nível da rua, como os “trams” das cidades alemãs e suíças. (7º parágrafo)
- e) Se forem como os antigos bondes, ótimo. (8º parágrafo)

Texto 16 – ARTIGO

Gosto de olhar as capas das revistas populares no supermercado nestes tempos de corrida do ouro da classe C. A classe C é uma versão sem neve e de biquíni do Yukon do tio Patinhas quando jovem pato. Lembro do futuro milionário disneyano enfrentando a nevasca para obter suas primeiras patacas. Era preciso conquistar aquele território com a mesma sofreguidão com que se busca, agora, fincar a bandeira do consumo no seio dos emergentes brasileiros.

Em termos jornalísticos, é sempre aquela concepção de não oferecer o biscoito fino para a massa. É preciso dar o que a classe C quer ler – ou o que se convencionou a pensar que ela quer ler. Daí as políticas de didatismo nas redações, com o objetivo de deixar o texto mastigado para o leitor e tornar estanque a informação dada ali. Como se não fosse interessante que, ao



não compreender algo, ele fosse beber em outras fontes. Hoje, com a Internet, é fácil, está ao alcance da vista de quase todo mundo.

Outro aspecto é seguir ao pé da letra o que dizem as pesquisas na hora de confeccionar uma revista popular. Tomemos como exemplo a pesquisa feita por uma grande editora sobre “a mulher da classe C” ou “nova classe média”. Lá, ficamos sabendo que: a mulher da classe C vai consumir cada vez mais artigos de decoração e vai investir na reforma de casa; que ela gasta muito com beleza, sobretudo o cabelo; que está preocupada com a alimentação; e que quer ascender social e profissionalmente. É com base nestes números que a editora oferece o produto – a revista – ao mercado de anunciantes. Normal.

Mas no que se transformam, para o leitor, estes dados? Preocupação com alimentação? Dietas amalucadas? A principal chamada de capa destas revistas é alguma coisa esdrúxula como: “perdi 30 kg com fibras naturais”, “sequei 22 quilos com cápsulas de centelha asiática”, “emagreci 27 kg com florais de Bach e colágeno”, “fiquei magra com a dieta da aveia” ou “perdi 20 quilos só comendo linhaça”. Pelo amor de Deus, quem é que vai passar o dia comendo linhaça? Estão confundindo a classe C com passarinho, só pode.

Quer reformar a casa? Nada de dicas de decoração baratas e de bom gosto. O objetivo é ensinar como tomar empréstimo e comprar móveis em parcelas. Ou então alguma coisa “criativa” que ninguém vai fazer, tipo uma parede toda de filtros de café usados. Juro que li isso. A parte de ascensão profissional vem em matérias como “fiquei famosa vendendo bombons de chocolate feitos em casa” ou “lucro 2500 reais por mês com meus doces”. Falar das possibilidades de voltar a estudar, de ter uma carreira ou se especializar para ser promovido no trabalho? Nada. Dicas culturais de leitura, filmes, música, então, nem pensar.

Cada vez que vejo pesquisas dizendo que a mídia impressa está em baixa penso nestas revistas. A internet oferece grátis à classe C um cardápio ainda pobre, mas bem mais farto. Será que a nova classe média quer realmente ler estas revistas? A vendagem delas é razoável, mas nada impressionante. São todas inspiradas nas revistas populares inglesas, cuja campeã é a “Take a Break”. A fórmula é a mesma de uma “Sou + Eu”: dietas, histórias reais de sucesso ou escabrosas e distribuição de prêmios. Além deste tipo de abordagem também fazem sucesso as publicações de fofocas de celebridades ou sobre programas de TV – aqui, as novelas.

Sei que deve ser utopia, mas gostaria de ver publicações para a classe C que ensinassem as pessoas a se alimentar melhor, que mostrassem como a obesidade anda perigosa no Brasil porque se come mal. Atacando, inclusive, refrigerantes, redes de fast food e guloseimas, sem se preocupar em perder anunciantes. Que priorizassem não as dietas, mas a educação alimentar e a importância de fazer exercícios e de levar uma vida saudável. Gostaria de ver reportagens ensinando as mulheres da classe C a se sentirem bem com seu próprio cabelo, muitas vezes cacheado, em vez de simplesmente copiarem as famosas. Que mostrassem como é possível se vestir bem gastando pouco, sem se importar com marcas.

Gostaria de ler reportagens nas revistas para a classe C alertando os pais para que vejam menos televisão e convivam mais com os filhos. Que falassem da necessidade de tirar as crianças do computador e de levá-las para passear ao ar livre. Que tivessem dicas de livros, notícias sobre o mundo, ciências, artes – é possível transformar tudo isso em informação acessível e não apenas para conhecedores, como se a cultura fosse patrimônio das classes A e B. Gostaria, enfim, de ver revistas populares que fossem feitas para ler de verdade, e que fizessem refletir. Mas a quem interessa que a classe C tenha suas próprias ideias?

(Cynara Menezes, 15/07/2011, em: <http://www.cartacapital.com.br/politica/o-que-quer-a-classe-c>)



47. Embora todas as opções estejam respaldadas no texto, a crítica mais abrangente da autora às revistas dirigidas às mulheres da classe C deve-se ao fato de tais revistas

- a) sugerirem dietas amalucadas.
- b) fornecerem soluções equivocadas para os anseios das mulheres da classe C.
- c) levarem muito a sério as pesquisas sobre as mulheres da classe C.
- d) sugerirem às possíveis leitoras terem seus próprios negócios.
- e) terem como principal preocupação o consumo.

48. Para a autora, um bom texto é aquele que

- I. explicita ao máximo as informações para o leitor.
- II. leva o leitor a procurar outras fontes de informação.
- III. possibilita a reflexão do leitor.
- IV. necessita de pouco tempo para ser lido e compreendido.

Está correto o que se afirma apenas em

- a) I e II.
- b) I e III.
- c) II e III.
- d) II e IV.
- e) III e IV.

49. Os Textos 15 e 16 dialogam, por abordarem

- a) a alienação da população em geral.
- b) o descaso dos mais ricos pelos mais pobres.
- c) questões que envolvem classes sociais.
- d) a passividade dos mais pobres.
- e) a convivência entre as pessoas de diferentes estratos sociais.



4.2 - GABARITO

- | | | |
|-------|-------|-------|
| 1. B | 18. E | 35. B |
| 2. E | 19. C | 36. C |
| 3. D | 20. D | 37. E |
| 4. C | 21. E | 38. B |
| 5. E | 22. D | 39. D |
| 6. C | 23. A | 40. B |
| 7. B | 24. B | 41. C |
| 8. E | 25. C | 42. A |
| 9. E | 26. D | 43. B |
| 10. E | 27. A | 44. D |
| 11. D | 28. E | 45. C |
| 12. A | 29. D | 46. D |
| 13. C | 30. E | 47. B |
| 14. E | 31. C | 48. C |
| 15. E | 32. B | 49. C |
| 16. B | 33. A | |
| 17. D | 34. A | |



4.3 – Exercícios comentados

(ITA - 2019)

Texto 1 - EDITORIAL

As discussões muitas vezes acaloradas sobre o reconhecimento da pixação como expressão artística trazem à tona um questionamento conceitual importante: uma vez considerado arte contemporânea, o movimento perderia sua essência? Para compreendermos os desdobramentos da pixação, alguns aspectos presentes no graffiti são essenciais e importantes de serem resgatados. O graffiti nasceu originalmente nos EUA, na década de 1970, como um dos elementos da cultura hip-hop (Break, MC, DJ e Graffiti). Daí até os dias atuais, ele ganhou em força, criatividade e técnica, sendo reconhecido hoje no Brasil como graffiti artístico. Sua caracterização como arte contemporânea foi consolidada definitivamente por volta do ano 2000.

A distinção entre graffiti e pixação é clara; ao primeiro é atribuída a condição de arte, e o segundo é classificado como um tipo de prática de vandalismo e depredação das cidades, vinculado à ilegalidade e marginalidade. Essa distinção das expressões deu-se em boa parte pela institucionalização do graffiti, com os primeiros resquícios já na década de 1970.

Esse desenvolvimento técnico e formal do graffiti ocasionou a perda da potência subversiva que o marca como manifestação genuína de rua e caminha para uma arte de intervenção domesticada enquadrada cada vez mais nos moldes do sistema de arte tradicional. O grafiteiro é visto hoje como artista plástico, possuindo as características de todo e qualquer artista contemporâneo, incluindo a prática e o status. Muito além da diferenciação conceitual entre as expressões – ainda que elas compartilhem da mesma matéria-prima – trata-se de sua força e essência intervencionista.

Estudos sobre a origem da pixação afirmam que o graffiti nova-iorquino original equivale à pixação brasileira; os dois mantêm os mesmos princípios: a força, a explosão e o vazio. Uma das principais características do pixo é justamente o esvaziamento sógnico, a potência esvaziada. Não existem frases poéticas, nem significados. A pixação possui dimensão incomunicativa, fechada, que não conversa com a sociedade. Pelo contrário, de certa forma, a agride. A rejeição do público geral reside na falta de compreensão e inteligência das inscrições; apenas os membros da própria comunidade de pixadores decifram o conteúdo.

A significância e a força intervencionista do pixo residem, portanto, no próprio ato. Ela é evidenciada pela impossibilidade de inserção em qualquer estatuto pré-estabelecido, pois isso pressuporia a diluição e a perda de sua potência signo-estética. Enquanto o graffiti foi sendo introduzido como uma nova expressão de arte contemporânea, a pichação utilizou o princípio de não autorização para fortalecer sua essência.

Mas o quão sensível é essa forma de expressão extremista e antissistema como a pixação? Como lidar com a linha tênue dos princípios estabelecidos para não cair em contradição? Na 26ª Bienal de Arte de São Paulo, em 2004, houve um caso de pixo na obra do artista cubano naturalizado americano, Jorge Pardo. Seu comentário, diante da intervenção, foi “Se alguém faz alguma coisa no seu trabalho, isso é positivo, para mim, porque escolheram a minha peça entre as expostas” [...]. “Quem fez isso deve discordar de alguma coisa na obra. Pode ser outro artista fazendo sua própria obra dentro da minha. Pode ser só uma brincadeira” e finalizou dizendo que “pichar a obra de alguém também não é tão incomum. Já é tradicional”.



É interessante notar, a partir do depoimento de Pardo, a recorrência de padrões em movimentos de qualquer natureza, e o inevitável enquadramento em algum tipo de sistema, mesmo que imposto e organizado pelos próprios elementos do grupo. Na pichação, levando em conta o “sistema” em que estão inseridos, constatamos que também passa longe de ser perfeito; existe rivalidade pesada entre gangues, hierarquia e disputas pelo “poder”.

Em 2012, a Bienal de Arte de Berlim, com o tema “Forget Fear”, considerado ousado, priorizou fatos e inquietações políticas da atualidade. Os pixadores brasileiros, Cripta (Djan Ivson), Biscoito, William e R.C., foram convidados na ocasião para realizar um workshop sobre pichação em um espaço delimitado, na igreja Santa Elizabeth. Eles compareceram. Mas não seguiram as regras impostas pela curadoria, ao pixar o próprio monumento. O resultado foi tumulto e desentendimento entre os pixadores e a curadoria do evento.

O grande dilema diante do fato é que, ao aceitarem o convite para participar de uma bienal de arte, automaticamente aceitaram as regras e o sistema imposto. Mesmo sem adotar o comportamento esperado, caíram em contradição. Por outro lado, pela pichação ser conhecida transgressora (ou pelo jeito, não tão conhecida assim), os organizadores deveriam pressupor que eles não seguiriam padrões pré-estabelecidos.

Embora existam movimentos e grupos que consideram, sim, a pichação como forma de arte, como é o caso dos curadores da Bienal de Berlim, há uma questão substancial que permeia a realidade dos pichadores. Quem disse que eles querem sua expressão reconhecida como arte? Se arte pressupõe, como ocorreu com o graffiti, adaptar-se a um molde específico, seguir determinadas regras e por consequência ver sua potência intervencionista diluída e branda, é muito improvável que tenham esse desejo.

A representação da pichação como forma de expressão destrutiva, contra o sistema, extremista e marginalizada é o que a mantém viva. De certo modo, a rejeição e a ignorância do público é o que garante sua força intervencionista e a tão importante e sensível essência.

Adaptado de: CARVALHO, M. F. Pichação-arte é pichação? Revista Arruaça, Edição nº 0. Cásper Líbero, 2013. Disponível em
Acesso em: maio 2018.

1. Podemos afirmar que o texto

- entende que grafite é arte desprovida de crítica social e pichação simboliza a revolta popular.
- considera grafite como arte institucionalizada e pichação como manifestação popular transgressora.
- reconhece que a preocupação estética é exatamente a mesma em ambas as manifestações.
- defende que o “pixo” é arte, ainda que não apresente mensagens poéticas identificáveis.
- assume que pichação e grafite transmitem a mesma mensagem, mas em contextos sociais diferentes.

Comentários: Segundo o texto, a diferença entre o grafite e a pichação está em sua institucionalização, ou seja, na atribuição do estatuto de arte à prática do grafite: “A distinção entre graffiti e pichação é clara; ao primeiro é atribuída a condição de arte, e o segundo é classificado como um tipo de prática de vandalismo e depredação das cidades, vinculado à ilegalidade e marginalidade” (2º parágrafo), portanto, a alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois o texto não diferencia as obras necessariamente por seu conteúdo, mas sim pelo modo como são vistas socialmente.



A alternativa C está incorreta, pois segundo o texto, a pichação tem o objetivo de provocar uma intervenção e chocar, diferente do graffiti.

A alternativa D está incorreta, pois o texto afirma que é justamente o não ser “arte” que faz com que o “pixo” mantenha seu caráter revolucionário.

A alternativa E está incorreta, pois não são obras produzidas nas mesmas condições nem com os mesmos objetivos.

Gabarito: B

2. De acordo com o texto, é INCORRETO afirmar que

- a) a comunidade de pichadores não necessariamente demonstra interesse no reconhecimento da pichação como um movimento artístico.
- b) os pichadores assumem uma forma de expressão mais provocadora, ao transgredir até mesmo as regras das instituições culturais.
- c) a pichação é uma forma de expressão marginalizada, assumida por alguns grupos como traço identitário.
- d) os códigos e as mensagens manifestados na pichação costumam ser compreendidos somente pela própria comunidade de pichadores.
- e) a essência da pichação é ser uma forma de expressão utilizada para delimitação de territórios por gangues e grupos rivais.

Comentários: Não há passagem no texto que corrobore a ideia da alternativa E, de que pichação seria uma forma de expressão utilizada para delimitação de territórios por gangues e grupos rivais. A passagem no texto que fala sobre gangues e grupos rivais versa sobre a noção de que os pichadores não são um grupo uno, pois há diferentes grupos e rivalidades estabelecidas: “Na pichação, levando em conta o “sistema” em que estão inseridos, constatamos que também passa longe de ser perfeito; existe rivalidade pesada entre gangues, hierarquia e disputas pelo “poder”.” (7º parágrafo).

A alternativa A não apresenta incorreções. A passagem que confirma a informação é: “Quem disse que eles querem sua expressão reconhecida como arte?” (10º parágrafo)

A alternativa B não apresenta incorreções, pois há o relato de duas situações em que os pichadores não respeitaram instituições culturais: o relato da 26ª Bienal de Arte de São Paulo (6º parágrafo) e da Bienal de Arte de Berlim de 2012 (8º parágrafo).

A alternativa C não apresenta incorreções, pois, como dito no comentário inicial, há diferentes grupos que realizam pichações, comprovando que há aspectos identitários na prática.

A alternativa D não apresenta incorreções. A passagem que comprova a informação é, principalmente: “A pichação possui dimensão incomunicativa, fechada, que não conversa com a sociedade. Pelo contrário, de certa forma, a agride. A rejeição do público geral reside na falta de compreensão e inteligência das inscrições; apenas os membros da própria comunidade de pichadores decifram o conteúdo.” (4º parágrafo)

Gabarito: E

Texto 2 – CRÔNICA

Em frente da minha casa existe um muro enorme, todo branco. No Facebook, uma postagem me chama atenção: é um muro virtual e a brincadeira é pichá-lo com qualquer frase que vier à cabeça. Não quero pichar o mundo virtual, quero um muro de verdade, igual a este de frente para a minha casa. Pelas ruas e avenidas, vou trombando nos muros espalhados pelos

quarteirões, repletos de frases tolas, xingamentos e erros de português. Eu bem poderia modificar isso.

“O caminho se faz caminhando”, essa frase genial, tão forte e certa do poeta espanhol Antonio Machado, merece aparecer em diversos muros. Basta pensar um pouco e imaginar; de fato, não há caminho, o caminho se faz ao caminhar.

De repente, vejo um prédio inteiro marcado por riscos sem sentido e me calo. Fui tentar entender e não me faltaram explicações: é grafite, é tribal, coisas de difícil compreensão. As explicações prosseguem: grafite é arte, pichar é vandalismo. O pequeno vândalo escondido dentro de mim busca frases na memória e, então, sinto até o cheiro da lama de Woodstock em letras garrafais: “Não importam os motivos da guerra, a paz é muito mais importante”.

Feito uma folha deslizando pelas águas correntes do rio me surge a imagem de John Lennon; junto dela, outra frase: “O sonho não acabou”, um tanto modificada pela minha mão, tornando-se: o sonho nunca acaba. E minha cabeça já se transforma num muro todo branco.

Desde os primórdios dos tempos, usamos a escrita como forma de expressão, os homens das cavernas deixaram pichados nas rochas diversos sinais. Num ato impulsivo, comprei uma tinta spray, atravessei a rua chacoalhando a lata e assim prossegui até chegar à minha sala, abraçado pela ansiedade aumentada a cada passo. Coloquei o dedo no gatilho do spray e fiquei respirando fundo, juntando coragem e na mente desenhando a primeira frase para pichar, um tipo de lema, aquela do Lô Borges: “Os sonhos não envelhecem” – percebo, num sorrir de canto de boca, o quanto os sonhos marcam a minha existência.

Depois arriscaria uma frase que criei e gosto: “A lagarta nunca pensou em voar, mas daí, no espanto da metamorfose, lhe nasceram asas...”. Ou outra, completamente tola, me ocorreu depois de assistir a um documentário, convencido de que o panda é um bicho cativante, mas vive distante daqui e sua agonia não é menor das dos nossos bichos. Assim pensando, as letras duma nova pichação se formaram num estalo: “Esqueçam os pandas, salvem as jaguatiricas!”.

No muro do cemitério, escreveria outra frase que gosto: “Em longo prazo estaremos todos mortos”, do John Keynes, que trago comigo desde os tempos da faculdade. Frases de túmulos ganhariam os muros; no de Salvador Allende está consagrado, de autoria desconhecida: “Alguns anos de sombras não nos tornarão cegos.” Sempre apegado aos sonhos, picharia também uma do Charles Chaplin: “Nunca abandone os seus sonhos, porque se um dia eles se forem, você continuará vivendo, mas terá deixado de existir”.

Claro, eu poderia escrever essas frases num livro, num caderno ou no papel amassado que embrulha o pão da manhã, mas o muro me cativa, porque está ao alcance das vistas de todos e quero gritar para o mundo as frases que gosto; são tantas, até temo que me falem os muros. Poderia passar o dia todo pichando frases, as linhas vão se acabando e ainda tenho tanto a pichar... “É preciso muito tempo para se tornar jovem”, de Picasso, “Há um certo prazer na loucura que só um louco conhece”, de Neruda, “Se me esqueceres, só uma coisa, esquece-me bem devagarzinho”, cravada por Mário Quintana...

Encerro com Nietzsche: “Isto é um sonho, bem sei, mas quero continuar a sonhar”, que serve para exemplificar o que sinto neste momento, aqui na minha sala, escrevendo no computador o que gostaria de jogar nos muros lá fora, a custo me mantendo calmo, um olho na tela, outro voltado para o lado oposto da rua. Lá tem aquele muro enorme, branco e virgem, clamando por frases. Não sei quanto tempo resistirei até puxar o gatilho do spray.

Adaptado de: ALVEZ, A. L. Um muro para pichar. Correio do Estado, fev 2018. Disponível em <<https://www.correiodoestado.com.br/opiniao/leia-acronica-de-andre-luiz-alvez-um-muro-para-pichar/321052/>> Acesso em: ago. 2018.



3. A partir da leitura dos textos 1 e 2, depreende-se que

I. os autores reiteram que grafite e pichação não são práticas artísticas bem aceitas por toda a sociedade.

II. o texto 1 menciona a ausência de poesia na pichação; o texto 2 explora a possibilidade de essa prática disseminar cultura.

III. o texto 1 contrasta grafite e pichação; já o texto 2 expressa motivações subjetivas do autor para pichar.

Está/ão correta/s:

a) apenas I e II.

b) apenas I e III.

c) apenas II.

d) apenas II e III.

e) todas.

Comentários:

A afirmação I está incorreta, pois no texto 1 fica claro que o grafite é uma forma artística institucionalizada e, portanto, aceita socialmente.

A afirmação II está correta, pois no texto 1 há a passagem “Não existem frases poéticas, nem significados.” (4º parágrafo); e no texto 2 há a passagem “Pelas ruas e avenidas, vou trombando nos muros espalhados pelos quarteirões, repletos de frases tolas, xingamentos e erros de português. Eu bem poderia modificar isso.”(1º parágrafo).

A afirmação III está correta, pois o texto 1 trata da “distinção entre graffiti e pichação” (2º parágrafo); e o texto 2 trata de poder realizar pichações “com qualquer frase que vier à cabeça.”(1º parágrafo).

Gabarito: D

(ITA - 2018)

Texto 3 – CRÔNICA

Achei que estava bem na foto. Magro, olhar vivo, rindo com os amigos na praia. Quase não havia cabelos brancos entre os poucos que sobreviviam. Comparada ao homem de hoje, era a fotografia de um jovem. Tinha 50 anos naquela época, entretanto, idade em que me considerava bem distante da juventude. Se me for dado o privilégio de chegar aos 90 em pleno domínio da razão, é possível que uma imagem de agora me cause impressão semelhante.

O envelhecimento é sombra que nos acompanha desde a concepção: o feto de seis meses é muito mais velho do que o embrião de cinco dias. Lidar com a inexorabilidade desse processo exige uma habilidade na qual nós somos inigualáveis: a adaptação. Não há animal capaz de criar soluções diante da adversidade como nós, de sobreviver em nichos ecológicos que vão do calor tropical às geleiras do Ártico.

Da mesma forma que ensaiamos os primeiros passos por imitação, temos que aprender a ser adolescentes, adultos e a ficar cada vez mais velhos. A adolescência é um fenômeno moderno. Nossos ancestrais passavam da infância à vida adulta sem estágios intermediários. Nas comunidades agrárias o menino de sete anos trabalhava na roça e as meninas cuidavam dos afazeres domésticos antes de chegar a essa idade.

A figura do adolescente que mora com os pais até os 30 anos, sem abrir mão do direito de reclamar da comida à mesa e da camisa mal passada, surgiu nas sociedades industrializadas depois da Segunda Guerra Mundial. Bem mais cedo, nossos avós tinham filhos para criar.



A exaltação da juventude como o período áureo da existência humana é um mito das sociedades ocidentais. Confinar aos jovens a publicidade dos bens de consumo, exaltar a estética, os costumes e os padrões de comportamento característicos dessa faixa etária tem o efeito perverso de insinuar que o declínio começa assim que essa fase se aproxima do fim.

A ideia de envelhecer aflige mulheres e homens modernos, muito mais do que afligia nossos antepassados. Sócrates tomou cicuta aos 70 anos, Cícero foi assassinado aos 63, Matusalém sabe-se lá quantos anos teve, mas seus contemporâneos gregos, romanos ou judeus viviam em média 30 anos. No início do século 20, a expectativa de vida ao nascer nos países da Europa mais desenvolvida não passava dos 40 anos.

A mortalidade infantil era altíssima; epidemias de peste negra, varíola, malária, febre amarela, gripe e tuberculose dizimavam populações inteiras. Nossos ancestrais viveram num mundo devastado por guerras, enfermidades infecciosas, escravidão, dores sem analgesia e a onipresença da mais temível das criaturas. Que sentido haveria em pensar na velhice quando a probabilidade de morrer jovem era tão alta? Seria como hoje preocupar-nos com a vida aos cem anos de idade, que pouquíssimos conhecerão.

Os que estão vivos agora têm boa chance de passar dos 80. Se assim for, é preciso sabedoria para aceitar que nossos atributos se modificam com o passar dos anos. Que nenhuma cirurgia devolverá aos 60 o rosto que tínhamos aos 18, mas que envelhecer não é sinônimo de decadência física para aqueles que se movimentam, não fumam, comem com parcimônia, exercitam a cognição e continuam atentos às transformações do mundo.

Considerar a vida um vale de lágrimas no qual submergimos de corpo e alma ao deixar a juventude é torná-la experiência medíocre. Julgar, aos 80 anos, que os melhores foram aqueles dos 15 aos 25 é não levar em conta que a memória é editora autoritária, capaz de suprimir por conta própria as experiências traumáticas e relegar ao esquecimento inseguranças, medos, desilusões afetivas, riscos desnecessários e as burradas que fizemos nessa época.

Nada mais ofensivo para o velho do que dizer que ele tem “cabeça de jovem”. É considerá-lo mais inadequado do que o rapaz de 20 anos que se comporta como criança de dez. Ainda que maldigamos o envelhecimento, é ele que nos traz a aceitação das ambiguidades, das diferenças, do contraditório e abre espaço para uma diversidade de experiências com as quais nem sonhávamos anteriormente. VARELLA, D. A arte de envelhecer.

Adaptado. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/2016/01/1732457>> Acesso em: mai. 2017.

4. Depreende-se que o autor, em relação ao processo de envelhecimento, manifesta

- a) rejeição.
- b) hesitação.
- c) aceitação.
- d) pesar.
- e) esperança.

Comentários: Em diversas passagens, o autor demonstra aceitação com o processo de velhice. A principal passagem para comprovar isso está no 9º parágrafo:

“Considerar a vida um vale de lágrimas no qual submergimos de corpo e alma ao deixar a juventude é torná-la experiência medíocre. Julgar, aos 80 anos, que os melhores foram aqueles dos 15 aos 25 é não levar em conta que a memória é editora autoritária, capaz de suprimir por conta própria as experiências traumáticas e relegar ao esquecimento inseguranças, medos, desilusões afetivas, riscos desnecessários e as burradas que fizemos nessa época.”



Gabarito: C

5. No período “Da mesma forma que ensaiamos os primeiros passos por imitação, temos que aprender a ser adolescentes, adultos e a ficar cada vez mais velhos.”, (parágrafo 3), o autor

- a) fortalece a ideia de que a infância está cada vez mais curta.
- b) restringe a vida humana a apenas três fases.
- c) advoga em favor dos idosos que tentam se manter jovens.
- d) condena a manutenção da rivalidade entre jovens e velhas.
- e) alerta para a necessidade de adaptar-se a cada fase da vida.

Comentários: O período destacado faz menção às diversas passagens da vida, principalmente a rápida passagem da infância para a adolescência e, logo em seguida, a vida adulta. Ao afirmar que “temos que aprender”, o autor demonstra a necessidade de se adaptar: não é uma opção se adaptar ou não, mas sim uma necessidade. Por isso, a alternativa correta é alternativa E.

A alternativa A está incorreta, pois esse trecho se refere à adolescência, não à infância.

A alternativa B está incorreta, pois há pelo menos quatro fases citadas no texto: infância, adolescência, vida adulta e terceira idade.

A alternativa C está incorreta, pois o trecho defende que nos adaptemos às fases, não que tentemos não vivê-las.

A alternativa D está incorreta, pois não há nada que indique que há uma rivalidade entre pessoas no texto, que trata sobre o processo de envelhecer.

Gabarito: E

6. Assinale a opção que NÃO constitui um dos aspectos acerca do envelhecimento apresentados no texto. Envelhecer

- a) apavora a homens e mulheres.
- b) desfaz a ilusão de eterna juventude.
- c) requer tratamentos de rejuvenescimento.
- d) descortina valores dantes ignorados.
- e) traz aceitação das diferenças.

Comentários: O texto versa sobre a necessidade de aceitação do envelhecimento e tudo aquilo que envolve essa fase da vida. Por conta de passagens como “nenhuma cirurgia devolverá aos 60 o rosto que tínhamos aos 18” (8ºparágrafo), fica claro que propor tratamentos contra o envelhecimento não é uma ideia do texto. Por isso, a alternativa incorreta é alternativa C.

A alternativa A não apresenta incorreções. Comprova-se pelo trecho “A ideia de envelhecer aflige mulheres e homens modernos” (6º parágrafo).

A alternativa B não apresenta incorreções. Comprova-se pelo trecho “Nada mais ofensivo para o velho do que dizer que ele tem ‘cabeça de jovem’”. (10ºparágrafo)

A alternativa D não apresenta incorreções, pois o texto fala sobre como a idade traz sabedoria e vivência, desfazendo a ideia de que com a idade as possibilidades se esgotam.

A alternativa E não apresenta incorreções. Comprova-se pelo trecho “(...) é ele que nos traz a aceitação das ambiguidades, das diferenças” (10º parágrafo).

Gabarito: C

Texto 4 - NOTÍCIA



Proibido para menores de 50 anos. Nos últimos meses, em meio ao debate sobre as reformas na Previdência, um ponto acabou despertando a atenção. Afinal, existem empregos para quem tem mais de 50 anos? Pendurar as chuteiras nem sempre é fácil. Às vezes, pode significar uma quebra tão grande na rotina que afeta até mesmo o emocional. Foi a partir de uma experiência familiar nesta linha que o paulistano Mórris Litvak criou a startup MaturiJobs. Trata-se de uma agência virtual de empregos, especializada em profissionais com mais de 50 anos.

(Revista Isto é Dinheiro. Mercado de Trabalho. Maio/2017. p. 6.)

7. A afirmação “Pendurar as chuteiras nem sempre é fácil” sugere

- a) falta de recursos para aproveitar a fase chamada melhor idade.
- b) comprometimento emocional gerado por mudança de hábitos.
- c) diminuição da capacidade intelectual do idoso.
- d) rejeição dos limites físicos decorrentes da idade.
- e) perda de status decorrente da saída do mercado de trabalho.

Comentários: “Pendurar as chuteiras” é uma expressão que significa “aposentar-se” ou “parar de fazer algo”. Ao dizer que “não é fácil”, o autor deixa claro que há comprometimento emocional envolvido nesse “parar” ou “aposentar”. Por isso, a alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois o problema debatido é a dificuldade em parar de trabalhar, não necessariamente a questão financeira.

A alternativa C está incorreta, pois o texto afirma que o idoso continua produtivo e apto para o trabalho.

A alternativa D está incorreta, pois não há referência no texto à forma física dos idosos.

A alternativa E está incorreta, pois o problema não é a perda de status, mas sim a questão emocional e a quebra da rotina.

Gabarito: B

Texto 5 - REPORTAGEM

O Brasil será, em poucas décadas, um dos países com maior número de idosos do mundo, e precisa correr para poder atendê-los no que eles têm de melhor e mais saudável: o desejo de viver com independência e autonomia. [...] O mantra da velhice no século XXI é “envelhecer no lugar”, o que os americanos chamam de aging in place. O conceito que guia novas políticas e negócios voltados para os longevos tem como principal objetivo fazer com que as pessoas consigam permanecer em casa o maior tempo possível, sem que, para isso, precisem de um familiar por perto. Não se trata de apologia da solidão, mas de encarar um dado da realidade contemporânea: as residências não abrigam mais três gerações sob o mesmo teto e boa parte dos idosos de hoje prefere, de fato, morar sozinho, mantendo-se dona do próprio nariz.

Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/brasill envelhecer-noseculo-xxi/>>, 18 mar. 2016. Adaptado. Acesso em: 10 ago. 17.

8. É correto concluir que os textos 4 e 5

- a) afirmam que o homem é capaz de superar todas as limitações da velhice.
- b) concordam que o envelhecimento não aflige mais a geração atual.
- c) julgam que as pessoas ainda sonham ser eternamente jovens.
- d) transmitem uma visão idealizada do envelhecimento nos dias atuais.
- e) focalizam aspectos diferentes do idoso em relação ao seu espaço na sociedade.



Comentários: No texto 4, o principal assunto abordado é a colocação dos idosos no mercado de trabalho e como parar de trabalhar influencia no seu cotidiano; no texto 5, o assunto principal é a independência em relação à família e o desejo de manter-se autônomo ao longo da vida. Por isso, a alternativa correta é alternativa E.

A alternativa A está incorreta, pois não há referência nos textos a superar todos os limites.

A alternativa B está incorreta, pois no texto 4 há passagens em que o autor revela a preocupação ao longo das fases da vida com o envelhecimento.

A alternativa C está incorreta, pois os textos falam sobre lidar com a velhice, não sobre não envelhecer.

A alternativa D está incorreta, pois apresentam um quadro realista de como os idosos tem lidado com o envelhecimento.

Gabarito: E

(ITA - 2017)

Texto 6 - EDITORIAL

A mídia realmente tem o poder de manipular as pessoas?

Por Francisco Fernandes Ladeira

À primeira vista, a resposta para a pergunta que intitula este artigo parece simples e óbvia: sim, a mídia é um poderoso instrumento de manipulação. A ideia de que o frágil cidadão comum é impotente frente aos gigantescos e poderosos conglomerados da comunicação é bastante atrativa intelectualmente. Influentes nomes, como Adorno e Horkheimer, os primeiros pensadores a realizar análises mais sistemáticas sobre o tema, concluíram que os meios de comunicação em larga escala moldavam e direcionavam as opiniões de seus receptores. Segundo eles, o rádio torna todos os ouvintes iguais ao sujeitá-los, autoritariamente aos idênticos programas das várias estações. No livro *Televisão e Consciência de Classe*, Sarah Chucid Da Viá afirma que o vídeo apresenta um conjunto de imagens trabalhadas, cuja apreensão é momentânea, de forma a persuadir rápida e transitoriamente o grande público. Por sua vez, o psicólogo social Gustav Le Bon considerava que, nas massas, o indivíduo deixava de ser ele próprio para ser um autômato sem vontade e os juízos aceitos pelas multidões seriam sempre impostos e nunca discutidos. Assim, fomentou-se a concepção de que a mídia seria capaz de manipular incondicionalmente uma audiência submissa, passiva e acrítica.

Todavia, como bons cidadãos céticos, devemos duvidar (ou ao menos manter certa ressalva) de proposições imediatistas e aparentemente fáceis. As relações entre mídia e público são demasiadamente complexas, vão muito além de uma simples análise behaviorista de estímulo/resposta. As mensagens transmitidas pelos grandes veículos de comunicação não são recebidas automaticamente e da mesma maneira por todos os indivíduos. Na maioria das vezes, o discurso midiático perde seu significado original na controversa relação emissor/receptor. Cada indivíduo está envolto em uma “bolha ideológica”, apanágio de seu próprio processo de individuação, que condiciona sua maneira de interpretar e agir sobre o mundo. Todos nós, ao entrarmos em contato com o mundo exterior, construímos representações sobre a realidade. Cada um de nós forma juízos de valor a respeito dos vários âmbitos do real, seus personagens, acontecimentos e fenômenos e, conseqüentemente, acreditamos que esses juízos correspondem à “verdade”. [...]



[...] A mídia é apenas um, entre vários quadros ou grupos de referência, aos quais um indivíduo recorre como argumento para formular suas opiniões. Nesse sentido, competem com os veículos de comunicação como quadros ou grupos de referência fatores subjetivos/psicológicos (história familiar, trajetória pessoal, predisposição intelectual), o contexto social (renda, sexo, idade, grau de instrução, etnia, religião) e o ambiente informacional (associação comunitária, trabalho, igreja). "Os vários tipos de receptor situam-se numa complexa rede de referências em que a comunicação interpessoal e a midiática se completam e modificam", afirmou a cientista social Alessandra Aldé em seu livro *A construção da política: democracia, cidadania e meios de comunicação de massa*. Evidentemente, o peso de cada quadro de referência tende a variar de acordo com a realidade individual. Seguindo essa linha de raciocínio, no original estudo *Muito Além do Jardim Botânico*, Carlos Eduardo Lins da Silva constatou como telespectadores do *Jornal Nacional* acionam seus mecanismos de defesa, individuais ou coletivos, para filtrar as informações veiculadas, traduzindo-as segundo seus próprios valores. "A síntese e as conclusões que um telespectador vai realizar depois de assistir a um telejornal não podem ser antecipadas por ninguém; nem por quem produziu o telejornal, nem por quem assistiu ao mesmo tempo que aquele telespectador, inferiu Carlos Eduardo.

Adaptado de: <http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensaem-questao/a-midia-realmente-tem-o-poder-de-manipular-aspeessoas/>. (Publicado em 14/04/2015, na edição 846 Acesso em 13/07/2016.)

9. O autor do texto

- a) acredita que a mídia controla e manipula todos os cidadãos, independentemente de sua condição socioeconômica e cultural.
- b) mostra o poder absoluto da mídia de deturpar a realidade dos fatos, tornando os cidadãos alienados e passivos.
- c) mostra ao leitor que a mídia tem total poder de influenciar o seu público, principalmente pelas redes sociais.
- d) prova a tese de que a mídia manipula os leitores, respaldando-se em importantes estudiosos da cultura de massa.
- e) sustenta a ideia de que a mídia é apenas um dos fatores que interferem na construção da opinião dos indivíduos.

Comentários: Como descrito no 3º parágrafo, "A mídia é apenas um, entre vários quadros ou grupos de referência, aos quais um indivíduo recorre como argumento para formular suas opiniões.". Por isso, a alternativa correta é alternativa E.

A alternativa A está incorreta, pois não há no texto a influência da mídia necessariamente atrelada à condição socioeconômica e cultural.

A alternativa B está incorreta, pois não há no texto afirmação que a mídia tenha poder absoluto de deturpar a realidade dos fatos.

A alternativa C está incorreta, pois não há no texto afirmação que a mídia tenha poder total de influenciar o público.

A alternativa D está incorreta, pois a tese exposta na alternativa não se comprova, já que se conclui que não é possível prever com toda certeza a recepção do público.

Gabarito: E

10. De acordo com o ponto de vista do autor,



- I. fatores subjetivos/psicológicos são os mais influentes na formação das opiniões e superam até mesmo a incondicional influência midiática.
II. a homogeneidade dos programas de rádio e de televisão é a responsável pela manipulação midiática das opiniões.
III. é impossível determinar como o indivíduo interpretará as informações veiculadas por um telejornal.

Está(ão) correta(s) apenas

- a) I e II.
b) I e III.
c) II.
d) II e III.
e) III.

Comentários:



ATENÇÃO: a questão pergunta a visão do autor, não a dos outros autores citados no texto. Cuidado para não se confundir!

O item I. está incorreto, pois o autor afirma que “o peso de cada quadro de referência tende a variar de acordo com a realidade individual”, portanto, não é possível afirmar que fatores subjetivos ou psicológicos teriam mais peso.

O item II. está incorreto, pois a visão do autor é de que a homogeneidade dos programas de rádio e de televisão não é a única responsável pela manipulação. Apesar de ser levantada no texto, essa ideia pertence aos pensadores da Escola de Frankfurt, Adorno e Horkheimer.

O item III. está correto, pois segundo o autor, não se pode ter certeza como o público receberá alguma informação.

Gabarito: E

11. Com relação às estratégias argumentativas utilizadas no texto, é correto afirmar que o autor

- a) vale-se da pergunta retórica do título, respondida afirmativamente por ele mesmo.
b) apresenta apenas posicionamentos de estudiosos que são idênticos aos seus.
c) vale-se do uso das aspas nos quatro momentos para se distanciar daquilo que é dito.
d) utiliza a primeira pessoa do plural para se aproximar do leitor e o persuadir sobre seu ponto de vista.
e) apresenta com total imparcialidade pontos de vista diversos sobre a manipulação da mídia.

Comentários: Uma estratégia argumentativa utilizada pelo autor no texto é usar a 1ª pessoa do plural para aproximar-se do leitor. No segundo parágrafo do texto ela aparece em “Todavia, como bons cidadãos céticos, **devemos duvidar** (ou ao menos manter certa ressalva) de proposições imediatistas e aparentemente fáceis.”. Assim, ele se coloca no mesmo lugar que o leitor. Portanto, a alternativa correta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois a pergunta é respondida de maneira negativa no texto, já que o autor acredita que a mídia não é capaz de manipular cegamente.

A alternativa B está incorreta, pois o autor discorda dos posicionamentos dos autores citados.

A alternativa C está incorreta, pois as aspas do texto são utilizadas para citações e realce de expressões.

A alternativa E está incorreta, pois não é comprometida com a imparcialidade, já que apresenta a visão do autor sobre o assunto.

Gabarito: D

Texto 7 – REPORTAGEM

Vídeos falsos confundem o público e a Imprensa

Por Jesper Jackson, tradução de Jo Amado

Cerca de duas horas depois da divulgação dos atentados de terça-feira (22/03) em Bruxelas, apareceu um vídeo no YouTube, sob a alegação de que seriam imagens do circuito fechado de televisão (CCTV), mostrando uma explosão no aeroporto Zaventem, da cidade. As imagens rapidamente se espalharam pelas redes sociais e foram divulgadas por alguns dos principais sites de notícias. Depois desse, surgiu outro vídeo, supostamente mostrando uma explosão na estação de metrô Maelbeek, próxima ao Parlamento Europeu, e ainda um outro, alegando ser do aeroporto.

Entretanto, nenhum dos vídeos era o que alegava ser. Os três vídeos eram gravações de 2011, dois de um atentado ao aeroporto Domodedovo, de Moscou, e um de uma bomba que explodiu numa estação de metrô de Minsk, capital da Belarus.

As imagens distorcidas dos clipes do circuito fechado de televisão foram convertidas de cor em preto e branco, horizontalmente invertidas, novamente etiquetadas e postadas como se tivessem surgido dos acontecimentos do dia. Embora a conta do YouTube que compartilhou as imagens com falsos objetivos tenha sido rapidamente tirada do ar, outros veículos as reproduziram dizendo que eram de Bruxelas.

Os vídeos ilusórios são exemplos de um fenômeno que vem se tornando cada vez mais comum em quase todas as matérias importantes que tratam de acontecimentos violentos e que ocorrem rapidamente. Reportagens falsas ou ilusórias espalham-se rapidamente pelas redes sociais e são acessadas por organizações jornalísticas respeitáveis, confundindo ainda mais um quadro já incrivelmente confuso.

A disseminação e divulgação de falsas informações não têm nada de novo, mas a internet tornou mais fácil plantar matérias e provas falsas e ilusórias, que serão amplamente compartilhadas pelo Twitter e pelo Facebook.

Alastair Reid, editor administrativo do site First Draft, que é uma coalizão de organizações que se especializam em checar informações e conta com o apoio do Google, disse que parte do problema é que qualquer pessoa que publique em plataformas como o Facebook tem a capacidade de atingir uma audiência tão ampla quanto aquelas que são atingidas por uma organização jornalística. “Pode tratar-se de alguém tentando desviar propositalmente a pauta jornalística por motivos políticos, ou muitas vezes são apenas pessoas que querem os números, os cliques e os compartilhamentos porque querem fazer parte da conversa ou da validade da informação”, disse ele. “Eles não têm quaisquer padrões de ética, mas têm o mesmo tipo de distribuição.”

Nesse meio tempo, a rápida divulgação das notícias online e a concorrência com as redes sociais também aumentaram a pressão sobre as organizações jornalísticas para serem as



primeiras a divulgar cada avanço, ao mesmo tempo em que eliminam alguns dos obstáculos que permitem informações equivocadas.

Uma página na web não só pode ser atualizada de maneira a eliminar qualquer vestígio de uma mensagem falsa, mas, quando muitas pessoas apenas se limitam a registrar qual o website em que estão lendo uma reportagem, a ameaça à reputação é significativamente menor que no jornal impresso. Em muitos casos, um fragmento de informação, uma fotografia ou um vídeo são simplesmente bons demais para checar.

Alastair Reid disse: “Agora talvez haja mais pressão junto a algumas organizações para agirem rapidamente, para clicar, para ser a primeira... E há, evidentemente, uma pressão comercial para ter aquele vídeo fantástico, aquela foto fantástica, para ser de maior interesse jornalístico, mais compartilhável e tudo isso pode se sobrepor ao desejo de ser certo).”

Adaptado de: <http://observatoriodaimprenea.com.br/terrorismo/videos-falsosconfundem-o-publico-e-a-imprensa/>.
(Publicado originalmente no jornal The Guardian em 23/3/2016. Acesso em 30/03/2016.)

12. De acordo com o texto,

- a) a divulgação deliberada de informações e vídeos falsos pela internet é um comportamento antiético.
- b) notícias veiculadas em redes sociais, como Facebook e Twitter, não merecem credibilidade por parte do leitor.
- c) as adaptações feitas em fotos normalmente são grosseiras e, por isso, despertam a desconfiança dos leitores.
- d) acontecimentos extremamente sérios são banalizados e propositalmente deturpados por organizações jornalísticas respeitáveis.
- e) a concorrência acirrada pela audiência é a única responsável pela eventual divulgação de dados, incorretos pela imprensa.

Comentários: No 6º parágrafo, há uma passagem que cita Alastair Reid dizendo que “Pode tratar-se de alguém tentando desviar proposital - mente a pauta jornalística por motivos políticos, ou muitas vezes são apenas pessoas que querem os números, os cliques e os compartilhamentos porque querem fazer parte da conversa ou da validade da informação” e “Eles não têm quaisquer padrões de ética, mas têm o mesmo tipo de distribuição.”. Assim, fica claro que a alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois o texto não afirma que as notícias veiculadas nas redes sociais não têm crédito, e sim que as redes sociais facilitam a disseminação de notícias falsas.

A alternativa C está incorreta, pois o texto afirma que as modificações conseguem enganar os leitores, que acreditam sem desconfiar.

A alternativa D está incorreta, pois quem deturpa os acontecimentos são contas falsas, não organizações jornalísticas respeitáveis.

A alternativa E está incorreta, pois também pode haver motivações políticas por trás da divulgação de notícias falsas.

Gabarito: A

13. De acordo com o texto, é INCORRETO afirmar que

- a) a reputação de um jornal impresso é mais vulnerável do que a de uma página na web quanto à divulgação de notícias falsas.
- b) interesses comerciais podem ser razões para a divulgação precipitada de fotos e vídeos na rede.



- c) as organizações jornalísticas deveriam ter exclusividade na divulgação de fatos violentos, como atos terroristas.
- d) falsas notícias são facilmente divulgadas e compartilhadas nas redes sociais por motivos diversos.
- e) as organizações jornalísticas de credibilidade também são responsáveis pela divulgação de notícias falsas.

Comentários: Não há no texto passagem que confirme a ideia de que apenas organizações jornalísticas devam ter controle sobre a divulgação da informação. Por isso, a alternativa correta é alternativa C.

A alternativa A está incorreta. O trecho que confirma isso é: “quando muitas pessoas apenas se limitam a registrar qual o website em que estão lendo uma reportagem, a ameaça à reputação é significativamente menor que no jornal impresso.” (8º parágrafo)

A alternativa B está incorreta. O trecho que confirma isso é: “alguém tentando desviar propositalmente a pauta jornalística por motivos políticos” (6º parágrafo)

A alternativa D está incorreta. O trecho que confirma isso é: “qualquer pessoa que publique em plataformas como o Facebook tem a capacidade de atingir uma audiência tão ampla quanto aquelas que são atingidas por uma organização jornalística. “Pode tratar-se de alguém tentando desviar propositalmente a pauta jornalística por motivos políticos, ou muitas vezes são apenas pessoas que querem os números, os cliques e os compartilhamentos porque querem fazer parte da conversa ou da validade da informação”, disse ele.” (6º parágrafo)

A alternativa E está incorreta. O trecho que confirma isso é: “Reportagens falsas ou ilusórias espalham-se rapidamente pelas redes sociais e são acessadas por organizações jornalísticas respeitáveis, confundindo ainda mais um quadro já incrivelmente confuso.” (4º parágrafo)

Gabarito: C

14. Marque a opção que NÃO constitui causa de divulgação de informações falsas na internet por organizações jornalísticas respeitáveis, de acordo com o texto.

- a) A rapidez com que as informações são divulgadas online.
- b) A pressão para serem as primeiras a divulgar as novidades.
- c) A concorrência com as redes sociais.
- d) A credibilidade despertada pela boa qualidade das imagens falsas.
- e) A impossibilidade de retirada de algo já veiculado.

Comentários: No 8º parágrafo, o autor diz que “Uma página na web não só pode ser atualizada de maneira a eliminar qualquer vestígio de uma mensagem falsa (...)”. Isso deixa claro que não é impossível retirar da internet algo já veiculado – ainda que isso não diminua os efeitos danosos de uma notícia falsa. Por isso, a alternativa certa é alternativa E.

A alternativa A não apresenta incorreção. O trecho que confirma isso é: “Nesse meio tempo, a rápida divulgação das notícias online e a concorrência com as redes sociais também aumentaram a pressão sobre as organizações jornalísticas para serem as primeiras a divulgar cada avanço, ao mesmo tempo em que eliminam alguns dos obstáculos que permitem informações equivocadas.”

A alternativa B não apresenta incorreção. O trecho que confirma isso é o mesmo que confirma a alternativa A.

A alternativa C não apresenta incorreção. O trecho que confirma isso é o mesmo que confirma a alternativa A e a alternativa B.



A alternativa D não apresenta incorreção. O trecho que confirma isso é: “Em muitos casos, um fragmento de informação, uma fotografia ou um vídeo são simplesmente bons demais para checar.”

Gabarito: E

15. Pode-se afirmar corretamente que tanto o Texto 6 quanto o Texto 7

- a) condenam a forma como veículos de comunicação menosprezam seu público.
- b) consideram que a mídia confunde o público com informações boas demais para serem questionadas.
- c) atribuem às redes sociais da internet um papel fundamental na formação de opinião.
- d) trazem exemplos de situações sensacionalistas utilizadas pela mídia.
- e) mencionam mais de um tipo de mídia no desenvolvimento de sua argumentação.

Comentários: Tanto o texto 6 quanto o texto 7 mencionam mais de uma mídia na argumentação, a saber: rádio, televisão e jornal no primeiro; e redes sociais, YouTube, jornal, televisão, no segundo. Por isso, a alternativa correta é alternativa E.

A alternativa A está incorreta, pois nenhum dos dois textos aponta o desprezo ao público por parte dos veículos.

A alternativa B está incorreta, pois o que confunde o público são as imagens falsas muito bem-feitas, e isso não tem a ver com a mídia, mas com quem as criou.

A alternativa C está incorreta, pois o texto 6 não menciona as redes sociais.

A alternativa D está incorreta, pois o texto 6 não falou sobre nenhuma situação sensacionalista.

Gabarito: E

(ITA - 2016)

Texto 8 - CRÔNICA

Vou confessar um pecado: às vezes, faço maldades. Mas não faço por mal. Faço o que faziam os mestres zen com seus “koans”. “Koans” eram rasteiras que os mestres passavam no pensamento dos discípulos. Eles sabiam que só se aprende o novo quando as certezas velhas caem. E acontece que eu gosto de passar rasteiras em certezas de jovens e de velhos ...

Pois o que eu faço é o seguinte. Lá estão os jovens nos semáforos, de cabeças raspadas e caras pintadas, na maior alegria, celebrando o fato de haverem passado no vestibular. Estão pedindo dinheiro para a festa! Eu paro o carro, abro a janela e na maior seriedade digo: “Não vou dar dinheiro. Mas vou dar um conselho. Sou professor emérito da Unicamp. O conselho é este: salvem-se enquanto é tempo!”. Aí o sinal fica verde e eu continuo.

“Mas que desmancha-prazeres você é!”, vocês me dirão. É verdade. Desmancha-prazeres. Prazeres inocentes baseados no engano. Porque aquela alegria toda se deve precisamente a isto: eles estão enganados.

Estão alegres porque acreditam que a universidade é a chave do mundo. Acabaram de chegar ao último patamar. As celebrações têm o mesmo sentido que os eventos iniciáticos – nas culturas ditas primitivas, as provas a que têm de se submeter os jovens que passaram pela puberdade. Passadas as provas e os seus sofrimentos, os jovens deixaram de ser crianças. Agora são adultos, com todos os seus direitos e deveres. Podem assentar-se na roda dos homens. Assim como os nossos jovens agora podem dizer: “Deixei o cursinho. Estou na universidade”.

Houve um tempo em que as celebrações eram justas. Isso foi há muito tempo, quando eu era jovem. Naqueles tempos, um diploma universitário era garantia de trabalho. Os pais se



davam como prontos para morrer quando uma destas coisas acontecia: 1) a filha se casava. Isso garantia o seu sustento pelo resto da vida; 2) a filha tirava o diploma de normalista. Isso garantiria o seu sustento caso não casasse; 3) o filho entrava para o Banco do Brasil; 4) o filho tirava diploma. O diploma era mais que garantia de emprego.

Era um atestado de nobreza. Quem tirava diploma não precisava trabalhar com as mãos, como os mecânicos, pedreiros e carpinteiros, que tinham mãos rudes e sujas.

Para provar para todo mundo que não trabalhavam com as mãos, os diplomados tratavam de pôr no dedo um anel com pedra colorida. Havia pedras para todas as profissões: médicos, advogados, músicos, engenheiros. Até os bispos tinham suas pedras.

(Ah! Ia me esquecendo: os pais também se davam como prontos para morrer quando o filho entrava para o seminário para ser padre – aos 45 anos seria bispo – ou para o exército para ser oficial – aos 45 anos seria general.)

Essa ilusão continua a morar na cabeça dos pais e é introduzida na cabeça dos filhos desde pequenos. Profissão honrosa é profissão que tem diploma universitário. Profissão rendosa é a que tem diploma universitário. Cria-se, então, a fantasia de que as únicas opções de profissão são aquelas oferecidas pelas universidades.

Quando se pergunta a um jovem “O que é que você vai fazer?”, o sentido dessa pergunta é “Quando você for preencher os formulários do vestibular, qual das opções oferecidas você vai escolher?”. E as opções não oferecidas? Haverá alternativas de trabalho que não se encontram nos formulários de vestibular?

Como todos os pais querem que seus filhos entrem na universidade e (quase) todos os jovens querem entrar na universidade, configura-se um mercado imenso, mas imenso mesmo, de pessoas desejosas de diplomas e prontas a pagar o preço. Enquanto houver jovens que não passam nos vestibulares das universidades do Estado, haverá mercado para a criação de universidades particulares. É um bom negócio.

Alegria na entrada. Tristeza ao sair. Forma-se, então, a multidão de jovens com diploma na mão, mas que não conseguem arranjar emprego. Por uma razão aritmética: o número de diplomados é muitas vezes maior que o número de empregos.

Já sugeri que os jovens que entram na universidade deveriam aprender, junto com o curso “nobre” que frequentam, um ofício: marceneiro, mecânico, cozinheiro, jardineiro, técnico de computador, eletricitista, encanador, descupinizador, motorista de trator ... O rol de ofícios possíveis é imenso. Pena que, nas escolas, as crianças e os jovens não sejam informados sobre essas alternativas, por vezes mais felizes e mais rendosas.

Tive um amigo professor que foi guindado, contra a sua vontade, à posição de reitor de um grande colégio americano no interior de Minas. Ele odiava essa posição porque era obrigado a fazer discursos. E ele tremia de medo de fazer discursos. Um dia ele desapareceu sem explicações. Voltou com a família para o seu país, os Estados Unidos. Tempos depois, encontrei um amigo comum e perguntei: “Como vai o Fulano?”. Respondeu-me: “Felicíssimo. É motorista de um caminhão gigantesco que cruza o país!”.

(Rubem Alves. Diploma não é solução, Folha de S.Paulo, 25/05/2004.)

16. De acordo com o autor.

- a) a escolha certa do curso universitário é a garantia de sucesso profissional.
- b) é aconselhável que o universitário concilie o curso superior com uma formação alternativa.
- c) é imprescindível mais de uma formação universitária como garantia de futuro bem sucedido.



- d) é recomendável que as universidades ofereçam cursos para formação de trabalhadores manuais.
- e) o diploma universitário, aliado a cursos de curta duração, possibilita o amadurecimento do jovem.

Comentários: O autor afirma, no 13º parágrafo, que “sugeri que os jovens que entram na universidade deveriam aprender, junto com o curso “nobre” que frequentam, um ofício: marceneiro, mecânico, cozinheiro, jardineiro, técnico de computador, eletricista, encanador, descupinizador, motorista de trator ...”. Por isso, a alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois já no título da crônica fica expressa a opinião do autor sobre o assunto: “Diploma não é solução”. Perceba como aqui, a análise do título já eliminaria essa alternativa.

A alternativa C está incorreta, pois não há garantias, segundo o autor, de futuro bem-sucedido.

A alternativa D está incorreta, pois não há no texto indicação de que as faculdades devam oferecer essa formação, mas sim que os jovens deveriam informar-se melhor sobre ela.

A alternativa E está incorreta, pois não há referência a essa prática como forma de amadurecimento dos jovens.

Gabarito: B

17. O autor mostra-se

- a) contrário à realização dos vestibulares atuais.
- b) otimista quanto à realidade educacional brasileira.
- c) simpático às atividades informais não assalariadas.
- d) realista quanto à oferta limitada de emprego para os diplomados.
- e) contrário aos critérios de seleção de instituições privadas de ensino.

Comentários: O autor faz uma constatação realista no 12º parágrafo: “Alegria na entrada. Tristeza ao sair. Forma-se, então, a multidão de jovens com diploma na mão, mas que não conseguem arranjar emprego. Por uma razão aritmética: o número de diplomados é muitas vezes maior que o número de empregos.”. Por isso, a alternativa correta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois não há no texto crítica explícita ao sistema do vestibular.

A alternativa B está incorreta, pois o autor se posiciona acerca das possibilidades no mercado de trabalho para jovens formados.

A alternativa C está incorreta, pois não há referência a mão de obra não assalariada no texto como opção de carreira.

A alternativa E está incorreta, pois ele se posiciona de maneira crítica à baixa incursão de formados no mercado de trabalho, não ao processo seletivo das instituições de ensino.

Gabarito: D

18. De acordo com o texto, uma expectativa da sociedade brasileira que ainda se mantém é

- a) a carreira sacerdotal como forma de ascensão social.
- b) a carreira militar como garantia de rápida progressão profissional.
- c) o casamento como garantia de segurança econômica para as mulheres.
- d) a aprovação em concurso público como garantia de sucesso profissional.
- e) o diploma universitário como garantia de emprego e reconhecimento social.



Comentários: Segundo o autor, uma ideia que ainda se mantém na sociedade brasileira é a de que formar-se numa universidade é automaticamente garantia de emprego e sucesso profissional: “Essa ilusão continua a morar na cabeça dos pais e é introduzida na cabeça dos filhos desde pequenos. Profissão honrosa é profissão que tem diploma universitário. Profissão rendosa é a que tem diploma universitário. Cria-se, então, a fantasia de que as únicas opções de profissão são aquelas oferecidas pelas universidades.” (9º parágrafo). Portanto, a alternativa correta é alternativa E.

A alternativa A está incorreta, pois não há referência de que no presente ainda se encare a carreira sacerdotal como uma garantia de ascensão social.

A alternativa B está incorreta, pois não há referência de que no presente ainda se encare a carreira militar como uma garantia de rápida progressão profissional.

A alternativa C está incorreta, pois não há menção ao casamento como caminho de segurança econômica para as mulheres.

A alternativa D está incorreta, pois a ideia é que no passado, a aprovação em concurso público era suficiente para garantia de sucesso profissional, mas não é mais assim.

Gabarito: E

19. Assinale a opção que NÃO sustenta a tese do autor.

- a) Há profissionais diplomados sem emprego.
- b) Há diplomados descontentes com a carreira que escolheram.
- c) As melhores opções de carreira são as oferecidas pelas universidades.
- d) Existem ofícios mais rentáveis que algumas carreiras de nível superior.
- e) Há quem tenha trocado a profissão em que se diplomou por outro ofício.

Comentários: A argumentação do texto vai no sentido contrário da alternativa C.

A crônica versa sobre como há um grupo grande de universitários formados que não conseguem emprego. Se as melhores opções de carreira fossem necessariamente ligadas ao diploma universitário, não haveria diplomados desempregados.

Por isso, a alternativa que não sustenta a tese do autor é a alternativa C.

Gabarito: C

(ITA – 2015)

Texto 9 – CRÔNICA

José Leal fez uma reportagem na Ilha das Flores, onde ficam os imigrantes logo que chegam. E falou dos equívocos de nossa política imigratória. As pessoas que ele encontrou não eram agricultores e técnicos, gente capaz de ser útil. Viu músicos profissionais, bailarinas austríacas, cabeleireiras lituanas. Paul Balt toca acordeão, Ivan Donef faz coquetéis, Galar Bedrich é vendedor, Serof Nedko é ex-oficial, Luigi Tonizo é jogador de futebol, Ibolya Pohl é costureira. Tudo gente para o asfalto, “para entulhar as grandes cidades”, como diz o repórter.

O repórter tem razão. Mas eu peço licença para ficar imaginando uma porção de coisas vagas, ao olhar essas belas fotografias que ilustram a reportagem. Essa linda costureirinha morena de Badajoz, essa Ingeborg que faz fotografias e essa Irgard que não faz coisa alguma, esse Stefan Cromick cuja única experiência na vida parece ter sido vender bombons – não, essa gente não vai aumentar a produção de batatinhas e quiabos nem plantar cidades no Brasil Central.

É insensato importar gente assim. Mas o destino das pessoas e dos países também é, muitas vezes, insensato: principalmente da gente nova e países novos. A humanidade não vive apenas de carne, alface e motores. Quem eram os pais de Einstein, eu pergunto; e se o jovem Chaplin quisesse hoje entrar no Brasil acaso poderia? Ninguém sabe que destino terão no Brasil essas mulheres louras, esses homens de profissões vagas. Eles estão procurando alguma coisa: emigraram. Trazem pelo menos o patrimônio de sua inquietação e de seu apetite de vida. Muitos se perderão, sem futuro, na vagabundagem inconsequente das cidades; uma mulher dessas talvez se suicide melancolicamente dentro de alguns anos, em algum quarto de pensão. Mas é preciso de tudo para fazer um mundo; e cada pessoa humana é um mistério de heranças e de taras. Acaso importamos o pintor Portinari, o arquiteto Niemeyer, o físico Lattes? E os construtores de nossa indústria, como vieram eles ou seus pais? Quem pergunta hoje, e que interessa saber, se esses homens ou seus pais ou seus avós vieram para o Brasil como agricultores, comerciantes, barbeiros ou capitalistas, aventureiros ou vendedores de gravata? Sem o tráfico de escravos não teríamos tido Machado de Assis, e Carlos Drummond seria impossível sem uma gota de sangue (ou uísque) escocês nas veias, e quem nos garante que uma legislação exemplar de imigração não teria feito Roberto Burle Marx nascer uruguaio, Vila Lobos mexicano, ou Pancetti chileno, o general Rondon canadense ou Noel Rosa em Moçambique? Sejamos humildes diante da pessoa humana: o grande homem do Brasil de amanhã pode descender de um clandestino que neste momento está saltando assustado na praça Mauá, e não sabe aonde ir, nem o que fazer. Façamos uma política de imigração sábia, perfeita, materialista; mas deixemos uma pequena margem aos inúteis e aos vagabundos, às aventureiras e aos tontos porque dentro de algum deles, como sorte grande da fantástica loteria humana, pode vir a nossa redenção e a nossa glória.

(BRAGA, R. Imigração. In: A borboleta amarela. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963)

20. O objetivo do autor é

- a) discutir a reportagem de José Leal sobre a chegada de imigrantes ao Brasil.
- b) apoiar a imigração europeia, independentemente da condição social dos imigrantes.
- c) mostrar que o Brasil não precisa de imigrantes sem qualificação profissional.
- d) defender uma política imigratória não necessariamente vinculada a critérios profissionais.
- e) criticar a legislação brasileira sobre imigração vigente na época.

Comentários: No final do terceiro parágrafo, o cronista afirma seu desejo: “Façamos uma política de imigração sábia, perfeita, materialista; mas deixemos uma pequena margem aos inúteis e aos vagabundos, às aventureiras e aos tontos porque dentro de algum deles, como sorte grande da fantástica loteria humana, pode vir a nossa redenção e a nossa glória.” Por isso, a alternativa correta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois ele apenas faz uma referência à reportagem, não se propõe a discuti-la.

A alternativa B está incorreta, pois ele afirma no início do terceiro parágrafo ele afirma que há pessoas que é “insensato” apoiar a vinda.

A alternativa C está incorreta, pois ele afirma que é possível abrir espaço para pessoas de diferentes perfis.

A alternativa E está incorreta, pois não há crítica explícita à política de imigração brasileira.

Gabarito: D

21. O autor do texto



- a) destaca a aparência das imigrantes como um fator preponderante para a imigração.
- b) reproduz os nomes dos imigrantes citados na reportagem para atribuir-lhes importância social.
- c) toma como sua a expressão “para entulhar as grandes cidades”.
- d) desenvolve os argumentos para sustentar que “é insensato importar gente assim”.
- e) concorda parcialmente com o repórter José Leal, porém assume um ponto de vista diferente.

Comentários: Assim como na reportagem que comenta, o autor da crônica acredita que nem todo imigrante que chega ao Brasil é o tipo de mão de obra que o país precisa. No entanto, não é porque o país não precisa desses trabalhadores nesse momento que eles devem ser proibidos de ingressar ao Brasil, já que muitas pessoas que produziram significativas mudanças e feitos em seus campos de atuação eram justamente filhos de imigrantes. Por isso, a alternativa correta é alternativa E.

A alternativa A está incorreta, pois não há relação entre a aparência dos imigrantes e a preponderância de sua chegada.

A alternativa B está incorreta, pois ele atribui os nomes para que fique claro o assunto a que se refere, não para garantir notoriedade a essas pessoas.

A alternativa C está incorreta, pois a expressão está citada entre aspas, precedendo a referência “como diz o repórter”.

A alternativa D está incorreta, pois apesar de racionalmente “insensato”, importar pessoas que não tenham “utilidade” no mercado de trabalho, não deve ser desincentivado, pois há potencial de surgimento de feitos incríveis em qualquer lugar.

Gabarito: E

22. De acordo com o texto, Rubem Braga

- I. assevera que os imigrantes qualificados teriam destino promissor no Brasil.
- II. mostra otimismo em relação aos imigrantes sem profissão definida.
- III. apresenta ideias sobre imigração tanto semelhantes como avessas às de José Leal.
- IV. considera que, sem imigração, não haveria algumas das grandes personalidades no Brasil.

Estão corretas apenas:

- a) I e II.
- b) I, II e IV.
- c) II e III.
- d) II, III e IV.
- e) III e IV.

Comentários:

O item I. está incorreto, pois não há no texto informação que confirme que imigrantes qualificados teriam futuro promissor no Brasil.

O item II. está correto, pois apesar de reconhecer que há diversas pessoas sem profissão definida e, portanto, “sem utilidade”, o autor demonstra otimismo ao afirmar que autores como Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade eram descendentes de imigrantes. Ou seja, a imigração pode gerar bons frutos.

O item III. está correto, pois eles concordam que nem todo imigrante que chega ao Brasil é o tipo de mão de obra que o país precisa, mas discordam quando à oportunidade que eles devem receber.



Para Rubem Braga, não é porque o país não precisa desses trabalhadores nesse momento que eles devem ser proibidos de ingressar ao Brasil.

O item IV. está correto, pois ele cita no último parágrafo uma série de pessoas que produziram grandes obras no Brasil que eram descendentes de imigrantes.

Gabarito: D

23. No trecho, Tudo gente para o asfalto, “para entulhar as grandes cidades”, como diz o repórter, Rubem Braga

- I. retrata o ponto de vista do repórter José Leal.
 - II. cita José Leal e, com isso, marca a direção argumentativa do seu texto.
 - III. concorda com o repórter, segundo o qual os imigrantes deveriam trabalhar apenas no campo.
 - IV. concorda com o repórter, segundo o qual os imigrantes são desqualificados por exercerem profissões tipicamente urbanas.
- Estão corretas apenas:
- a) I e II.
 - b) I, II e IV.
 - c) I e III.
 - d) II, III e IV.
 - e) III e IV.

Comentários:

O item I. está correto, pois essa é a opinião do repórter em que Rubem Braga baseia sua crônica. Isso fica ainda mais claro pelo uso de aspas.

O item II. está correto, pois a estrutura argumentativa do texto se baseia na contraposição entre os pontos em que Rubem Braga concorda e discorda com José Leal.

O item III. está incorreto, pois não há no texto informações que permitam comprovar que a opinião do autor se relaciona com o trabalho no campo.

O item IV está incorreto, pois o que torna os imigrantes não qualificados é o fato de que já existe grande oferta desse tipo de mão de obra no Brasil e, por isso, suas habilidades não seriam necessárias.

Gabarito: A

(ITA - 2014)

Texto 10 – CRÔNICA (Manuel Bandeira)

Não há hoje no mundo, em qualquer domínio de atividade artística, um artista cuja arte contenha maior universalidade que a de Charles Chaplin. A razão vem de que o tipo de Carlito é uma dessas criações que, salvo idiosincrasias muito raras, interessam e agradam a toda a gente. Como os heróis das lendas populares ou as personagens das velhas farsas de mamulengo.

Carlito é popular no sentido mais alto da palavra. Não saiu completo e definitivo da cabeça de Chaplin: foi uma criação em que o artista procedeu por uma sucessão de tentativas e erradas.

Chaplin observava sobre o público o efeito de cada detalhe.



Um dos traços mais característicos da pessoa física de Carlito foi achado casual. Chaplin certa vez lembrou-se de arremedar a marcha desgovernada de um tabético. O público riu: estava fixado o andar habitual de Carlito.

O vestuário da personagem – fraquezinho humorístico, calças lambazonas, botinas escarrapachadas, cartolinha – também se fixou pelo consenso do público.

Certa vez que Carlito trocou por outras as botinas escarrapachadas e a clássica cartolinha, o público não achou graça: estava desapontado. Chaplin eliminou imediatamente a variante. Sentiu com o público que ela destruía a unidade física do tipo. Podia ser jocosa também, mas não era mais Carlito.

Note-se que essa indumentária, que vem dos primeiros filmes do artista, não contém nada de especialmente extravagante. Agrada por não sei quê de elegante que há no seu ridículo de miséria. Pode-se dizer que Carlito possui o dandismo do grotesco.

Não será exagero afirmar que toda a humanidade viva colaborou nas salas de cinema para a realização da personagem de Carlito, como ela aparece nessas estupendas obras-primas de humor que são O Garoto, Ombro Arma, Em Busca do Ouro e O Circo.

Isto por si só atestaria em Chaplin um extraordinário dom de discernimento psicológico. Não obstante, se não houvesse nele profundidade de pensamento, lirismo, ternura, seria levado por esse processo de criação à vulgaridade dos artistas medíocres que condescendem com o fácil gosto do público.

Aqui é que começa a genialidade de Chaplin. Descendo até o público, não só não se vulgarizou, mas ao contrário ganhou maior força de emoção e de poesia. A sua originalidade extremou-se. Ele soube isolar em seus dados pessoais, em sua inteligência e em sua sensibilidade de exceção, os elementos de irreduzível humanidade. Como se diz em linguagem matemática, pôs em evidência o fator comum de todas as expressões humanas. O olhar de Carlito, no filme O Circo, para a brioche do menino faz rir a criança como um gesto de gulodice engraçada. Para um adulto pode sugerir da maneira mais dramática todas as categorias do desejo. A sua arte simplificou-se ao mesmo tempo que se aprofundou e alargou. Cada espectador pode encontrar nela o que procura: o riso, a crítica, o lirismo ou ainda o contrário de tudo isso.

Essas reflexões me acudiram ao espírito ao ler umas linhas da entrevista fornecida a Florent Fels pelo pintor Pascin, búlgaro naturalizado americano. Pascin não gosta de Carlito e explicou que uma fita de Carlito nos Estados Unidos tem uma significação muito diversa da que lhe dão fora de lá. Nos Estados Unidos, Carlito é o sujeito que não sabe fazer as coisas como todo mundo, que não sabe viver como os outros, não se acomoda em meio algum, – em suma um inadaptável. O espectador americano ri satisfeito de se sentir tão diferente daquele sonhador ridículo. É isto que faz o sucesso de Chaplin nos Estados Unidos. Carlito com as suas lamentáveis aventuras constitui ali uma lição de moral para educação da mocidade no sentido de preparar uma geração de homens hábeis, práticos e bem quaisquer!

Por mais ao par que se esteja do caráter prático do americano, do seu critério de sucesso para julgamento das ações humanas, do seu gosto pela standardização, não deixa de surpreender aquela interpretação moralista dos filmes de Chaplin. Bem examinadas as coisas, não havia motivo para surpresa. A interpretação cabe perfeitamente dentro do tipo e mais: o americano bem verdadeiramente americano, o que veda a entrada do seu território a doentes e estropiados, o que propõe o pacto contra a guerra e ao mesmo tempo assalta a Nicarágua, não poderia sentir de outro modo.



Não importa, não será menos legítima a concepção contrária, tanto é verdade que tudo cabe na humanidade vasta de Carlito. Em vez de um fraco, de um pulha, de um inadaptável, posso eu interpretar Carlito como um herói. Carlito passa por todas as misérias sem lágrimas nem queixas. Não é força isto? Não perde a bondade apesar de todas as experiências, e no meio das maiores privações acha um jeito de amparar a outras criaturas em aperto. Isso é pulhice?

Aceita com estoicismo as piores situações, dorme onde é possível ou não dorme, come sola de sapato cozida como se se tratasse de alguma língua do Rio Grande. É um inadaptável?

Sem dúvida não sabe se adaptar às condições de sucesso na vida. Mas haverá sucesso que valha a força de ânimo do sujeito sem nada neste mundo, sem dinheiro, sem amores, sem teto, quando ele pode agitar a bengalinha como Carlito com um gesto de quem vai tirar a felicidade do nada? Quando um ajuntamento se forma nos filmes, os transeuntes vão parando e acercando-se do grupo com um ar de curiosidade interesseira. Todos têm uma fisionomia preocupada. Carlito é o único que está certo do prazer ingênuo de olhar.

Neste sentido Carlito é um verdadeiro professor de heroísmo. Quem vive na solidão das grandes cidades não pode deixar de sentir intensamente o influxo da sua lição, e uma simpatia enorme nos prende ao boêmio nos seus gestos de aceitação tão simples.

Nada mais heroico, mais comovente do que a saída de Carlito no fim de O Circo. Partida a companhia, em cuja troupe seguia a menina que ele ajudara a casar com outro, Carlito por alguns momentos se senta no círculo que ficou como último vestígio do picadeiro, refletindo sobre os dias de barriga cheia e relativa felicidade sentimental que acabava de desfrutar. Agora está de novo sem nada e inteiramente só. Mas os minutos de fraqueza duram pouco. Carlito levanta-se, dá um puxão na casaquinha para recuperar a linha, faz um molinete com a bengalinha e sai campo afora sem olhar para trás. Não tem um vintém, não tem uma afeição, não tem onde dormir nem o que comer. No entanto vai como um conquistador pisando em terra nova. Parece que o Universo é dele. E não tenham dúvida: o Universo é dele.

Com efeito, Carlito é poeta.

(Em: Crônicas da Província do Brasil. 1937.)

idiossincrasia: maneira de ser e de agir própria de cada pessoa.

Mamulengo: fantoche, boneco usado à mão em peças de teatro popular ou infantil.

Tabético: que tem andar desgovernado, sem muita firmeza.

dandismo: relativo ao indivíduo que se veste e se comporta com elegância.

pulhice: safadeza, canalhice.

estoicismo: resignação com dignidade diante do sofrimento, da adversidade, do infortúnio.

molinete: movimento giratório que se faz com a espada ou outro objeto semelhante.

24. Considerando que o título pode antecipar para o leitor o tema central do texto, assinale a opção que apresenta o título mais adequado.

- a) A representatividade de Carlito em O Circo.
- b) O heroísmo de Carlito.
- c) As representações da vida real por Chaplin.
- d) A recepção dos filmes de Chaplin.
- e) A dualidade no personagem Carlito.

Comentários: Lembre-se que o título deve apresentar o tema de um texto. Dentre as opções, a que melhor se encaixa no tema do texto é “heroísmo” de Carlito. A ideia de que Carlito é um herói é



referida indiretamente diversas vezes, mas principalmente no 16º parágrafo há a frase “Carlito é um verdadeiro professor de heroísmo”. Portanto a alternativa correta é alternativa B.

ATENÇÃO: já no primeiro parágrafo a ideia de heroísmo se apresenta em “Como os heróis das lendas populares (...)”. Lembre-se que nos primeiros parágrafos podem estar as principais informações para a interpretação.

A alternativa A está incorreta, pois o filme O Circo aparece apenas como um exemplo e não é o tema central da crônica.

A alternativa C está incorreta, pois Carlito não representa necessariamente a vida real, mas sim uma personagem.

A alternativa D está incorreta, pois a recepção dos filmes não são tema do texto, mas sim exemplos de como a personagem criada por Chaplin era vista por diferentes culturas.

A alternativa E está incorreta, pois não há reforço às dualidades da personagem como tema central do texto.

Gabarito: B

25. Considere o enunciado “Carlito é popular no sentido mais alto da palavra” e as informações de todo o texto. Na visão de Bandeira, a popularidade pode ser explicada pelo fato de Carlito

- I. ser apresentado com indumentária elegante.
- II. ser responsável por atrair grande público para os cinemas.
- III. retratar o tipo heroico americano, que não quer ser considerado malsucedido.
- IV. ter sido ajustado a partir das reações do público.

Está(ão) correta(s):

- a) apenas I e II.
- b) apenas I e III.
- c) apenas II e IV.
- d) apenas III e IV.
- e) todas.

Comentários:

O item I. está incorreto, pois a popularidade não está ligada às roupas elegantes. Bandeira descreve seus trajes como compostos de “fraquezinho humorístico, calças lambazonas, botinas escarrapachadas, cartolinha” (5º parágrafo).

O item II. está correto, pois a popularidade da personagem foi responsável pelos grande público nos cinemas.

O item III. está incorreto, pois Carlito representa a antítese do que o texto descreve como um herói americano.

O item IV. está correto, pois Bandeira descreve no início do texto que Carlito observava a reação do público para montar a personagem: “Chaplin observava sobre o público o efeito de cada detalhe.” (3º parágrafo)

Gabarito: C

26. De acordo com Bandeira,

- a) Carlito é essencialmente triste, apesar de não demonstrar.
- b) o público se identifica com Carlito, porque ele representa um tipo universal de simplicidade.



- c) Carlito faz sucesso nos Estados Unidos, porque é sonhador como os americanos.
- d) Carlito representa o lado heroico do ser humano, embora isso não seja explicitado em seus filmes.
- e) Carlito representa o lado debochado e despojado do ser humano, daí seu grande sucesso.

Comentários: A crônica é sobre o heroísmo de Carlito. Inicialmente descrito como um palhaço que passa por situações de sofrimento, o lado heroico de Carlito está justamente no fato de que, independente dos sofrimentos e dificuldades, a personagem encontra forças para seguir em frente – como na sequência descrita do filme O circo. Por isso, a alternativa correta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois a personagem demonstra tristeza. Ela apenas é capaz de superá-la e seguir em frente.

A alternativa B está incorreta, pois, apesar de facilmente identificável, não é possível afirmar-se que ele representa um tipo universal de simplicidade.

A alternativa C está incorreta, pois o sucesso da personagem nos EUA se deve a ser o modelo daquilo que o americano não deseja ser: inadequado. O americano quer não se identificar com a personagem.

A alternativa E está incorreta, pois não há no texto passagem que o descreva como debochado.

Gabarito: D

27. Sobre Charles Chaplin, o texto nos permite dizer que

- a) sua arte desperta diversas emoções e extrapola os limites geográficos.
- b) seu personagem Carlito originou-se das reações do público.
- c) seu personagem Carlito é apresentado como um tipo astuto e inteligente.
- d) seu personagem Carlito satiriza a miséria material e emocional do ser humano.
- e) sua arte desfaz no público sentimentos antagônicos.

Comentários: O texto afirma que Chaplin é capaz de despertar diferentes emoções e atingir diferentes locais no mundo. Isso pode ser confirmado por dois trechos: “Cada espectador pode encontrar nela o que procura: o riso, a crítica, o lirismo ou ainda o contrário de tudo isso.” (10º parágrafo); e “Não há hoje no mundo, em qualquer domínio de atividade artística, um artista cuja arte contenha maior universalidade que a de Charles Chaplin.” (1º parágrafo)

A alternativa B está incorreta, pois o texto afirma apenas que a personagem se modifica a partir do público, não que ela se origina.

A alternativa C está incorreta, pois a personagem é apresentada como triste e humorística.

A alternativa D está incorreta, pois ele não satiriza a miséria humana, mas sim a representa.

A alternativa E está incorreta, pois segundo o texto, ele suscita o humor, independente da razão que leva as pessoas a rirem dele.

Gabarito: A

28. Segundo Bandeira, o comportamento de Carlito é “uma lição de moral para educação da mocidade”, porque:

- a) contribui como modelo para a formação de pessoas hábeis e práticas.
- b) reforça a interpretação moral das pessoas, já que desejam se parecer com o personagem.
- c) o personagem é contraditório e as pessoas se identificam com isso.
- d) o personagem exibe uma grande humanidade.
- e) as pessoas rejeitam para si as características do personagem.



Comentários:



Essa questão apresentava uma dificuldade na sua análise. O trecho transcrito encontra-se no parágrafo 11. Nesse parágrafo, Bandeira fala sobre a recepção da personagem nos EUA. Releia o trecho:

“Nos Estados Unidos Carlito é o sujeito que não sabe fazer as coisas como todo mundo, que não sabe viver como os outros, não se acomoda em meio algum, – em suma um inadaptável. O espectador americano ri satisfeito de se sentir tão diferente daquele sonhador ridículo. É isto que faz o sucesso de Chaplin nos Estados Unidos. **Carlito com as suas lamentáveis aventuras constitui ali uma lição de moral para educação da mocidade no sentido de preparar uma geração de homens hábeis, práticos e bem quaisquer!**”

Ou seja, a lição de moral em Carlito está justamente nos americanos não repetirem suas ações, não absorverem suas características. Ele é um modelo do que não fazer nos EUA.

Por estar o trecho transcrito entre aspas, esperava-se que o aluno compreendesse que essa questão perguntava especificamente sobre o trecho transcrito e não sobre o texto todo. Por isso, a alternativa correta é alternativa E.

O aluno não poderia responder a essa questão sem voltar ao texto!

No entanto, o aluno poderia facilmente confundir com a alternativa D, já que essa é uma das mensagens do texto: que a personagem nos ensina sobre humanidade. Como a questão se refere especificamente a uma passagem, porém, essa questão não pode ser considerada correta.

A alternativa A está incorreta, pois ele não é visto como modelo dessas características pelas pessoas a que o trecho se refere.

A alternativa B está incorreta, pois as pessoas a que a questão se refere desejam ser o menos possível parecidas com ele.

A alternativa C está incorreta, pois as pessoas a que o trecho se refere não se identificam com suas contradições, mas sim buscam se afastar de suas características.

Gabarito: E

29. Segundo o texto, herói é aquele que

- a) comove as pessoas que o rodeiam.
- b) faz as pessoas levarem a vida de maneira leve.
- c) age de maneira corajosa e previsível.
- d) enfrenta as adversidades, ainda que tenha momentos de fraqueza.
- e) despreza o sucesso, embora o considere importante.

Comentários: O traço heroico de Carlito fica claro no penúltimo parágrafo, na descrição da cena final de O circo, em que Carlito “Agora está de novo sem nada e inteiramente só. Mas os minutos de fraqueza duram pouco.”. O herói, segundo o texto, é aquele que enfrenta as adversidades ainda que tenha momentos de fraqueza. Por isso, a alternativa correta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois o heroísmo de Carlito não é associado ao efeito que provoca nas outras pessoas.

A alternativa B está incorreta, pois Carlito nem sempre expõe a vida com leveza, ainda que saiba lidar com ela com altivez.



A alternativa C está incorreta, pois não é a coragem ou previsibilidade que fazem da personagem heroica, mas sim sua postura diante das dificuldades.

A alternativa E está incorreta, pois não há referência ao tratamento que Carlito dá ao sucesso no texto.

Gabarito: D

30. Considerando a estrutura do texto, pode-se dizer que Bandeira

I. vale-se de outro texto para refletir sobre a recepção do público americano aos filmes de Chaplin.

II. considera fatos da época para refletir sobre o comportamento dos americanos.

III. descreve cenas de filmes para enaltecer a criação de Chaplin.

IV. usa recursos linguísticos, como perguntas retóricas e adjetivos, para reforçar seu ponto de vista.

Está(ão) correta(s)

a) apenas I e II.

b) apenas I, II e IV.

c) apenas II, III e IV.

d) apenas III e IV.

e) todas.

Comentários:

O item I. está correto, pois Bandeira faz referência à entrevista dada por Pascin no 11º parágrafo.

O item II. está correto, pois Bandeira faz referência à guerra na Nicarágua no 12º parágrafo.

O item III. está correto, pois Bandeira faz referência a cenas do filme O Circo em diversos momentos do texto.

O item IV. está correto, pois em diversos momentos, Bandeira faz interrogações, perguntas retóricas, como forma de criar coesão entre os elementos do texto.

Gabarito: E

31. Depreende-se do texto que os americanos

I. procuram valorizar as particularidades das pessoas.

II. julgam as pessoas, conforme seu padrão de sucesso ou fracasso.

III. são incoerentes em suas atitudes.

IV. não reconhecem suas próprias fraquezas.

Está(ão) correta(s)

a) apenas I e II.

b) apenas I, II e IV.

c) apenas II, III e IV.

d) apenas III e IV.

e) todas.

Comentários:

O item I. está incorreto, pois o texto dá a entender que os americanos desejam uniformizar as pessoas dentro de um comportamento único considerado ideal, que não admite as fragilidades da personagem Carlito.

O item II. está correto, pois eles consideram Carlito uma pessoa fracassada.



O item III. está correto. Isso se comprova pela referência à postura incoerente dos americanos quanto à guerra: “o que propõe o pacto contra a guerra e ao mesmo tempo assalta a Nicarágua” (12º parágrafo).

O item IV. está correto, pois os americanos fogem da identificação com Carlito, pois ele representa traços de fraqueza que eles fingem não ter.

Gabarito: C

32. Assinale a opção em que NÃO há avaliação do autor.

- a) Não há hoje no mundo, em qualquer domínio de atividade artística, um artista cuja arte contenha maior universalidade que a de Charles Chaplin. (1º parágrafo).
- b) Chaplin observava sobre o público o efeito de cada detalhe. (4º parágrafo)
- c) Podia ser jocosa também, mas não era mais Carlito. (6º parágrafo)
- d) Isso por si só atestaria em Chaplin um extraordinário dom de discernimento psicológico. (9º parágrafo)
- e) Aqui é que começa a genialidade de Chaplin. (10º parágrafo)

Comentários:

A única alternativa em que o autor não faz juízo de valor é a alternativa B. Em “Chaplin observava sobre o público o efeito de cada detalhe”, Bandeira faz apenas uma constatação, relatando a prática de Chaplin na criação da personagem.

As expressões que denotam opinião do autor nas outras alternativas são:

Alternativa A, “Não há hoje no mundo”.

Alternativa C, “Podia ser jocosa também”.

Alternativa D, “um extraordinário dom”.

Alternativa E, “a genialidade de Chaplin”.

Gabarito: B

Texto 11

Ritos

Nos filmes americanos do passado, quando alguém estava falando ao telefone e a linha de repente era cortada, a pessoa batia repetidamente no gancho, dizendo “Alô? Alô?”, para ver se o outro voltava. Nunca vi uma linha voltar por esse processo, nem no cinema, nem na vida real, mas era assim que os atores faziam.

Assim como acontecia também com o ato de o sujeito enfiar a carta dentro do envelope e lamber este envelope para fechá-la. Era formidável a “nonchalance” com que os atores lambiam envelopes no cinema americano – a cola devia ser de primeira. Nos nossos envelopes, se não aplicássemos a possante goma arábica, as cartas chegariam abertas ao destino.

Outra coisa que sempre me intrigou nos velhos filmes era: o sujeito recebia um telegrama ou mensagem de um boy, enfiava a mão no bolso lateral da calça e já saía com uma moeda no valor certo da gorjeta, que ele atirava ao ar e o garoto pegava com notável facilidade. Ninguém tirava a moeda do bolsinho caça-níqueis, que é onde os homens costumam guardar moedas.

E ninguém tirava também um cigarro do maço e o levava à boca. Tirava-o da cigarreira ou de dentro do bolso mesmo, da calça ou do paletó. Ou seja, nos velhos filmes americanos, as pessoas andavam com os cigarros soltos pelos bolsos. Acho que era para não mostrar de graça, para milhões, a marca impressa no maço.



Já uma coisa que nunca entendi era por que todo mundo só entrava no carro pelo lado do carona e tinha de vencer aquele banco imenso, passando por cima das marchas, para chegar ao volante. Não seria mais prático, já que iriam dirigir, entrar pelo lado do motorista? Seria. Mas Hollywood, como tantas instituições, em Roma, Tegucigalpa ou Brasília, tinha seus ritos. E vá você entender os ritos, sacros ou profanos.

(Em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz2707200805.htm>. 27/07/2009)

Nonchalance: indiferença, desinteresse.

Tegucigalpa: capital de Honduras.

33. O Texto 2 é uma crítica

- a) à artificialidade dos ritos no cinema e na vida real.
- b) às produções hollywoodianas.
- c) à ausência de publicidade nos filmes.
- d) à qualidade dos produtos americanos.
- e) ao funcionamento de aparelhos tecnológicos.

Comentários: O texto produz uma crítica a ações consolidadas no cinema que na vida real não eram reprodutíveis ou faziam sentido. Por isso, a alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois a crítica não é exatamente a Hollywood, mas ao cinema como um todo.

A alternativa C está incorreta, pois a ausência de publicidade é apenas uma explicação encontrada para algumas ações e não uma crítica.

A alternativa D está incorreta, pois não se discute a qualidade dos produtos, mas sim a pertinência das ações.

A alternativa E está incorreta, pois não há referência crítica a aparelhos tecnológicos.

Gabarito: A

34. Está presente no Texto 10, de Manuel Bandeira, e no 11, de Ruy Castro

- a) a abordagem de que os filmes constroem realidades próprias.
- b) a descrição de gestos artificiais de personagens nos filmes.
- c) uma crítica a situações improváveis retratadas pelos filmes.
- d) a descrição de comportamentos do público de filmes americanos antigos.
- e) comentários sobre comportamentos inadequados dos americanos.

Comentários: Do mesmo modo que os filmes criam uma realidade própria, em que ações que na vida real não fariam sentido, também Chaplin criou uma personagem que vive o mundo à sua própria maneira. Por isso, a alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois não há referência à artificialidade dos gestos em Charles Chaplin no texto de Bandeira.

A alternativa C está incorreta, pois não há referência à crítica de situações improváveis nos filmes de Carlito no texto de Bandeira.

A alternativa D está incorreta, pois não há descrição do comportamento do público no texto de Ruy Castro.

A alternativa E está incorreta, pois não há referência ao comportamento dos americanos no texto de Ruy Castro.



Gabarito: A

(ITA – 2013)

Texto 12 - CRÔNICA

Escravos da tecnologia

Não, não vou falar das fábricas que atraem trabalhadores honestos e os tratam de forma desumana. Cada vez que um produto informa orgulhoso que foi desenhado na Califórnia e fabricado na China, sinto um arrepio na espinha. Conheço e amo essas duas partes do mundo.

Também conheço a capacidade de a tecnologia eliminar empregos. Parece o sonho de todo patrão: muita margem de lucro e poucos empregados. Se possível, nenhum! Tudo terceiro!

Conheço ainda como a tecnologia é capaz de criar empregos. Vivo há 15 anos num meio que disputa engenheiros e técnicos a tapa, digo, a dólares. O que acontece aí no Brasil, nessa área, acontece igualzinho no Vale do Silício: empresas tentando arrancar talentos umas das outras. Aqui, muitos decidem tentar a sorte abrindo sua própria start-up, em vez de encher o bolso do patrão. Estou rodeada também de investidores querendo fazer apostas para... voltar a encher os bolsos ainda mais.

Mas queria falar hoje de outro tipo de escravidão tecnológica. Não dos que dormiram na rua sob chuva para comprar o novo iPhone 4S... Quero reclamar de quanto nós estamos tendo de trabalhar de graça para os sistemas, cada vez que tentamos nos mover na internet. Isso é escravidão – e odeio isso.

Outro dia, fiz aniversário e fui reservar uma mesa num restaurante bacana da cidade. Achei o site do restaurante, lindo, e pareceu fácil de reservar on-line. Call on OpenTable, sistema bastante usado e eficaz por aqui. Escolhi dia, hora, informei número de pessoas e, claro, tive de dar meu nome, e-mail e telefone.

Dois dias antes da data marcada, precisei mudar o número de participantes, pois tive confirmação de mais pessoas. Entrei no site, mas aí nem o site nem o OpenTable podiam modificar a reserva on-line, pela proximidade do jantar. A recomendação era... telefonar ao restaurante! Humm... Telefonei. Secretária eletrônica. Deixei recado.

No dia seguinte um funcionário do restaurante me ligou, confirmando ter ouvido o recado e tudo certo com o novo tamanho da mesa. Incrível! Que felicidade ouvir um ser humano de verdade me dando a resposta que eu queria ouvir! Hoje, tentando dar conta da leitura dos vários e-mails que recebo, tentando arduamente não perder os relevantes, os imprescindíveis, os dos amigos, os da família e os dos leitores, recebi um do OpenTable.

Queriam que avaliasse minha experiência no restaurante. Tudo bem, concordo que ranking do público é coisa legal. Mas posso dizer outra coisa?

Não tenho tempo de ficar entrando em sites e preenchendo questionário de avaliação de cada refeição, produto e serviço que usufruo na vida! Simples assim! Sem falar que é chato! Ainda mais agora que os crescentes intermediários eletrônicos se metem no jogo entre o cliente e o fornecedor.

Quando o garçom ou o “maitre” perguntam se a comida está boa, você fica contente em responder, até porque eles podem substituir o prato se você não estiver gostando. Mas quando um terceiro se mete nessa relação sem ser chamado, pode ser excessivo e desagradável. Parece que todas as empresas do mundo decidiram que, além de exigir informações cadastrais, logins e senhas, e empurrar goela abaixo seus sistemas automáticos de atendimento, tenho agora de preencher fichas pós-venda eletronicamente, de modo que as estatísticas saiam prontas e baratinhas para eles do outro lado da tela, à custa do meu precioso tempo!



Por que o OpenTable tem de perguntar de novo o que achei da comida? Eu sei. Porque para o OpenTable essa informação tem um valor diferente. Não contente em fazer reservas, quis invadir a praia do Yelp, o grande guia local que lista e traz avaliações dos clientes para tudo quanto é tipo de serviço, a começar pelos restaurantes.

O Yelp, por sua vez, invadiu a praia do Zagat (recém-comprado pelo Google), tradicionalíssimo guia (em papel) de restaurantes, que, por décadas, foi alimentado pelas avaliações dos leitores, via correio. As relações cliente-fornecedor estão mudando. Não faltarão “redutores” de custos e atravessadores on-line.

(Marion Strecker. Folha de S. Paulo, 20/10/2011. Texto adaptado.)

(*) Start-up: Empresa com baixo custo de manutenção, que consegue crescer rapidamente e gerar grandes e crescentes lucros em condições de extrema incerteza.

35. O aspecto da noção de sistema criticado no texto diz respeito

- a) à fabricação de produtos tecnológicos em mais de um país.
- b) ao uso de mecanismos computacionais para colher informações dos consumidores.
- c) aos mecanismos eletrônicos para fazer reservas.
- d) à forma como foram elaborados os guias Yelp e Zagat.
- e) à terceirização da fabricação de produtos e da prestação de serviços.

Comentários: A crítica do texto é acerca do colhimento de informações dos consumidores, fazendo com que o consumidor gere estatísticas para as empresas. Além disso, todos os processos demandam logins cheios de dados, o que demanda muito tempo do consumidor. Por isso, a alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois a fabricação de produtos tecnológicos em mais de um país é apenas um exemplo de fato que incomoda a autora, mas não é a crítica central do texto.

A alternativa C está incorreta, pois a crítica é a o recolhimento de dados na internet, não apenas aos mecanismos de reservas.

A alternativa D está incorreta, pois não há menção à elaboração dos guias, mas sim aos sistemas online.

A alternativa E está incorreta, pois o texto não se desenvolve em torno da forma como os produtos são produzidos, mas sim ao uso da internet.

Gabarito: B

36. Assinale a opção em que o trecho NÃO apresenta uma interpretação subjetiva da autora.

- a) Parece o sonho de todo patrão: muita margem de lucro e poucos empregados. (2º parágrafo)
- b) Isso é escravidão – e odeio isso. (4º parágrafo)
- c) Dois dias antes da data marcada, precisei mudar o número de participantes, pois tive a confirmação de mais pessoas. (6º parágrafo)
- d) Tudo bem, concordo que ranking de público é coisa legal. (8º parágrafo)
- e) Mas quando um terceiro se mete nessa relação sem ser chamado, pode ser excessivo e desagradável. (10º parágrafo)

Comentários: A única alternativa que não apresenta traços da opinião da autora é alternativa C, pois é apenas uma narração dos fatos que a levaram a ter outro contato com o restaurante.

As marcas de discurso subjetivo nas outras alternativas são:



Alternativa A, “Parece o sonho de todo patrão”.

Alternativa B, “e odeio isso”.

Alternativa D, “é coisa legal”.

Alternativa E, “pode ser excessivo e desagradável”.

Gabarito: C

37. Em diversos momentos do texto, a autora dialoga com o leitor, antecipando possíveis reações dele. Assinale a opção em que no trecho selecionado NÃO há essa antecipação.

- a) Não, não vou falar das fábricas que atraem trabalhadores honestos e os tratam de forma desumana. (1º parágrafo)
- b) Não dos que dormiram na rua sob chuva para comprar o novo iPhone 4S ... (4º parágrafo)
- c) Mas posso dizer outra coisa? (8º parágrafo)
- d) Eu sei. Porque para o OpenTable essa informação tem um valor diferente. (11º parágrafo)
- e) As relações cliente-fornecedor estão mudando. (12º parágrafo)

Comentários: A única alternativa que não estabelece diálogo com o leitor é alternativa E, que apresenta uma frase declarativa. O apagamento da primeira pessoa (eu) e a construção com o “estão” (não deixando marca de dúvidas) são indícios disso.

Na alternativa A, as marcas do diálogo estão em: “Não, não vou falar (...)”, indicando antecipação da reação do leitor.

Na alternativa B, as marcas do diálogo estão em “Não dos que (...)”, indicando antecipação da reação do leitor.

Na alternativa C, as marcas do diálogo estão em “posso dizer outra coisa?”, indicando conversa com o leitor.

Na alternativa D, as marcas do diálogo estão em “Eu sei”, indicando antecipação da reação do leitor.

Gabarito: E

Texto 13 - ENTREVISTA

Trecho de uma entrevista com o escritor canadense Don Tapscott.

Jornalista: _____

Don Tapscott: Quando falamos em informação livre, em transparência, falamos de governos, de empresas, não do ser humano comum. As pessoas não têm obrigação de expor seus dados, seus gostos. Ao contrário, elas têm a obrigação de manter a privacidade. Porque a garantia da privacidade é um dos pilares de nossa sociedade. Mas vivemos num mundo em que as informações pessoais circulam, e essas informações formam um ser virtual. Muitas vezes, esse ser virtual tem mais dados sobre você do que você mesmo. Exemplo: você pode não lembrar o que comprou há um ano, o que comeu ou que filme viu há um ano. Mas a empresa de cartão de crédito sabe, o Facebook pode saber. Muitas pessoas defendem toda essa abertura, mas isso pode ser muito perigoso por uma série de razões. Há muitos agentes do mal por aí, pessoas que podem coletar informações a seu respeito para prejudica-lo. Muitas vezes somos nós que oferecemos essa informação. Por exemplo, 20% dos adolescentes nos Estados Unidos enviam para as namoradas ou namorados fotos em que aparecem nus. Quando uma menina de 14 anos faz isso, ela não tem ideia de onde vai parar essa imagem. O namorado pode estar mal-intencionado ou ser ingênuo e compartilhar a foto.

Jornalista: E as informações que não fornecemos, mas que coletam sobre nós por meio da visita a websites ou pelo consumo?

Don Tapscott: Há dois grandes problemas. Um é o que chamo de Big Brother 2.0, que é diferente daquela ideia de ser filmado o tempo todo por um governo. Esse Big Brother 2.0 é a coleta sistemática de informações feita pelos governos. O segundo problema é o “little brother” – as empresas que também coletam informações a nosso respeito por razões econômicas, para definir nosso perfil e nos bombardear com publicidade. Muitas empresas, como o Facebook, querem é que a gente forneça mais e mais informações sobre nós mesmos porque isso tem valor. Às vezes, isso pode até ser vantajoso. Se eu, de fato, estiver procurando um carro, seria ótimo receber publicidade de carros diretamente. Mas e se essas empresas tentarem manipulá-lo? Podem usar sofisticados instrumentos de psicologia para motivá-lo a fazer alguma coisa sobre a qual você nem estava pensando.

Jornalista: O que podemos fazer para evitar isso?

Don Tapscott: Precisamos de mais leis sobre como essas informações são usadas. É necessário ficar claro que os dados coletados serão usados apenas para um propósito específico e que esse conjunto de dados não pode ser vendido para outros sem a sua permissão.

(Folha de S. Paulo, 12/07/2012. Texto adaptado.)

38. Para o entrevistado, a coleta de informações

- I. por indivíduos pode ser prejudicial às pessoas.
- II. pelo “little brother” é mais danosa do que a pelo Big Brother 2.0.
- III. por empresas pode ser danosa se as pessoas não souberem para que são usadas.

Está(ão) correta(s) apenas:

- a) I.
- b) I e III.
- c) II.
- d) II e III.
- e) III.

Comentários:

O item I. está correto. Isso se confirma pela passagem: “Mas e se essas empresas tentarem manipulá-lo? Podem usar sofisticados instrumentos de psicologia para motivá-lo a fazer alguma coisa sobre a qual você nem estava pensando” (2ª resposta).

O item II. está incorreto. Isso se confirma pela passagem: “Há dois grandes problemas” (2ª resposta), sem fazer juízo de qual é mais danosa.

O item III. está correto. Isso se confirma pela passagem: “É necessário ficar claro que os dados coletados serão usados apenas para um propósito específico e que esse conjunto de dados não pode ser vendido para outros sem a sua permissão” (2ª resposta).

Gabarito: B

39. Assinale a opção que apresenta a melhor pergunta do jornalista (1ª linha do texto) para a resposta do entrevistado.

- a) Qual sua opinião sobre o uso que as empresas fazem da Internet?
- b) O senhor vê grandes mudanças na comunicação hoje, após o advento da Internet?
- c) Qual sua opinião sobre o comportamento dos jovens hoje na Internet?



d) Hoje, quando tanto se fala de troca de informações on-line, como fica a questão da privacidade?

e) Atualmente, por que os governos precisam de tantas informações sobre as pessoas comuns?

Comentários: Para entender qual a pergunta feita, é preciso analisar dois pontos: a primeira sentença proferida pelo entrevistado e quais as partes mais importantes da resposta.

A primeira parte da resposta diz: “Quando falamos em informação livre, em transparência, falamos de governos, de empresas, não do ser humano comum”. Isso indica que um dos assuntos principais deve ser a **circulação de informações**.

O longo da resposta, algumas palavras serão essenciais para a resposta: **privacidade, dados e oferta de informação**.

Por isso, a alternativa que melhor corresponde à resposta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois cita diversos exemplos de troca de informações, não só por parte das empresas.

A alternativa B está incorreta, pois a resposta não fala sobre a comunicação de modo geral, mas sim sobre a troca de dados concretos na internet.

A alternativa C está incorreta, pois o comportamento dos jovens e apenas uma das questões levantadas na resposta.

A alternativa E está incorreta, pois não se fala especificamente apenas dos governos, como de empresas privadas também.

Gabarito: D

40. Os Textos 12 (Escravos da tecnologia) e 13 (trecho de uma entrevista com Don Tapscott) têm em comum:

a) a crítica à exposição da privacidade dos usuários da Internet pelas empresas.

b) as avaliações da autora (Texto 1) e do entrevistado (Texto 2) em relação ao uso atual da Internet.

c) o apontamento de mais aspectos positivos que negativos no uso da Internet.

d) a crítica ao fornecimento voluntário de dados por usuários da Internet para as empresas.

e) a ingenuidade dos internautas quanto ao fornecimento de informações.

Comentários: Os dois textos pensam nos usos da internet no contemporâneo: o texto 12, na relação intermediada pela internet entre consumidores e empresas que oferecem o serviço; e no texto 13 ao uso de dados pessoais dos usuários para fins não justificados ou autorizados na internet. Por isso, a alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois no texto 12 não há crítica à invasão de privacidade, mas sim à relação que ocorre na internet entre consumidor e produto oferecido.

A alternativa C está incorreta, pois ambos os textos se focam em criticar algum aspecto da internet.

A alternativa D está incorreta, pois os textos criticam a postura das empresas na internet, não dos usuários.

A alternativa E está incorreta, pois no texto 12 não há crítica à ingenuidade dos usuários, e sim à demanda por parte das empresas.

Gabarito: B

Texto 14 – NOTÍCIA



Nove em cada dez usuários de Internet recebem spams em seus e-mails corporativos, segundo estudo realizado pela empresa alemã Antispameurope, especializada em lixo eletrônico virtual. Cada trabalhador perde, em média, sete minutos por dia limpando a caixa de mensagens, e essa quebra na produtividade custa € 828 – pouco mais de R\$ 2,3 mil – anuais às empresas.

Tomando-se como base os números apontados pela pesquisa, uma corporação de médio porte, com mil funcionários, perde, portanto, € 828 mil por ano – ou R\$ 2,3 milhões – com esta prática que é considerada, apesar de simplória, uma verdadeira praga da modernidade.

O spam remete às mensagens não-solicitadas enviadas em massa, geralmente utilizadas para fins comerciais, e pode de fato prejudicar consideravelmente a produtividade no ambiente de trabalho.

Um relatório da Symantec, empresa de segurança virtual, mostra que o Brasil é o segundo maior emissor de spam do mundo, com geração de 10% de todo o fluxo de mensagens indesejadas na rede mundial de computadores. Os campeões são os norte-americanos, com 26%. [...]

(Rodrigo Capelo. <http://www.vocecommaistempo.com.br>. Acesso em: 23/09/2012. Texto adaptado.)

41. Um título que contempla o conteúdo abordado no texto é:

- a) Spam: Estados Unidos e Brasil lideram o ranking.
- b) Spam: preocupação de empresas europeias.
- c) Spam: perda de tempo e prejuízos financeiros.
- d) Spam: praga da modernidade.
- e) Spam: nova forma de propaganda.

Comentários: Lembre-se que o título de uma matéria deve resumir o tema explorado. Por isso, deve-se buscar o que é mais importante no texto para definir um título. Dois elementos têm destaque no texto: o tempo que os funcionários perdem apagando e-mails e quanto essa perda de tempo representa financeiramente para as empresas. Por isso, a alternativa correta é alternativa C.

A alternativa A está incorreta, pois isso é apenas um dos dados apresentados, mas não é o problema central do texto.

A alternativa B está incorreta, pois o texto apenas aponta que foi uma empresa europeia a responsável por realizar a pesquisa que forneceu os dados.

A alternativa D está incorreta, pois o spam não é necessariamente um problema da modernidade, mas sim um problema de escolha das empresas.

A alternativa E está incorreta, pois o texto não aborda o conteúdo dos spams, e sim a quantidade de e-mails enviados e seus efeitos.

Gabarito: C

(ITA – 2012)

Texto 15 - CRÔNICA

Moradores de Higienópolis admitiram ao jornal Folha de S. Paulo que a abertura de uma estação de metrô na avenida Angélica traria "gente diferenciada" ao bairro. Não é difícil imaginar que alguns vizinhos do Morumbi compartilhem esse medo e prefiram o isolamento garantido com a inexistência de transporte público de massa por ali.



Mas à parte o gosto exacerbado dos paulistanos por levantar muros, erguer fortalezas e se refugiar em ambientes distantes do Brasil real, o poder público não fez a sua parte em desmentir que a chegada do transporte de massas não degrade a paisagem urbana.

Enrique Peñalosa, ex-prefeito de Bogotá, na Colômbia, e grande especialista em transporte coletivo, diz que não basta criar corredores de ônibus bem asfaltados e servidos por diversas linhas. Abrigos confortáveis, boa iluminação, calçamento, limpeza e paisagismo que circundam estações de metrô ou pontos de ônibus precisam mostrar o status que o transporte público tem em uma determinada cidade.

Se no entorno do ponto de ônibus, a calçada está esburacada, há sujeira e a escuridão afugenta pessoas à noite, é normal que moradores não queiram a chegada do transporte de massa.

A instalação de linhas de monotrilho ou de corredores de ônibus precisa vitaminar uma área, não destruí-la.

Quando as grades da Nove de Julho foram retiradas, a avenida ficou menos tétrica, quase bonita. Quando o corredor da Rebouças fez pontos muito modestos, que acumulam diversos ônibus sem dar vazão a desembarques, a imagem do engarrafamento e da bagunça vira um desastre de relações públicas.

Em Istambul, monotrilhos foram instalados no nível da rua, como os "trams" das cidades alemãs e suíças. Mesmo em uma cidade de 16 milhões de habitantes na Turquia, país emergente como o Brasil, houve cuidado com os abrigos feitos de vidro, com os bancos caprichados – em formato de livro – e com a iluminação. Restou menos espaço para os carros porque a ideia ali era tentar convencer na marra os motoristas a deixarem mais seus carros em casa e usarem o transporte público.

Se os monotrilhos do Morumbi, de fato, se parecerem com um Minhocão*, o Godzilla do centro de São Paulo, os moradores deveriam protestar, pedindo melhorias no projeto, detalhamento dos materiais, condições e impacto dos trilhos na paisagem urbana. Se forem como os antigos bondes, ótimo.

Mas se os moradores simplesmente recusarem qualquer ampliação do transporte público, que beneficiará diretamente os milhares de prestadores de serviço que precisam trabalhar na região do Morumbi, vai ser difícil acreditar que o problema deles não seja a gente diferenciada que precisa circular por São Paulo.

(Raul Juste Lores. Folha de S. Paulo, 07/10/2010. Adaptado.)

(*) Elevado Presidente Costa e Silva, mais conhecido como Minhocão, é uma via expressa que liga o Centro à Zona Oeste da cidade de São Paulo.

42. Todas as opções abaixo estão respaldadas no texto. Assinale a que contém a ideia central.

- a) O transporte público exige medidas técnicas e administrativas, além de cuidado com a paisagem urbana.
- b) As pessoas contrárias à instalação da estação do metrô são movidas por preconceito.
- c) Os paulistanos constroem o espaço onde vivem de modo a se isolarem das adversidades sociais.
- d) As experiências de transporte público de outras cidades poderiam ser adotadas em São Paulo.



e) A instalação de linhas de ônibus e de metrô deve propiciar o desenvolvimento da área em que se encontram.

Comentários: O texto afirma que a construção de um metrô deve ser acompanhada de outras medidas, como melhorias nas calçadas e iluminação para que seja efetiva. Isso garante que mais pessoas utilizem o transporte e sejam favoráveis a ele. Por isso, a alternativa correta é alternativa A. A alternativa B está incorreta, pois o texto afirma que pode ser que os moradores estejam preocupados com o impacto estrutural da construção do metrô.

A alternativa C está incorreta, pois o autor não generaliza essa postura a todos os paulistanos.

A alternativa D está incorreta, pois as outras experiências são tidas como exemplos bem-sucedidos, não necessariamente para serem copiados.

A alternativa E está incorreta, pois apesar de ser uma afirmação correta, a ideia central do texto é de que a causa da rejeição à instalação do transporte público no bairro pode se dever por dois motivos: o preconceito em si; ou à falta de trabalho estrutural no entorno do metrô para que se torne uma opção viável de transporte.

Gabarito: A

43. O fato de parte de moradores de Higienópolis recusar a instalação de uma nova estação de metrô na avenida Angélica é justificável, uma vez que

- a) o isolamento em condomínios fechados é preferível para eles.
- b) o poder público não desmentiu a possível degradação do espaço público com a instalação do metrô.
- c) a chegada de transporte de massas não traria melhoria para a região.
- d) não há público para o uso dessa linha de metrô.
- e) eles usam mais seus carros e não necessitam do metrô.

Comentários: Apesar de fundada num preconceito, a ideia de parte dos moradores do Higienópolis não foi desmentida pelo poder público, que não se pronunciou contrariamente ao que foi apontado. Assim, os moradores se sentiram legitimados em seu pensamento, uma vez que o Governo não deu garantias em contrário. Por isso, a alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois não há indicação no texto de que esses moradores preferiam morar num condomínio isolado, mas sim que eles não queriam uma estação de metrô na região.

A alternativa C está incorreta, pois não há nenhuma indicação das possíveis melhorias no texto para que se possa afirmar que isso era o que causava a indignação.

A alternativa D está incorreta, pois o texto afirma que há muitos prestadores de serviço na região que se beneficiariam da medida.

A alternativa E está incorreta, pois não há comparativo entre os usos do transporte no texto, sendo impossível fazer tal afirmação.

Gabarito: B

44. Leia os seguintes enunciados:

I. Partindo de um fato noticioso – a reação de moradores diante da intenção da Prefeitura de São Paulo em construir uma estação do metrô na avenida Angélica –, o autor questiona a eficiência do transporte público na cidade.

II. Para o autor, a valorização do transporte coletivo urbano está atrelada a aspectos estruturais e arquitetônicos das estações de metrô e pontos de ônibus.



III. A informação sobre o número de habitantes da cidade de Istambul e a comparação do Brasil com a Turquia permitem que o leitor avalie a possibilidade de iniciativas para a melhoria do transporte coletivo em São Paulo.

Está correto o que se afirma apenas em

- a) I e II.
- b) I e III.
- c) II.
- d) II e III.
- e) III.

Comentários:

O item I. está incorreto, pois o autor não questiona se o transporte é eficiente ou não, apenas expõe os motivos que podem levar à população a rejeitar a construção do metrô.

O item II. está correto, pois segundo o autor, a construção do metrô deve ser acompanhada de outras mudanças estruturais para incentivar seu uso.

O item III. está correto, pois a cidade de Istambul tem perfil bastante parecido com São Paulo, assim como a Turquia também é um país emergente – como o Brasil. Assim, é mais fácil para o leitor realizar uma comparação entre ambas.

Gabarito: D

45. Assinale a opção que NÃO se pode pressupor do texto.

- a) O transporte de massas em São Paulo pode degradar a paisagem urbana.
- b) Os pontos de ônibus do corredor da Rebouças dificultam o trânsito.
- c) Em Istambul, as estações de monotrilho não reduziram os espaços para os carros.
- d) Numa cidade de 16 milhões de habitantes em um país emergente não se espera o cuidado com os abrigos, bancos e iluminação.
- e) A criação de corredores de ônibus bem asfaltados e servidos por diversas linhas é condição necessária, mas não suficiente.

Comentários: A única afirmação que não se pode confirmar a partir do texto é a alternativa C, pois no parágrafo em que relata a experiência da Turquia o autor diz que “Restou menos espaço para os carros porque a ideia ali era tentar convencer na marra os motoristas a deixarem mais seus carros em casa e usarem o transporte público” (7º parágrafo).

A alternativa A se pode confirmar em: “Se no entorno do ponto de ônibus, a calçada está esburacada, há sujeira e a escuridão afugenta pessoas à noite, é normal que moradores não queiram a chegada do transporte de massa” (4º parágrafo).

A alternativa B se pode confirmar em: “Quando o corredor da Rebouças fez pontos muito modestos, que acumulam diversos ônibus sem dar vazão a desembarques, a imagem do engarrafamento e da bagunça vira um desastre de relações públicas” (6º parágrafo).

A alternativa D se pode confirmar pelo uso da palavra “mesmo” em: “Mesmo em uma cidade de 16 milhões de habitantes na Turquia, país emergente como o Brasil, houve cuidado com os abrigos feitos de vidro, com os bancos caprichados – em formato de livro – e com a iluminação” (7º parágrafo).

A alternativa E se pode confirmar em: “A instalação de linhas de monotrilho ou de corredores de ônibus precisa vitaminar uma área, não destruí-la” (5º parágrafo).



Gabarito: C

46. No texto, o segmento que NÃO expressa uma avaliação do autor é

- a) [...] à parte o gosto exacerbado dos paulistanos por levantar muros [...] (2º parágrafo)
- b) [...] a avenida ficou menos tétrica, quase bonita. (6º parágrafo)
- c) [...] a imagem do engarrafamento e da bagunça vira um desastre de relações públicas. (6º parágrafo)
- d) Em Istambul, monotrilhos foram instalados no nível da rua, como os “trams” das cidades alemãs e suíças. (7º parágrafo)
- e) Se forem como os antigos bondes, ótimo. (8º parágrafo)

Comentários: Na alternativa D o autor apenas faz uma descrição de como são os monotrilhos instalados em Istambul. Não há juízo de valor se esses monotrilhos são positivos ou negativos. Por isso, a alternativa que não apresenta avaliação do autor é alternativa D.

Na alternativa A, a opinião do autor fica expressa em: “o gosto exacerbado”.

Na alternativa B, a opinião do autor fica expressa em: “ficou menos tétrica, quase bonita”.

Na alternativa C, a opinião do autor fica expressa em: “um desastre de relações públicas”.

Na alternativa E, a opinião do autor fica expressa em: “ótimo”.

Gabarito: D

Texto 16 – ARTIGO

Gosto de olhar as capas das revistas populares no supermercado nestes tempos de corrida do ouro da classe C. A classe C é uma versão sem neve e de biquíni do Yukon do tio Patinhas quando jovem pato. Lembro do futuro milionário disneyano enfrentando a nevasca para obter suas primeiras patacas. Era preciso conquistar aquele território com a mesma sofreguidão com que se busca, agora, fincar a bandeira do consumo no seio dos emergentes brasileiros.

Em termos jornalísticos, é sempre aquela concepção de não oferecer o biscoito fino para a massa. É preciso dar o que a classe C quer ler – ou o que se convencionou a pensar que ela quer ler. Daí as políticas de didatismo nas redações, com o objetivo de deixar o texto mastigado para o leitor e tornar estanque a informação dada ali. Como se não fosse interessante que, ao não compreender algo, ele fosse beber em outras fontes. Hoje, com a Internet, é fácil, está ao alcance da vista de quase todo mundo.

Outro aspecto é seguir ao pé da letra o que dizem as pesquisas na hora de confeccionar uma revista popular. Tomemos como exemplo a pesquisa feita por uma grande editora sobre “a mulher da classe C” ou “nova classe média”. Lá, ficamos sabendo que: a mulher da classe C vai consumir cada vez mais artigos de decoração e vai investir na reforma de casa; que ela gasta muito com beleza, sobretudo o cabelo; que está preocupada com a alimentação; e que quer ascender social e profissionalmente. É com base nestes números que a editora oferece o produto – a revista – ao mercado de anunciantes. Normal.

Mas no que se transformam, para o leitor, estes dados? Preocupação com alimentação? Dietas amalucadas? A principal chamada de capa destas revistas é alguma coisa esdrúxula como: “perdi 30 kg com fibras naturais”, “sequei 22 quilos com cápsulas de centelha asiática”, “emagreci 27 kg com florais de Bach e colágeno”, “fiquei magra com a dieta da aveia” ou “perdi 20 quilos só comendo linhaça”. Pelo amor de Deus, quem é que vai passar o dia comendo linhaça? Estão confundindo a classe C com passarinho, só pode.



Quer reformar a casa? Nada de dicas de decoração baratas e de bom gosto. O objetivo é ensinar como tomar empréstimo e comprar móveis em parcelas. Ou então alguma coisa “criativa” que ninguém vai fazer, tipo uma parede toda de filtros de café usados. Juro que li isso. A parte de ascensão profissional vem em matérias como “fiquei famosa vendendo bombons de chocolate feitos em casa” ou “lucro 2500 reais por mês com meus doces”. Falar das possibilidades de voltar a estudar, de ter uma carreira ou se especializar para ser promovido no trabalho? Nada. Dicas culturais de leitura, filmes, música, então, nem pensar.

Cada vez que vejo pesquisas dizendo que a mídia impressa está em baixa penso nestas revistas. A internet oferece grátis à classe C um cardápio ainda pobre, mas bem mais farto. Será que a nova classe média quer realmente ler estas revistas? A vendagem delas é razoável, mas nada impressionante. São todas inspiradas nas revistas populares inglesas, cuja campeã é a “Take a Break”. A fórmula é a mesma de uma “Sou + Eu”: dietas, histórias reais de sucesso ou escabrosas e distribuição de prêmios. Além deste tipo de abordagem também fazem sucesso as publicações de fofocas de celebridades ou sobre programas de TV – aqui, as novelas.

Sei que deve ser utopia, mas gostaria de ver publicações para a classe C que ensinassem as pessoas a se alimentar melhor, que mostrassem como a obesidade anda perigosa no Brasil porque se come mal. Atacando, inclusive, refrigerantes, redes de fast food e guloseimas, sem se preocupar em perder anunciantes. Que priorizassem não as dietas, mas a educação alimentar e a importância de fazer exercícios e de levar uma vida saudável. Gostaria de ver reportagens ensinando as mulheres da classe C a se sentirem bem com seu próprio cabelo, muitas vezes cacheado, em vez de simplesmente copiarem as famosas. Que mostrassem como é possível se vestir bem gastando pouco, sem se importar com marcas.

Gostaria de ler reportagens nas revistas para a classe C alertando os pais para que vejam menos televisão e convivam mais com os filhos. Que falassem da necessidade de tirar as crianças do computador e de levá-las para passear ao ar livre. Que tivessem dicas de livros, notícias sobre o mundo, ciências, artes – é possível transformar tudo isso em informação acessível e não apenas para conhecedores, como se a cultura fosse patrimônio das classes A e B. Gostaria, enfim, de ver revistas populares que fossem feitas para ler de verdade, e que fizessem refletir. Mas a quem interessa que a classe C tenha suas próprias ideias?

(Cynara Menezes, 15/07/2011, em: <http://www.cartacapital.com.br/politica/o-que-quer-a-classe-c>)

47. Embora todas as opções estejam respaldadas no texto, a crítica mais abrangente da autora às revistas dirigidas às mulheres da classe C deve-se ao fato de tais revistas

- a) sugerirem dietas amalucadas.
- b) fornecerem soluções equivocadas para os anseios das mulheres da classe C.
- c) levarem muito a sério as pesquisas sobre as mulheres da classe C.
- d) sugerirem às possíveis leitoras terem seus próprios negócios.
- e) terem como principal preocupação o consumo.

Comentários: A autora afirma que as revistas focadas na classe C se baseiam em pesquisas vagas e acabam fornecendo soluções que nem sempre respondem aos anseios das mulheres dessa classe. As revistas promovem soluções sem sentido para os reais problemas das mulheres de classe C. Por isso, a alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois as dietas amalucadas são apenas um dentre os exemplos de problemas das revistas.



A alternativa C está incorreta, pois as revistas observam as pesquisas apenas superficialmente, já que não são capazes de promover soluções boas verdadeiramente.

A alternativa D está incorreta, pois os relatos de mulheres bem-sucedidas em seus negócios próprios são apenas um exemplo de matérias criticadas, não o centro do texto.

A alternativa E está incorreta, pois o consumo exagerado é apenas um dos problemas levantados. Saúde e autoestima também são questões que a autora aponta.

Gabarito: B

48. Para a autora, um bom texto é aquele que

- I. explicita ao máximo as informações para o leitor.
- II. leva o leitor a procurar outras fontes de informação.
- III. possibilita a reflexão do leitor.
- IV. necessita de pouco tempo para ser lido e compreendido.

Está correto o que se afirma apenas em

- a) I e II.
- b) I e III.
- c) II e III.
- d) II e IV.
- e) III e IV.

Comentários:

O item I. está incorreto. No 2º parágrafo do texto a autora critica os textos excessivamente fáceis: “Daí as políticas de didatismo nas redações, com o objetivo de deixar o texto mastigado para o leitor e tornar estanque a informação dada ali”.

O item II está correto, pois a autora afirma, sobre os hábitos dos leitores, que é “interessante que, ao não compreender algo, ele fosse beber em outras fontes” (2º parágrafo).

O item III está correto. Isso se confirma pelo trecho “Gostaria, enfim, de ver revistas populares que fossem feitas para ler de verdade, e que fizessem refletir” (8º parágrafo).

O item IV está incorreto, pois, como dito no item acima, a autora defende uma leitura mais reflexiva e menos automática.

Gabarito: C

49. Os Textos 15 e 16 dialogam, por abordarem

- a) a alienação da população em geral.
- b) o descaso dos mais ricos pelos mais pobres.
- c) questões que envolvem classes sociais.
- d) a passividade dos mais pobres.
- e) a convivência entre as pessoas de diferentes estratos sociais.

Comentários: Ambos os textos dialogam com a questão de classe social. No texto 15, há um embate de classes entre os que moram em um bairro nobre e não querem mais transporte público contra os prestadores de serviços daquele bairro, que precisam de mais transporte para chegar ao trabalho. Já no texto 16 o embate é entre aquilo que as mulheres de classe C de fato precisam e desejam contra aquilo que a grande mídia acredita que elas precisam. Por isso, a alternativa correta é alternativa C.



A alternativa A está incorreta, pois o foco do texto 15 são os moradores de um bairro nobre de São Paulo e o do texto 16 são as mulheres de classe C.

A alternativa B está incorreta, pois no texto 16 o descaso com os mais pobres é por parte da grande mídia, o que não significa exatamente os mais ricos.

A alternativa D está incorreta, pois não há a questão da passividade dos mais pobres analisada criticamente em nenhum dos textos.

A alternativa E está incorreta, pois no texto 16 não se levanta a questão da convivência entre classes sociais diferentes.

Gabarito: C

Referências

MEYER, Philip. Os jornais podem desaparecer? – Como salvar o jornalismo na Era da Informação. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

TUCHMAN, Gaye. A objetividade como ritual estratégico. In: TRAQUINA, Nelson (org.). Jornalismo: questões, teoria e histórias. Lisboa. Vega. 1993. p. 74 a 90.

Imagens

p.04 – Disponível em: <<https://wikileaks.org/>> Acesso em 09 abr. 2019.

p. 09 – Disponível em: <<https://www.ifla.org/node/11174>> Acesso em 08 abr. 2019.

Considerações finais

Como você deve ter percebido, é muito importante que você leia textos jornalísticos para se habituar à linguagem e estrutura dos textos. Isso vai facilitar a interpretação do texto e otimizar seu tempo de prova.

Na próxima aula, continuaremos nossa prática de redação. Nessa aula, veremos:

- Estudando a Introdução II;
- Exercícios de identificação de temática; desenvolvimento de argumentos e planejamento de redação;
- Temas: Conflitos internos do ser humano (2 propostas); e
- Temas: O ser humano e a sociedade (2 propostas).



Até lá, continue lendo jornais e revistas, principalmente os online! Assim, você vai chegar à aula de redação com mais repertório para criar argumentos para suas redações. Qualquer dúvida estou à disposição no fórum, e-mail ou Instagram!

Profª Celina Gil



/professora.celina.gil



Professora Celina Gil



@professoracelinagil

Versão	Data	Modificações
1	14/04/2019	Primeira versão do texto.

